

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP

Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa

Danielle Maximo Plens Pinelli

Referenciação em fórum digital:
uma contribuição para o ensino de Língua Portuguesa

Mestrado em Língua Portuguesa

São Paulo

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa

Danielle Maximo Plens Pinelli

Referenciação em fórum digital:

uma contribuição para o ensino de Língua Portuguesa

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa, sob a orientação da Professora Dra. Vanda Maria da Silva Elias.

São Paulo

2009

Banca Examinadora

Dedicatória

Dedico este trabalho a todas as pessoas que acompanharam minha busca por esse sonho, em especial, a professora Vanda, ao meu marido Ivan, a minha mãe e ao meu pai (in memoriam).

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela presença constante que toca ao meu coração, fazendo-me sentir, diariamente, o seu amor, a sua presença, a força interior de conquistar a todos os meus sonhos, entre eles, o Mestrado.

Devo agradecer, especialmente, à Profa. Dra. Vanda Maria da Silva Elias, pela brilhante orientação em todas as etapas de meu curso de mestrado, sempre de maneira dedicada e carinhosa, sabendo dosar, com seriedade e compromisso, as intervenções críticas necessárias a um trabalho científico, dando-me, principalmente, a liberdade de caminhar e desenvolver meu projeto de modo autônomo e reflexivo.

Agradeço, especialmente, à Profa. Dra. Ingedore Villaça Koch, pela honra em receber suas observações em meu trabalho, pela atenção, carinho, dedicação e contribuição não só para mim, mas também para o ensino de Língua Portuguesa em nosso país.

Agradeço muito à Profa. Dra. Ana Rosa Dias pelas ricas observações realizadas em minha qualificação, e em sala de aula, pela seriedade com que realiza o seu trabalho, pelo empenho e dedicação ao nosso curso de pós-graduação.

Agradeço ao grupo de professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, em especial àqueles em que tive a oportunidade de participar de suas aulas: Vanda Maria da Silva Elias, Mercedes Fátima Crescitelli, Neusa Maria Oliveira Bastos, Jeni Turazza e Ana Rosa Dias e aos meus colegas de curso por incentivo e acompanhamento: Ernani Terra, Gilse Rissi, Sabrina Matos, Adriana Recla e Andrea Paulon.

Agradeço aos professores do curso de Letras – licenciatura em português - da UNIMEP (Universidade Metodista de Piracicaba), Josiane Maria de Souza, Sonia Daros, Elizabeth Alcantara, Maria Cecília Perroni, Luis Fernando Silveira e Ana Cristina Carmelino, que contribuíram para minha

formação e me ensinaram, com competência e seriedade, os percursos que devo seguir com a educação.

Agradeço à Bolsa CAPES pela oportunidade de financiar minha pesquisa, durante dois anos, pois sem esse apoio certamente o trabalho não seria realizado.

Agradeço aos meus três amores: Ivan, meu amor e companheiro eterno, pelo apoio incessante, pela dedicação diária, por acreditar em meu trabalho e em mim, por me ajudar com os nossos MAIORES AMORES Pedro e João, razão de nossas vidas! Amo vocês!

A minha mãe, Glória, por ter me dado o dom da vida, pelo amor incondicional, apoio, sacrifício, porém, mais que tudo, vontade de me ver e fazer feliz.

Às minhas afilhadas e sobrinhas: Luana, Luiza e, agora, Noah.

Às minhas queridas e amadas irmãs: Viviane, Nicole, Isabelle e Giulia.

Às pessoas que sabem o quão são especiais para mim, cada uma por motivos tão particulares, porém, todas por boas lembranças, pelo apoio de que nunca mais esquecerei:

Dona Isabel, Seu Vicente, Cris, Vagner, Rodrigo, Daniel, Mário, Mercedes, Samira, Janaina, Gisele Arruda, Luis Fernando, e, agora, Victor, Ligiane, Kauana, Tamara, Meire, Darlene, Tatiana Moraes, Cristina(s), Flavinha e Nino, Bruna Maria, Fernando, Seu Ivo, Ghi, Celso, Laís, Giovanni, Thais e Cesar, Julia e, agora, Otávio.

A meu pai e avós (in memoriam), Emir, Maria e Luiza.

Epígrafe

*“Sei que às vezes uso palavras repetidas,
mas quais são as palavras que nunca são ditas?”*

(Quase Sem Querer – Renato Russo)

O presente trabalho tem por finalidade apresentar uma análise da referenciação em fóruns digitais, mais especificamente, no tocante à constituição de anáforas indiretas no desenvolvimento de um tópico discursivo. Articularemos, desse modo, estudos voltados para a escrita hipertextual (cf.: Xavier, 2002; Crystal, 2001; Marcuschi, 2004; Espéret, 1996 e Komesu, 2005) e estudos sobre a referenciação concebida como atividade por meio da qual os sujeitos participantes de uma interação constroem e reconstroem no e pelo discurso os objetos a que fazem referência (cf.: Mondada e Dubois, 2003; Koch, 2004, 2005 e 2008; Marcuschi, 2001, 2005, 2006 e 2007). No conjunto dos estudos sobre a referenciação, ganha relevância, nesta pesquisa, o fenômeno denominado de anáforas indiretas como compreendido por Schwarz (2000) e Marcuschi (2005). Tendo em vista o objetivo da pesquisa foi selecionado um fórum digital constituído na rede mundial de computadores e, desse fórum, extraídas mensagens produzidas por participantes no curso da discussão de um determinado tópico discursivo. Os resultados da análise indicam que no curso da interação em fórum digital os interactantes constroem anáforas cujo referente não pode ser localizado pontualmente no texto, visto que estão apenas sugeridos na memória discursiva ou no cotexto por meio de palavras ou expressões que servem de “âncoras”. No entanto, essas anáforas, longe de comprometer a interação, assinalam a multilinearidade constitutiva do texto e contribuem para a progressão textual e o plano da coerência global.

PALAVRAS-CHAVE: referenciação, anáfora indireta, hipertexto, fórum digital, ensino de língua portuguesa

Abstract

This paper aims to present an analysis of the discourse reference in digital forums, especially concerning to the role of indirect anaphors in the discursive topic development. This way, we will bring together studies about the hypertextual writing (Xavier, 2002; Crystal, 2001; Marcuschi, 2004; Espéret, 1996 and Komesu, 2005), and studies about the discourse reference, concept understood as an activity by which the subjects, as partners in the interaction, build and re-build, in and by the discourse, the objects they want to refer to (cf.: Mondada and Dubois, 2003; Koch, 2004, 2005 and 2008; Marcuschi, 2001, 2005, 2006 and 2007). Among the discourse reference studies, it's relevant to mention here the phenomenon named indirect anaphors as the way it's understood by Schwarz (2000) and Marcuschi (2005). Owing to the objective of this research, we selected a digital forum, set on the worldwide web and, from this forum, we extracted messages produced by users during the discussion of a specific discursive topic. The results of the analysis show that in the course of the interaction, the inter-actors build anaphors with no previous referent that is able to be pointed out in the text, because they are merely suggested in the discursive memory or in the co-text, using words or expressions that work as their "anchors". Nonetheless, these anaphors, far from compromising the interacting, they remark the fundamental multi-linearity of a given text and contribute to the textual progression and the global coherence.

KEY-WORDS: discourse reference, indirect anaphor, hypertext, digital forum.

Sumário

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1. Da referência à referenciação: algumas considerações teóricas.....	16
1.1 – Os estudos sobre a referência: breve retrospectiva	17
1.1.1 – Estruturalismo Lingüístico de Saussure	17
1.1.2 – A Filosofia da Linguagem Fregueana e “virada pragmática”	28
1.1.3 – Émile Benveniste e as mudanças no objeto de estudo da Lingüística..	36
1.2 – Linguagem e referenciação na visão sociocognitiva interacional	40
1.2.1 – Estratégias de referenciação	50
CAPÍTULO 2: Anáfora indireta: algumas considerações teóricas.....	53
2.1 – Anáforas	54
2.2 – Tipos de anáforas	56
2.2.1 - Anáforas Diretas.....	57
2.2.2 - Anáforas Indiretas	61
2.2.2.1 - Anáforas Associativas: um subtipo das anáforas indiretas	68
2.3. – Anáfora e continuidade do tópico discursivo	74
CAPÍTULO 3: O Hipertexto e o Gênero Fórum Digital.....	79
3.1 O hipertexto	81

3.1.2 – O Fórum digital.....99

CAPÍTULO 4: Anáforas indiretas em fórum digital: uma análise..... 111

4 – *Corpus* da pesquisa e procedimentos de análise112

4.1 – Análise116

CONSIDERAÇÕES FINAIS 130

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 134

INTRODUÇÃO

Este estudo está situado na linha de pesquisa “Leitura, escrita e ensino de Língua Portuguesa” e encontra-se respaldado em estudos da linguagem concebida como um processo de interação entre sujeitos, que colaboram entre si na busca constante da construção mútua de sentido (Marcuschi, 2001).

Situados nessa concepção, interessa-nos investigar como o surgimento de novas formas de interação social proporciona, conseqüentemente, novas formas de os sujeitos utilizarem a linguagem, a fim de construir colaborativamente o sentido. Nosso foco, especificamente, recai sobre os estudos da referenciação no hipertexto.

Xavier (2002) e Komesu (2005) Xavier apontam o hipertexto como a condição para o surgimento do chamado “modo de enunciação” digital” ou o espaço virtual no qual esse tipo de enunciação e construção de sentido permitem a extrema liberdade de expressão para os autores e a liberdade de escolha para os leitores, tão característica do espaço virtual.

Considerando que a escrita (como também a fala) é uma prática sociocognitiva que possibilita a interação e considerando ainda a capacidade da Web em abrigar todos os tipos de linguagem – mas em especial os textos escritos –, o presente trabalho tem por finalidade analisar expressões anafóricas indiretas constituídas em fóruns de discussão e, conseqüentemente,

evidenciar como tais expressões contribuem para a progressão e manutenção do tópico discursivo. O *corpus* do trabalho, pois, é formado por um conjunto de mensagens extraídas de um fórum de discussão existente na internet. O interesse pela escrita digital teve origem na experiência de, como membro de uma equipe, participar da elaboração de um jornal digital em uma escola particular.

A opção por investigar o processo de referenciação – entendido por Koch (2005) como uma atividade intersubjetiva, social e cognitiva, existente entre sujeitos atuantes, uma vez que estes, a todo o momento, (re) constroem, elaboram, avaliam, rotulam, os objetos dos discursos, em suas práticas discursivas – justifica-se pela pertinência e relevância de tal processo na e para a interação e a construção de sentidos.

A pesquisa baseia-se em estudos sobre a escrita hipertextual, (Xavier, 2002; Crystal, 2001; Marcuschi, 2004; Espéret, 1996 e Komesu, 2005), bem como sobre o fenômeno da referenciação, abordado em perspectiva sociocognitiva interacional da linguagem, conforme o fazem Apothelóz e Chanet (1997), Schwarz (2000), Cavalcante (2001), Mondada e Dubois (2003), Koch (2004, 2005 e 2008) e Marcuschi (2001, 2005, 2006 e 2007).

A dissertação está organizada em quatro capítulos, além da introdução, considerações finais, bibliografia e anexos.

* No Capítulo 1, trataremos das noções de referência e referenciação, traçando um breve panorama dos estudos realizados sobre o assunto em campos teóricos distintos.

* No Capítulo 2, apresentaremos estudos sobre expressões nominais referenciais anafóricas, em especial, as anáforas indiretas, cerne da análise pretendida.

* No Capítulo 3, traremos do referencial teórico relativo ao hipertexto e ao gênero digital fórum de discussão *online*, apresentando as características do hipertexto apontadas pelos autores estudados e buscando explicitar a dinâmica das novas formas de interação social realizadas no ambiente hipertextual.

* No Capítulo 4, analisaremos as anáforas indiretas em fóruns de discussão constituídos no contexto digital, modo de constituição e sua importância para a progressão e coerência do texto.

CAPÍTULO 1

1. Da referência à referenciação: algumas considerações teóricas

1.1 – Os estudos sobre a referência: breve retrospectiva

Este capítulo pretende apresentar uma visão panorâmica dos estudos sobre a referência, começando com as primeiras reflexões sobre a relação entre linguagem e realidade propostas na Antiguidade Clássica até chegar aos estudos atuais que colocam em foco a noção de referenciação em perspectiva sociocognitiva interacional.

1.1.1 – Estruturalismo Lingüístico de Saussure

Além da lingüística, a lógica e a filosofia também se interessaram pela relação entre a linguagem e a realidade. É nesse panorama que se convencionou, por muito tempo, chamar de *referência*, e, por conseqüência, de *referente* ao objeto mundano ao qual a linguagem pretendia referir-se (CARDOSO, 2003).

Dessa forma, o tratamento que o conceito de referência recebeu ao longo dos estudos lingüísticos dependeu diretamente dos objetos de interesse que tinha cada uma dessas áreas.

Segundo Weedwood (1995:25), o primeiro pensador europeu a se preocupar com as questões fundamentais da linguagem foi Platão (c. 429 – 347 a. C), ao questionar seu significado.

Posteriormente, os estóicos também discutiram sobre a linguagem (WEEDWOOD, 1995:30). Para eles, o espírito humano era moldado e preenchido a partir das experiências intelectuais e sensoriais¹.

A partir dessa premissa, a língua passou a ser entendida como a expressão dessas experiências surgidas em resposta às sensações ou, em outras palavras, a linguagem seria a expressão do próprio pensamento. Assim, os estóicos já discutiam conceitos como palavra, significado e referente, sendo a idéia de signo o conjunto desses três elementos.

A discussão sobre a relação entre a linguagem e a realidade permaneceu em foco, durante muito tempo, em torno de questionamentos como, por exemplo, se a língua era ou não racionalista, pura e imutável, ou então se a linguagem era subjetiva, dependente da sociedade e vulnerável a diversos tipos de modificações.

Assim, começando num período anterior ao filósofo Sócrates, embora careçam de fontes e datas mais específicas, sabe-se que já naquela época vários questionamentos sobre as relações entre linguagem e mundo, linguagem e pensamento e mesmo sobre a natureza da própria linguagem já haviam sido levantados, conforme estudos de Platão.

¹ A idéia “tabula rasa” (que concebe o ser humano com uma “folha em branco” ao nascer), mais tarde usada por John Locke para ser a base do Empirismo foi, na verdade, uma proposição do Estoicismo.

Em seu livro “Crátilo”, Platão apresenta uma das primeiras tentativas de se discutir a origem das palavras, ao questionar se estas provinham de uma natureza ou de uma convenção (WEEDWOOD, 1995). Nele, três personagens debatiam a questão: Crátilo, para quem a língua espelhava exatamente o mundo; Hermógenes, para quem a língua era arbitrária; e Sócrates, no papel de moderador, fazia um balanceamento das duas teorias anteriores.

Na Antiguidade, as discussões dos filósofos a respeito da relação entre “noção expressa” e “palavra que a designa” giravam mais em torno da questão filosófica do que propriamente da lingüística. Vale ressaltar apenas que tais reflexões deram os primeiros passos em direção a conceitos que posteriormente seriam retomados pelos estudos lingüísticos modernos.

Platão, por exemplo, já discutia se língua era algo natural do ser humano ou então uma convenção social. Apesar de sua posição em favor da naturalidade, o filósofo não desconsiderava seu caráter social e apontou proposições que levariam as reflexões posteriores sobre o significado e o significante, o signo e até mesmo sobre a arbitrariedade lingüística, ainda que suas reflexões lingüísticas tenham se centrado mais em questões etimológicas e fonéticas.

Aristóteles foi outro filósofo grego que, apesar de também não ter se ocupado com preocupações como descrever e analisar a língua em si, deu significativas contribuições para o que mais tarde viriam a ser a Gramática e os estudos do discurso ao entender a língua, ao contrário de Platão, como uma convenção social determinada por seus usuários.

Em momento bem posterior à Antiguidade, na Renascença (século XVII), uma importante obra pretendia negar a relação entre a realidade e a linguagem, a *Gramática de Port-Royal* de Arnauld & Lancelot, conforme Cardoso (2003).

Nessa obra, a linguagem era relacionada basicamente ao pensamento, sendo sua função primordial expressá-lo. Assim, a relação entre as palavras e as coisas era sempre mediada pelo pensamento, ou seja, a linguagem não diz o mundo, mas sim a maneira como o homem pensa o mundo. Os autores da Gramática não estavam preocupados com a relação entre as palavras e os objetos do mundo, mas sim com a relação entre os objetos do pensamento e as palavras que os designavam.

Sobre a questão específica da referência na Gramática de Port-Royal, Cardoso (2003:23) afirma:

Se se quiser entender como Port-Royal concebe a questão da referência é preciso conceber a seguinte ordem de elementos: primeiro, a razão universal; depois o olhar da razão sobre as coisas do mundo; em terceiro lugar os objetos do pensamento resultantes desse olhar; finalmente o signo da linguagem para significar o pensamento.

Dessa forma, em Port-Royal defende-se que o referente é o próprio objeto do pensamento, mas não chega a se explicar a relação entre esses elementos e as coisas, deixando claro que as proposições baseadas na lógica e racionalismo não dão conta de sustentar a idéia de linguagem como representação da realidade.

Com o início da Lingüística Moderna inaugurada por Saussure, por meio do *Curso de Lingüística Geral*, em 1916, a *língua* é instituída como objeto de estudo e das preocupações lingüísticas, em oposição à *fala*, que, apesar de sinalizada por Saussure, é excluída dos interesses científicos da disciplina emergente.

Para o autor, esse novo objeto de estudo, a língua, constituía-se como um sistema interno baseado em diferenças estanques, um sistema concebido independentemente de qualquer relação entre linguagem e realidade. Entre outras definições, a língua era considerada “um produto social”, “um conjunto de convenções necessárias adotadas por um corpo social para permitir o exercício da linguagem”, “um contrato coletivo”, “um sistema independente da vontade e da inteligência do indivíduo, que não pode criá-lo nem modificá-lo”, “uma convenção de signos arbitrários”, etc. (SAUSSURE, 1971:16-17).

No que diz especificamente ao estudo da referência aqui proposto interessa saber que, segundo Saussure (1971), o “signo” é composto por um significante (imagem acústica) e um significado (conceito mental), ligados por um elo arbitrário. Nos estudos de Saussure, o referente, visto como algo mundano, objeto de mundo a ser nomeado por meio da referência, é sumariamente excluído.

Assim, ao afirmar que o signo não é nada físico, passível de existir no dito mundo real, mas sim o *conjunto* significante e significado, Saussure rompe com toda a tradição antiga que vinha, até então, considerando a questão da linguagem sempre dentro do triângulo *significado-palavra-referente*.

É a arbitrariedade, elo que liga o significante ao significado, que possibilita a exclusão do referente da equação, ao tirar da língua qualquer ligação, lógica ou motivacional, com a realidade e possibilitar ao objeto de estudo saussuriano ser visto como o sistema estrutural puro, baseado apenas nas diferenças entre os signos convencionados.

A determinação de Saussure em constituir um objeto científico claro e autônomo gerou-lhe duras críticas das correntes lingüísticas posteriores. A própria questão da arbitrariedade, tão importante para a manutenção da idéia de signo lingüístico saussuriano, foi fortemente questionada, já que, em sua definição, “nenhuma relação entre língua e realidade”, (p. 137) pressupõe a existência da realidade e sua influência na língua.

Contudo, Saussure (1971:85) chega a admitir a possibilidade de que tenha havido, no momento primeiro do suposto ato de nomeação das coisas do mundo, uma relação entre as palavras e as coisas.

Assim, quando Saussure (1971) muda o foco dos estudos do ‘referente’ para ‘significado’, o que o autor enfatiza é que tal relação se estabelece, na verdade, como um contrato social, uma herança histórica que as gerações recebem, pronta e inquestionável.

A mais radical tentativa de Saussure de justificar a exclusão do referente encontra-se na afirmação de que “na língua só existem diferenças” já que “quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta nem idéias, nem sons preexistentes ao sistema lingüístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes desse sistema” (1971:139).

Dessa forma, a língua dissociou-se da realidade e recebeu a autonomia necessária para que pudesse ser estudada cientificamente. Um signo difere-se de outro não por designarem dois referentes opostos, mas sim por possuírem significantes (imagens acústicas) e significados (conceitos mentais) distintos.

A radicalidade desta proposta teve sérias conseqüências para os estudos lingüísticos posteriores. Desassociar a língua da realidade de maneira tão brusca e focalizar as atenções da lingüística na relação entre os elementos estruturais do sistema culminou também na exclusão de questões de cunho mais social do uso da linguagem.

Excluir o referente e a ligação entre realidade e linguagem implicou excluir também toda a historicidade. As mudanças sociais e históricas da língua são apontadas como existentes, já que seria impossível a Saussure negar isso, mas longe de constituírem-se como objeto de estudo.

Dessa forma, o estruturalismo de Saussure estabelece, de maneira muito clara e decisiva, um distanciamento de tudo o que se relaciona com a exterioridade lingüística, afastando da língua os fatores sociais, econômicos, políticos, culturais e a própria realidade em si.

Contudo, apesar da posição tão radical em relação à independência da realidade, a língua era considerada uma convenção social. Saussure afirma que o convencionalismo da linguagem é o que leva à arbitrariedade do signo lingüístico.

Mas o próprio conceito de arbitrariedade, ponto no qual Saussure se apóia para excluir a relação entre realidade e linguagem, é, na verdade, questionável, uma vez que o objeto de mundo que motiva a ligação do

significante com o significado, invariavelmente, pressupõe a existência ao qual o signo lingüístico se refere.

Sobre essa questão, Benveniste (1988:54) afirma:

Acabamos de ver que Saussure toma o signo lingüístico como constituído por um significante e um significado. Ora – isso é essencial – ele entende por “significado” o conceito. Declara literalmente (p.100) que “o signo lingüístico não une uma coisa a um nome, mas um conceito a uma imagem acústica”. Garante, logo depois, que a natureza do signo é arbitrária porque não tem com o significado “nenhuma ligação natural com a realidade”. Está claro que o raciocínio está falseado pelo recurso inconsciente e sub-reptício a um terceiro termo, que não estava compreendido na definição inicial. Esse terceiro termo é a própria coisa, a realidade. Saussure cansou-se de dizer que a idéia de “soeur” não está ligada ao significante “s-ö-r”, porém não pensa menos na realidade que na noção. Quando fala da diferença entre “b-ö-f” e “o-s-k” [duas palavras para “boi”], refere-se, contra a vontade, ao fato de que esses termos se aplicam à mesma realidade. Eis aí, pois, a coisa, a princípio expressamente excluída da definição de signo, e que nela se introduz como um desvio e aí instala para sempre a contradição.

Em outras palavras, é preciso levar em consideração o fato de que a realidade que os signos designam estabelece (ou não) as diferenças entre eles: duas palavras podem ser sinônimas se, por exemplo, designam ou nomeiam um mesmo objeto-de-mundo.

Dessa forma, para críticos como Benveniste, ao negar a existência de uma ligação entre os elementos constituintes do signo (significante e significado) e a realidade, Saussure nega a existência da própria realidade.

A força do pensamento positivista, que tentava abandonar a metafísica e abraçar os conceitos da razão pura para o método científico, contribuiu para que as idéias de Saussure a respeito da objetividade do estudo da linguagem e a desconsideração do subjetivismo da fala fossem divulgadas e aceitas. Havia uma preocupação extrema em apresentar a “língua enquanto sistema de signos” ou como um objeto de estudo concreto e bem delineado, que permitiria ser analisada e estudada tanto de forma diacrônica como de forma sincrônica.

Embora muito criticadas, não se pode negar o valor inestimável das proposições de Saussure. Seus estudos são um importante marco na história da Lingüística, uma vez que seus posicionamentos foram o centro das correntes lingüísticas que se seguiram, algumas reafirmando suas proposições, outras as contrariando.

Entre as correntes que foram fortemente influenciadas pelo estruturalismo, podemos citar, por exemplo, a Escola de Genebra, a Escola de Praga, de Paris e Copenhagen, na Europa, e a Escola Americana, nos Estados Unidos.

O Círculo Lingüístico de Praga, iniciado em 1926, com nomes como Jakobson, Trubetskoy e Karcevsky, (FONTAINE, 1978) é um interessante exemplo tanto da reafirmação dos conceitos saussurianos quanto da contrariedade deles. Além de verem a língua como *estrutura*, assim como Saussure, consideraram a *função*, a variedade de uso e o modo de realização, algo inerente e exterior ao sistema, o que era, de todo modo, inconcebível para Saussure.

Outro ponto de diferença entre os lingüistas do Círculo e o Estruturalismo de Saussure é a aceitação dos primeiros em relação à possibilidade da língua ser estudada sincrônica e diacronicamente, podendo conciliar sistema e evolução. Como preocupação central dos lingüistas de Praga, temos não a língua como um todo, mas sim a fonologia, com destaque para o aspecto mais poético da língua.

Já quanto à questão da referência, foi pouco discutida entre os participantes do Círculo. A relação entre realidade e linguagem chega a ser discutida na chamada “teoria da denominação lingüística”, na qual cada uma das línguas é produto de diferentes leituras culturais da mesma realidade.

O termo “referente” aparece com certa freqüência nos escritos de Jakobson (1963), quando o autor denomina os seis elementos da linguagem: o remetente, o destinatário, a mensagem, o canal, o código e o contexto, este último entendido como a exterioridade e também mencionado como “referente”.

Para Jakobson (1963), a língua não era apenas um sistema visto como um produto da sociedade, mas sim um sistema *funcional*, sincrônico, a serviço da comunicação.

Halliday (1976) também postulou a favor do funcionalismo lingüístico, para quem a função *ideacional* se realiza através da comunicação e na representação de “*nossa experiência dos processos, pessoas, objetos, abstrações, qualidades, estados e relações existentes no nosso mundo exterior e interior*” (1976:136).

Essa perspectiva apresenta um avanço em relação às teorias anteriores por considerar uma intrínseca ligação entre realidade e linguagem, com a primeira sendo significada por meio da segunda.

Enquanto o Círculo de Praga acatou em parte os princípios de Saussure e, a partir deles, desenvolveu estudos que deram conta de explicar conceitos ainda postos em dúvida no estruturalismo saussuriano, a Escola de Copenhague, por outro lado, levou o Estruturalismo ao extremo.

Um dos nomes de destaque da Escola de Copenhague é o dinamarquês Hjelmslev, um dos maiores estruturalistas europeu. Para Hjelmslev (1971) a língua como estrutura é totalmente autônoma e voltada para o sentido encontrado em seu próprio interior. Nada físico ou psicológico a afeta ou determina. Em concordância com a famosa metáfora de Saussure, ao comparar a língua com um jogo de xadrez, o autor afirma que cada elemento da língua tem valor e desempenho próprios e pré-definidos, bem como a comunicação que segue as regras do jogo estabelecidas previamente.

Em *“Prolegômenos a uma teoria da linguagem”* (1975), a busca de Hjelmslev é estabelecer uma nova e retificada visão lingüística, apoiando-se firmemente nas considerações de Saussure. Sua intenção era extraditar, de uma vez por todas, qualquer influência que a realidade ou a materialidade do mundo pudesse ter sobre a linguagem.

Para isso, Hjelmslev fixou-se no sistema de valores proposto por Saussure (1971), que estabelecia os significados de cada signo a partir das diferenças entre os conceitos mentais, sem necessariamente apontar para um referente real – ou “substância”, nomenclatura usada por Hjelmslev, uma vez que a palavra “referente” não aparece em seus textos, – externo a língua.

Na visão do autor, a linguagem era considerada um sistema hermético cujo fim encontrava-se em si mesmo, renegando qualquer idéia de

exterioridade na relação entre o conteúdo (significado) e a expressão (significante).

Se a posição de Hjelmslev era rígida, ainda mais duras foram as críticas dirigidas a ele e a sua teoria estruturalista. Os principais questionamentos giravam em torno da inconsistência de sua tese que afirmava não existir a relação entre formas usadas e supostas idéias preexistentes que teriam motivado as escolhas, ou ainda como poderia haver um significado sem que, primeiro, houvesse um conteúdo.

1.1.2 - A Filosofia da Linguagem Fregueana e “a virada pragmática”²

No começo do século XX, a preocupação dos estudiosos da filosofia da linguagem com a questão da referência propiciou o surgimento de uma teoria de língua muito rígida e de forma lógica, em conceitos e equações matemáticas.

Por isso, a abordagem dos conceitos como significado, linguagem, pensamento e realidade não desprezava o referencial teórico emprestado da semântica formal, a partir da qual as sentenças sempre poderiam ser explicadas por meio da lógica.

Na semântica formal, importava aos estudiosos o jogo de relações entre as sentenças, e não o significado propriamente dito, uma vez que o significado não era intrínseco às sentenças, mas surgia a partir das relações de verdade estabelecidas entre elas.

² Termo cunhado por Ingedore Koch (2004).

Segundo Wittgenstein (1922), para que uma proposição, definida como expressão de um pensamento, fosse verdadeira, deveria apresentar uma identificação estrutural com o fato real a que ela se refere.

Se o estruturalismo tentou abstrair tudo que era externo à língua, excluindo, assim, o referente, na filosofia lógica da linguagem, há uma ligação intrínseca e aparentemente indissolúvel entre linguagem e realidade, já que as proposições são sempre julgadas em termos de “verdadeiro” e “falso”, a depender de suas relações com objetos reais e passíveis de serem verificados como existentes ou não.

Em seus trabalhos mais importantes, Frege (1978) defende que a linguagem deve ter uma relação estrutural e lógico-semântica com a idéia de “verdade absoluta”, sem influências contextuais como a situação espaço-temporal ou mesmo com o enunciador.

Em consonância com as idéias de Frege, Wittgenstein (1922) também defende a tese do “paralelismo completo” entre os fatos do mundo e as estruturas da linguagem, afirmando que entre o “figurado” (a linguagem utilizada para representar os fatos) e o “afigurado” (os próprios fatos da realidade) deve existir uma ligação lógico-matemática de equivalência.

Vale ressaltar aqui que, embora tais considerações sejam fundamentais para a filosofia da linguagem existente na época, tanto a visão de Frege quanto a de Wittgenstein vão ser duramente criticadas e contestadas por outros lingüistas e inclusive por estudiosos da filosofia da linguagem.

O próprio Wittgenstein (1953), num segundo momento de sua obra, defende a idéia de que a língua deve ser estudada por seus variados usos,

renegando a idéia de uma língua como uma estrutura lógico-formal autônoma e desconectada do seu contexto de produção.

Os estudos de Frege centravam-se na busca do que o autor denomina como “verdade”. Essa busca aponta para a ligação entre “sentido” e “referência”, sendo o sentido um meio para se encontrar o fim existente na referência.

Ainda o autor destaca que o relevante é que o sentido não seja algo subjetivo e ligado as experiências e representações individuais, mas, sim, algo objetivo e comum à razão pública. À semântica, competiria, então, tratar o significado presente no caminho lógico que permite se partir do sentido e se chegar à referência. Para exemplificar o seu posicionamento, considera as seguintes sentenças:

(1) A estrela da manhã é o planeta Vênus.

(2) A estrela da tarde é o planeta Vênus.

Considerando que ambas as sentenças possuem um valor de verdade, então, pelo raciocínio lógico, conclui-se que “a estrela da manhã” é “a estrela da tarde”, uma vez que, na verdade, trata-se de duas denominações diferentes para o planeta Vênus. Nesse caso, temos, então, dois sentidos – “estrela da manhã” e “estrela da tarde” – para uma mesma referência – o planeta Vênus.

Atenuando um pouco a radicalidade da proposta, Frege (1978) ressalta que os sentidos não devem ser confundidos com a referência que representam, pois “a diversidade de designações não justifica, por si só, uma

diversidade de designados”. Os sentidos são conceitos possíveis de representar, com verdade ou falsidade, as referências.

Assim, Frege define que as sentenças que buscam representar a realidade são compostas, em geral, por uma função e um objeto. A função é a parte “insaturada”, ou seja, que por si só não apresenta uma relação direta com a realidade que pretende expressar, mas torna possível que uma parte saturada, o objeto, possa ser expressa.

Passando de palavras isoladas a sentenças formadas, Frege (1978) chama o sentido de uma sentença – entendida como a oração composta por sujeito e predicado – de “pensamento”, e ao objeto de referência de tal sentença de “valor de verdade”. Assim, as sentenças têm sempre apenas duas possibilidades de referência “o verdadeiro”, isto é, aquilo que é real, e “o falso”, tudo o que não é verdadeiro.

Assim, para Frege, o sentido, aquilo que o autor entendia como o “valor cognitivo” das palavras/sentenças, de uma referência, ou o objeto-de-mundo em questão, não tem qualquer traço de subjetividade relativa.

Portanto, o autor vê o sentido como sendo uma convenção lógica, pertencente ao sistema da língua e comum a todos os seus falantes. A individualidade limita-se então ao uso artístico e poético da língua, expresso não no sentido de uma referência, mas na representação das imagens internas e subjetivas.

Frege chega a tratar de relações mais indiretas entre linguagem e realidade como a questão da “referência indireta”, quando o objeto que o sentido tenta expressar não é um objeto real, mas sim um “pensamento”, ou seja, o sentido de uma sentença e não de um objeto real.

Na “referência indireta”, a referência da sentença não é o valor de verdadeiro ou falso, mas sim o sentido de outra sentença, ou o “pensamento”, expresso geralmente por um verbo de dizer como “pedir”, “questionar”, “argumentar”, que faz com que a referência seja então o próprio “pedido”, a “questão” ou o “argumento” daquela sentença.

É importante ressaltar que nem os conceitos de “sentido” e “referência”, nem de “objeto”, “pensamento” ou de “referência indireta” dão conta de explicar as expressões e nomes próprios que não designam coisas, seres ou objetos efetivamente existentes e facilmente localizáveis na realidade, como sentimentos abstratos ou mitos e figuras folclóricas, por exemplo.

Segundo Cardoso (2003), essas situações constituem-se de exceções à regra, são “irregularidades” e, portanto, encontram-se fora da língua vista como sistema de convenções lógicas. Assim como o caso dos dêiticos, nomeados por Russel (1905 apud CARDOSO, 2003) como “particulares egocêntricos”, devido à dependência intrínseca de fatores contextuais.

Tais irregularidades são frutos do que o autor chama de hierarquia das linguagens. O tipo de linguagem com ligações mais diretas entre língua e realidade seria a “linguagem-objeto”, na qual todas as palavras teriam como correspondente um objeto existente. A partir dessa linguagem, considerada pelo autor como primária e mais fundamental para a estruturação da língua, outros níveis hierárquicos seriam então abstraídos dando origem a outros sentidos e referências indiretas.

É necessário lembrar, contudo, que, para os teóricos da Filosofia da Linguagem, tais como os citados acima, a busca pela verdade está fora da

linguagem e, por isso, trata-se apenas de um instrumento para se chegar a uma constatação.

A linguagem é um **meio** de se apoderar do conhecimento, ou, então, de se dar a conhecer as coisas do mundo – visto como pré-moldado e à espera de ser nomeado e classificado. Dentro dessa premissa, uma vez que tudo sempre parte do mundo pronto, a verdade que a linguagem busca expressar nunca depende das situações discursivas, ignorando fatores como, por exemplo, o “quando”, o “onde” e o “como”.

É claro que uma visão tão radical da relação entre linguagem e realidade foi logo muito criticada e combatida, sendo revista e modificada em momentos posteriores do estudo da filosofia da linguagem.

Foi com a “virada pragmática” que se passou a considerar a linguagem não apenas em sua estrutura lógico-formal, mas também a partir de seu contexto social ou cultural, em seu real funcionamento.

Na visão defendida por Pierce (1977 apud CARDOSO, 2003), o sentido não vem por meio das convenções sociais da língua e nem determina a referência, como afirmava Frege, e, sim, é o ato lingüístico discursivo.

Originada a partir dos estudos de filósofos da linguagem de Oxford, dentre os quais o principal nome foi Austin, a “virada pragmática” objetivou a defesa do posicionamento segundo o qual a realidade era afetada e transformada através do uso da linguagem³ em oposição àquele que pretendia identificar os sistemas e as regras da língua que regiam a interpretação da realidade.

³ A idéia de “realidade transformada por meio da linguagem” defendida pelos filósofos da “virada pragmática” nada tinha de ideológico ou político, como mais tarde a Análise do Discurso Francesa, com base no marxismo, apresentaria.

Para os filósofos da linguagem de Oxford, os enunciados são “acontecimentos discursivos” intrinsecamente ligados ao contexto extralingüístico em que são produzidos e, portanto, impossíveis de existir sem o contexto.

Assim, com “a virada pragmática”, a referência deixou de ser considerada apenas uma relação entre a linguagem e a realidade, e passou a ser um instrumento que, por meio da linguagem, transforma o real. Como Austin (1962) propôs em sua teoria dos atos de fala⁴, a referência está subordinada ao ato discursivo da enunciação.

A partir dessa mudança de perspectiva, a questão da referência ganhou atenção da filosofia analítica da linguagem vindo a gerar, posteriormente, as reflexões mais importantes do quadro da lingüística moderna.

Dentre os vários autores que trouxeram importantes contribuições para os estudos pragmáticos, é interessante salientar as proposições de Kripke (1972) a respeito da noção de referência apresentada tanto pelos lingüistas quanto pelos filósofos da linguagem até então.

Contrariando o pensamento de Frege, Kripke (1972) defendia que o sentido não determinava a referência e, contrariando Saussure, o autor não considerava a ligação entre significante e significado como arbitrária, mas, sim, como necessária. Tal necessidade tinha uma motivação histórico-social, estabelecida, segundo ele, a partir do “batismo inicial” e passada de geração em geração entre os falantes da língua.

⁴ Teoria dos Atos de Fala, Austin 1962, “How to do things with words”.

Com isso, Kripke (1972) procurou abordar a linguagem por meio de sua função referencial, e não apenas pela estrutura lógico-formal, como fizeram Saussure e Frege, dando à referência um caráter não só convencional, mas também sócio-histórico.

Assim, a referência é determinada pela cadeia histórica e passada, após o batismo inicial, de falante a falante, sendo usado e interpretado da mesma maneira e criando o elo necessário, e não arbitrário, entre significante e significado.

Mesmo pretendendo romper com as concepções anteriores de referência ao considerar a comunidade lingüística como participante do processo de criação e perpetuação das referências, Kripke (1972), segundo afirmação de CARDOSO (2003), ainda mantém a referência desconectada de qualquer influência ideológica e vê a relação linguagem-realidade como se a função da primeira fosse apenas espelhar a segunda.

Quem primeiro menciona a questão da influência da ideologia na composição das referências lingüísticas é Voloshinov (1988)⁵ que, apesar de não usar propriamente a palavra “referência”, trabalha a relação mundo e linguagem de uma maneira totalmente diferente.

Para Voloshinov, os significantes do signo não são apenas um reflexo da realidade ou do pensamento. Ao contrário, eles são partes efetivas e constituintes da realidade social em que são produzidos. O autor revoluciona não só a relação língua-realidade, mas também o próprio conceito de linguagem, que passa a ser visto como resultado da interação social realizada durante os atos de enunciação.

⁵ A verdadeira autoria do texto em questão, “Marxismo e filosofia da linguagem”, é atribuída a Bakhtin (1929).

Nessa perspectiva o signo não pode ser sequer concebido fora da ideologia, uma vez que não se pode desassociar a ideologia do social, nem esquecer que o signo é criado pela interação social. A partir de Voloshinov (1988), novas perspectivas e correntes de estudo surgiram para explicar a relação linguagem-realidade, e o próprio conceito de linguagem.

1.1.3 – Émile Benveniste e as mudanças no objeto de estudo da Lingüística

A partir da segunda metade do século XX, novos objetos de estudo ocupam o centro da atenção nos estudos lingüísticos. Embora não se possa ignorar a importância dos progressos feitos dentro da Filosofia da Linguagem, interessa mais para esta pesquisa o destaque aos estudos teóricos no campo da Lingüística, em especial, aqueles que dizem respeito à questão da referência.

Nesse cenário, destaca-se o nome do lingüista francês Émile Benveniste que, em seus muitos trabalhos inovadores, propôs novas possibilidades para os estudos lingüísticos. Uma de suas proposições que mais interessa à questão da referência é a divisão do sentido em “semiótico” e “semântico”, ultrapassando com isso a idéia de signo lingüístico saussuriano por abranger não só a estrutura da língua, mas também o seu funcionamento.

Para Benveniste, a vertente semiótica molda-se ao signo lingüístico de Saussure enquanto elemento do sistema identificado por suas características distintivas que o diferem dos outros signos também pertencentes ao sistema. Por sua vez, a vertente semântica busca tratar de

outros objetos a serem estudados como a questão do discurso e da enunciação. É com os estudos situados nessa segunda vertente que Benveniste oferece importantes contribuições para os estudos lingüísticos, particularmente ao introduzir a parte individual e subjetiva da língua excluída dos estudos de Saussure.

Todavia, Benveniste não rejeita os pressupostos saussurianos. O objeto da Lingüística que é tão caro a Saussure, a língua enquanto sistema, permanece na vertente semiótica, assim como também o signo lingüístico, definido pelas relações diferenciais internas ao sistema da língua.

Quanto à vertente semântica, como o autor estuda a língua em funcionamento, o discurso e a enunciação constituem-se focos de análise, sem excluir a língua.

Dessa forma, uma vez que o semântico inclui o estudo do uso – também chamado de pragmático – e o encadeamento dos signos manifestado pelo discurso e pela enunciação, então, a referência, essencial a esse processo, é trazida de volta do exílio imposto pela lingüística saussuriana, retomando um lugar de destaque nos estudos lingüísticos juntamente com outros fatores individuais, subjetivos e contextuais.

Além dos novos objetos de estudo, Benveniste (1988) também propôs mudanças no próprio conceito de signo lingüístico. Sem desmerecer as proposições de Saussure, o autor procura definir a questão mais básica do signo saussuriano: *a arbitrariedade*.

Para Benveniste (1988), a ligação entre significante (imagem acústica) e significado (conceito mental) não é arbitrária, como afirmou Saussure, mas, sim, *necessária*. Para o autor, a visão saussuriana tende a

confundir a relação entre as partes do signo (significante e significado) e a relação entre o signo como um todo e os objetos de mundo presentes na realidade. Assim, segundo Benveniste, arbitrariedade recairia não sobre significante e significado, mas entre o signo e o objeto.

Com base nesse pressuposto, Benveniste (1989) passa a afirmar que a língua não se estrutura a partir do conjunto aleatório de conceitos e sons independentes, mas sim que existe entre os conceitos e os sons uma ligação necessária que é sua base e confere-lhe o status de estrutura.

Desse modo, o autor propõe um deslocamento da questão central dos estudos saussurianos, saindo da arbitrariedade entre significante e significado, e passando para a relação entre o signo e a realidade, relação esta que Saussure sequer considerava.

Benveniste (1989) não exclui o estudo da língua enquanto estrutura, estabelecida a partir do conjunto de diferenças como afirmava Saussure, mas acrescenta também a possibilidade de se analisar a língua enquanto funcionamento, a partir da relação simbólica e representativa entre signos e realidade.

Posteriormente, para evitar confusões terminológicas, Benveniste (1989) conserva como “signo” a parte semiótica da língua e define como “palavra” a parte semântica. Com isso, o autor pretendia unir as proposições semióticas de Saussure com a tradição semântica clássica, até então posições teóricas consideradas opostas, numa mesma teoria de linguagem.

Diante disso, a “frase”, um conjunto de palavras organizado segundo as regras do sistema lingüístico, é o uso semântico dos signos semióticos. É a expressão de um “sentido” e, portanto, aponta para uma “referência”, ou seja,

para o estado de coisas ou para a situação que deu origem ao que está sendo expresso pelo “sentido”.

A questão da referência é especificamente tratada por Benveniste em **“O aparelho formal da enunciação”** (1970), em que o autor afirma que a referência é parte constituinte da enunciação, como mostra o trecho abaixo:

Por fim, na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição dessa mesma mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação. (BENVENISTE, 1970:84)

A referência entra, desse modo, para o quadro da enunciação, finalmente separada do signo semiótico. Durante o ato da enunciação, entendida pelo autor como o processo de enunciar e não seu produto final, o valor de referência é dado a partir da relação entre o sentido expresso e a realidade representada.

Portanto, para Benveniste (1970), a referência encontra-se ligada à possibilidade de representação do signo lingüístico, não existindo fora da enunciação e sendo condição para que esta aconteça. Para o autor, não há referência no semiótico, apenas no semântico.

O referente, excluído das proposições saussurianas de língua como estrutura, é visto, então, como essencial para a idéia de língua como funcionamento. Esse deslocamento deu início a uma série de discussões não só entre os estudiosos da Lingüística, mas também entre os filósofos da

linguagem que discordavam da visão fregeana, e começaram a ponderar sobre novas possibilidades para a questão da referência.

Dessa forma, as mudanças propostas por Benveniste (1988, 1989) constituíram um importante ponto de confluência entre os estudos lingüísticos dos filósofos, como será tratado adiante.

1.2 – Linguagem e referência na visão sociocognitiva interacional

A concepção interacional da linguagem compreende o texto, oral ou escrito, não como o produto da comunicação exercida por meio da linguagem, que funcionaria então como um mero instrumento da comunicação, mas, sim, como o verdadeiro lugar de interação entre sujeitos.

Para Marcuschi (2001), a visão da língua como “um produto” desconsidera toda e qualquer influência que o contexto possa exercer no ato da comunicação, limitando a língua a um instrumento formal, autônomo e independente, como acreditavam os teóricos do estruturalismo e os filósofos da linguagem citados neste capítulo.

Por sua vez, a idéia da língua como “ação” tem como foco o funcionamento da língua em contexto e em situação de produção, sem negligenciar os diversos fatores relevantes para tal funcionamento como a enunciação, a modalidade (oral ou escrita), a modalização, os processos cognitivos e o contexto.

Ainda sobre o uso da língua, Marcuschi afirma que se trata de uma ação conjunta e coordenada, na qual os sujeitos envolvidos, os “atores sociais”, se dispõem a colaborar mutuamente para a construção do sentido desejado.

Para esse autor, escrever, falar e outros atos de comunicação “*não são uma atividade autônoma e sim parte de uma atividade pública, coletiva, coordenada e colaborativa*” (2001).

Este estudo toma por base a visão de língua apresentada por Koch e Marcuschi (1998:03), na qual

a língua é heterogênea, opaca, histórica, variável e socialmente construída, não servindo como mero instrumento de espelhamento da realidade. A língua não é o limite da realidade, nem o inverso. Língua é trabalho cognitivo e atividade social que supõe negociação. Não pode ser identificada como instrumentos prontos para usos diversos.

Assim, podemos dizer que o uso da língua, tanto na modalidade escrita quanto na modalidade falada, é uma prática sociocognitiva e cultural, que se volta para a produção de sentido (KOCH e ELIAS, 2009). E, por tratar-se justamente de uma prática social da linguagem, devemos considerá-la como um processo complexo, no qual há um trabalho ativo a ser realizado por um sujeito, com intenções e finalidades a perseguir.

A respeito do sociocognitivismo, ainda que não seja o foco deste estudo debruçar-se sobre suas especificidades, é interessante comentar que, segundo Koch & Cunha-lima (2004), enquanto os estudos cognitivistas clássicos insistiam na separação entre corpo e mente e entre fenômenos mentais e sociais, procurando explicar, basicamente, como o conhecimento é estruturado, armazenado e reativado dentro da mente, o sociocognitivismo difere-se por considerar como ponto crucial os processos interacionais que levam a construção e apropriação desse conhecimento pelos indivíduos, distanciando-se da preocupação de dizer se a cognição acontece dentro ou

fora da mente dos indivíduos e dedicando-se a compreender o complexo processo de inter-relação que possibilita tal construção de sentido.

Assim como as autoras, Marcuschi (2007) destaca em seus estudos os princípios do sociocognitivismo ao afirmar que o foco dos atuais estudos lingüísticos situam-se mais *nas* atividades de construção do conhecimento e não mais nas atividades de processamento, como costumava ser feito. A preocupação desloca-se da relação linguagem-mundo, para, em sua forma constitutiva, dar ênfase especial à questão do uso.

Entender e explicar como as informações são recebidas, armazenadas e reativadas, além do processo inferencial que ocorre durante o processamento textual, só foi possível a partir do momento em que se estabeleceu a visão social da cognição.

Assim, interpretar e compreender textos depende fundamentalmente de um conjunto de fatores que vão desde o conhecimento partilhado, e também o construído durante a interação, até os papéis sociais, as características do gênero, entre muitos outros.

Para Marcuschi (2007), o uso da língua está tão irrevogavelmente relacionado às práticas sociais discursivas que os “modelos” ou “esquemas”, que ajudam e orientam o processo de inferências no processamento textual, bem como as formas de armazenamento categorizadas como conhecimentos enciclopédicos ou procedurais, são, na verdade, processos criados durante tais práticas discursivas, e não por enumerações sócio-históricas pré-definidas.

Ainda Koch e Marcuschi (1998) afirmam que é importante ressaltar que o mundo não está pronto e estável à nossa disposição, esperando apenas para ser descrito e “etiquetado” por meio da linguagem.

Nesse sentido, Marcuschi (2007:64) destaca que

as coisas não estão no mundo da maneira como dizemos aos outros. A maneira como nós dizemos as coisas aos outros é decorrência de nossa atuação lingüística **sobre** o mundo com a língua, de nossa inserção sócio-cognitiva no mundo e de componentes culturais e conhecimentos diversos. A **experiência** não é um dado, **mas** uma construção cognitiva, assim como a *percepção* não se dá diretamente com os sentidos, mas é a organização de sensações primárias. O mundo comunicado é sempre fruto de uma ação cognitiva e não uma identificação de realidades discretas apreendidas diretamente. [negrito e itálico do autor]

Assim sendo, na visão de Marcuschi (2007), “nossas versões do mundo” são construídas pela prática social da linguagem, e longe, portanto, da idéia de espelhamento. A relação entre linguagem e construção da realidade, encontra-se fortemente marcada na seguinte afirmação:

a linguagem é uma atividade constitutiva e não uma forma de representar a realidade; mais que um *retrato*, a língua é um *trato* da realidade. Mais que um *portador* de sentido, a língua seria um *guia* de sentidos, como lembra Salomão (1999), e por isso mesmo ela é insuficiente. É na interação social que *emergem* as significações. (MARCUSCHI, 2007:68) [itálicos do autor]

Nesse quadro desenhado pelo sociocognitivismo, o “real” existe independentemente do discurso, mas não deixa de ser construído lingüisticamente pelas práticas enunciativas. Retomando Voloshinov (1988) o signo não é o real, nem uma representação dele, mas constitui-se como um

“fragmento material da realidade”, algo que emerge e é construído na interação.

Na perspectiva sociocognitiva interacional, segundo a qual não só as questões ideológicas, sociais e discursivas entram em ação, como também a própria cognição e o trabalho com a língua, o foco sai da relação língua-realidade, da referência, e concentra-se na produção de referentes, a referenciação.

Para Mondada e Dubois (2005), a noção de referência é um tema clássico que situa o problema da representação do mundo e as formas lingüísticas consideradas verdades em correspondência com ele.

Essa perspectiva, segundo as autoras, preconiza a relação direta entre as palavras e as coisas, na qual existe uma “estabilidade” das categorias e dos objetos do discurso, que situam as entidades lingüísticas, por meio de uma ordem que é estável, ideal e universal para a compreensão do mundo.

Todavia, o foco principal das autoras não é observar as “estabilidades” discursivas, mas, sim, as “instabilidades” inerentes aos objetos discursivos. Assim, *a instabilidade caracteriza o modo normal e rotineiro de entender, descrever, compreender o mundo – e lançar, assim, a desconfiança sobre toda descrição única, universal, e atemporal do mundo* (MONDADA & DUBOIS, 2005:28).

O principal objetivo de Mondada e Dubois (2005), portanto, é evidenciar como as atividades intersubjetivas, sociais e cognitivas estruturam a linguagem, dando sentido ao mundo. Nesse sentido, as autoras propõem a troca da noção de *referência* pela concepção de *referenciação* ao

considerarem o sujeito como responsável pela representação do mundo, por meio de categorias lingüísticas manifestadas em seus discursos.

Ao contrário da noção de referência que prioriza a relação direta estabelecida entre as coisas e as palavras, a noção de referenciação, por sua vez, focaliza a relação intersubjetiva, social e cognitiva, existente entre sujeitos atuantes, uma vez que estes, a todo o momento, (re) constroem, elaboram, avaliam, rotulam, os objetos dos discursos, em suas práticas discursivas.

Por isso, as autoras dedicam atenção à diferenciação entre os conceitos de “referência” e “referenciação”, conforme afirmação no trecho a seguir:

Em resumo, passando da referência à referenciação, vamos questionar os processos de discretização e estabilização. Esta abordagem implica uma visão dinâmica que leva em conta não somente o sujeito “encarnado”, mas ainda um sujeito sócio-cognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo. Este sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias – notadamente às categorias manifestadas no discurso. Isto significa que, no lugar de fundamentar implicitamente uma semântica lingüística sobre as entidades cognitivas abstratas, ou sobre os objetos *a priori* do mundo, nós nos propomos reintroduzir explicitamente uma pluralidade de atores situados que discretizam a língua e o mundo e dão sentido a eles, construindo individualmente e socialmente as entidades. (MONDADA & DUBOIS, 2005: 20)

Ainda, Mondada (2001:09) explica que a referência trata da tentativa de “*representação do mundo*” por meio da linguagem, buscando basear-se

numa uma relação de “verdade e correspondência”, enquanto a “referenciação” distancia-se da relação entre as palavras e as coisas do mundo, focalizando a “relação intersubjetiva e social” em que tal relação se baseia durante cada ato de interação realizado.

Sobre a diferença entre referência e referenciação, proposta pelas autoras, Marcuschi (2007:69) afirma que a referência é “*elaborada e transmitida discursiva e interativamente*”, não podendo existir fora da prática social da linguagem, enquanto a referenciação é a “atividade criativa” que de fato possibilita o surgimento de diferentes referências, e não apenas um “ato de designação” de referências, supostamente fixas e prontas para serem descritas por meio da linguagem.

Desse modo, o sentido dado a cada palavra varia sempre dependendo do seu uso, pois, “*não pensamos **com** as coisas, mas **as** coisas com base num sistema social e simbólico de muitos níveis de estruturação e operação*” (MARCUSCHI, 2007:70)

Marcuschi (2007) salienta que, apesar do grande apelo cognitivo, a referenciação não é apenas um processo mental, mas inclui também uma série de outras questões interacionais, visto que se trata de um “*fenômeno sócio-culturalmente construído*”.

Fundamentados em Mondada & Dubois (2005) e Mondada (2001), autores como Koch (1998 e 2001) e Marcuschi (1998 e 2006) afirmam que a referência pode ser melhor entendida como sendo um “objeto-de-discurso”, uma vez que não se remete diretamente a um elemento real/físico existente no mundo, mas, sim, é construído durante os atos de interação.

Cavalcante (2005:125), com base em estudos de Apothéloz, concorda com a visão defendida pelos autores acima, ao afirmar que

o processo de referenciação não se completa no simples emprego de expressões referenciais, mas vai muito além disso, porque o referente se cria de um conjunto de ações, do modo pelo qual os co-enunciadores ajustam suas ações conversacionais e da maneira pela qual constroem os sentido em cada evento comunicativo.

Em uma perspectiva de cognição social interacionalmente situada, ou praxeológica, dizemos que é da inter-relação entre língua e práticas sociais que emergem os referentes, ou “*objetos-de-discurso*”, por meio dos quais percebemos a realidade que, por sua vez, nos afeta. Os referentes passam a ser, assim, não uma entidade congelada que herdamos e transferimos, mas uma instância de referencialidade constitutivamente indeterminada e efêmera.

Neste trabalho, adotaremos a concepção de referenciação proposta por Mondada e Dubois, defendida no Brasil por estudiosos como Koch e Marcuschi.

Koch (2005) entende a referenciação como sendo uma atividade discursiva, como um processo de (re) construção dos objetos-de-discurso, os quais são “produtos culturais”, constituídos por sujeitos que interagem por meio de suas práticas discursivas, cognitivas e sociais. Nesta mesma linha, Marcuschi (2007) trata da “*construção social da realidade*” que possibilita a criação de objetos-de-discurso, não apenas nomeando seres, coisas ou acontecimentos do mundo real.

Dessa forma, no que concerne ao léxico, Koch e Marcuschi (1998) ressaltam que saber que um item lexical designa e nomeia um objeto do

mundo não é o mesmo que afirmar que tal item limita-se a apenas identificar aquele objeto em particular. Para os autores, *“os itens lexicais, por mais carga semântica que tenham, não são auto-suficientes”* (KOCH & MARCUSCHI, 1998:04) e, por isso, não podem ser considerados meros instrumentos de “etiquetagem da realidade”.

Cada item lexical não está eternamente “preso” a um único item do mundo e as categorias não são uma simples relação convencional, mas, sim, uma relação sócio-histórica, ou seja, uma negociação entre os sujeitos.

Koch (2005:34-35) postula ainda que os sujeitos sociais atuam sobre o material lingüístico fazendo escolhas significativas:

o sujeito, por ocasião da interação verbal opera sobre o material lingüístico que tem a sua disposição, realizando escolhas significativas para representar estados de coisas com vistas à concretização de sua proposta de sentido.

Uma vez que todos os falantes dispõem – em maior ou menor grau – de uma série de alternativas lexicais para produzir seus discursos convém destacar, como fazem Mondada e Dubois (2003), que as escolhas lexicais realizadas pelos sujeitos que interagem para categorizar um mesmo objeto-de-mundo podem variar de muitas maneiras.

Dessa maneira, as autoras chamam a atenção para a “instabilidade” das relações entre coisas e palavras, ressaltando haver diversas razões para tal “instabilidade”, incluindo de questões sincrônicas e diacrônicas, a especificidades dos discursos científicos e, até mesmo, instabilidades derivadas das próprias práticas lingüístico-discursivas.

Considerar, pois, as categorias como universais e aplicáveis a todos os sujeitos e contextos seria incoerência, uma vez os sistemas cognitivos humanos responsáveis pelas estratégias de categorização usadas nas práticas sociais da linguagem mostram-se amplas, flexíveis e adaptáveis aos diversos usos, independentemente da “materialidade do mundo”, isto é, da existência física e real dos elementos e objetos que pretendem expressar.

Para Mondada e Dubois (1995:25):

a instabilidade das categorias está ligada a suas ocorrências, uma vez que elas estão situadas em práticas: práticas dependentes tanto de processos de enunciação como de atividades cognitivas não necessariamente verbalizadas; práticas do sujeito ou de interações em que os locutores negociam uma versão provisória, contextual, coordenada do mundo.

O ponto ressaltado pelas autoras é que, devido ao grau de subjetividade envolvido na criação das categorias, é comum aparecerem conflitos sobre as possíveis categorizações para um mesmo referente. Quando os interlocutores encontram-se diante da possibilidade de diferentes categorizações para um mesmo referente, em geral, entra em ação uma construção “conjunta” de um objeto-de-discurso que satisfaça aos enunciantes.

Não se pode ver o referente, criado pelo processo de referenciação, apenas como um produto da língua, pois, na verdade, ele faz parte do complexo processo de interação entre sujeitos envolvidos nas atividades enunciativas. Esse processo interacional é “controlado” pelos participantes, que conduzem a construção de uma referência em comum, sendo, para isso, fundamentais fatores como a cognição e a contextualização.

1.2.1 - Estratégias de referenciação

Ao (re)construirmos, retomarmos, e (des)focalizarmos os objetos-do-discurso estamos realizando estratégias de referenciação. Esses movimentos promovem a progressão referencial e viabilizam o desenvolvimento do texto, fazendo-o progredir.

Koch (2004:64) sintetiza três possibilidades para a construção dos referentes textuais:

Construção/ativação: pela qual um “objeto” até então não mencionado é introduzido, passando a preencher um nóculo (“endereço” cognitivo, locação) na rede conceitual do modelo de mundo textual: a expressão lingüística que o representa é posta em foco na memória de trabalho, de tal forma que esse “objeto” fica saliente no modelo;

Reconstrução/reativação: um nóculo já presente na memória discursiva é reintroduzido na memória operacional, por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto-de-discurso permanece saliente (o nóculo continua em foco);

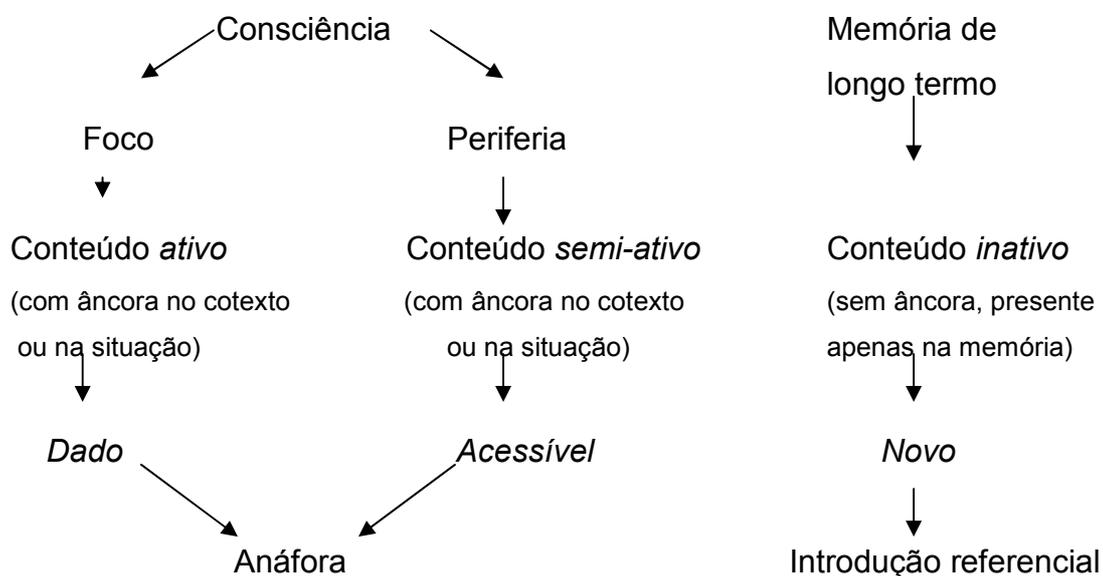
Desfocalização/desativação: ocorre quando um novo objeto-de-discurso é introduzido, passando a ocupar posição focal. O objeto retirado de foco, contudo, permanece em estado de ativação parcial (*stand by*), podendo voltar à posição focal a qualquer momento, ou seja, ele continua disponível para utilização imediata na memória dos interlocutores.

Segundo Koch (2002), a ativação dos referentes pode ocorrer de duas formas, a saber, a não-ancorada, pois se refere à introdução de um novo elemento (objeto-de-discurso), e a ativação ancorada, que, por sua vez,

introduz um objeto-de-discurso, pelo contexto sócio-cognitivo ou co-texto. Esta última ocorre por meio das anáforas indiretas e associativas.

Para Koch e Cavalcante (2007), cada uma das estratégias de referenciação põe em prática diferentes tipos de processos referenciais, criando uma rede de objetos-de-discurso no decorrer do texto. A progressão referencial é composta, então, da seqüência de introduções, manutenções (ou remissões) e desfocalizações dos referentes.

Para explicar a constituição e o funcionamento das anáforas, as autoras tratam das relações entre os referentes ativos e semi-ativos, com base na possibilidade de *ativação* e *re-ativação* entre “termos contextualmente ancorados”, bem como de referentes inativos. O quadro a seguir, proposto pelas autoras, serve para ilustrar esse posicionamento:



KOCH e CAVALCANTE (2007:13)

Koch e Cavalcante (2007) ressaltam que as definições de “dado”, “acessível” e “novo” não estabelecem leis fixas e imutáveis para representação do discurso interacional, mas tentam explicar o papel das diferentes formas referenciais e as possibilidades de seleção que os interlocutores têm a seu dispor.

Sobre as formas de acessibilidade ao referente, Cavalcante (2005b: 23-25), explica que quanto mais facilmente acessíveis estejam os referentes, menos complexas e descritivas serão sua retomada, por pronomes ou morfemas zeros, por exemplo.

Levando em conta que a (re) construção de objetos-de-discurso pode ocorrer de forma direta ou indireta, dedicaremos o próximo capítulo ao tratamento das anáforas indiretas que são o foco deste estudo.

CAPÍTULO 2: Anáfora indireta: algumas considerações teóricas**2.1 - Anáforas**

A anáfora é considerada a mais comum das estratégias de referenciação fundada na dinâmica do texto. As expressões anafóricas assumem funções diversas como, por exemplo, contribuir para coesão textual, manutenção tópica, progressão e organização do texto.

Halliday e Hansan (1976 apud MENEZES, 2006) iniciaram seus estudos sobre a coesão textual, concebendo a anáfora como um elemento que retoma pontualmente um referente introduzido no texto.

Menezes (2006) afirma que a anáfora é entendida como a operação de substituição de um item lexical antecedente, de maneira parcial ou inteira. Apoiando-se na proposição de Milner (1982), para quem ocorre:

uma relação de anáfora entre duas entidades A e B quando a interpretação de B depende crucialmente da existência de A, a ponto de se poder dizer que a unidade B não é interpretável a não ser na medida em que ela retoma – inteira ou parcialmente – A. Essa relação existe quando B é um pronome no qual a referência virtual não é estabelecida a não ser pela interpretação de um “nome” que o pronome “repete”. Ela existe igualmente quando B é um “N” em que o caráter definido – isto é, o caráter de identidade do referente –

depende exclusivamente da ocorrência, no contexto, de um certo “N” – com efeito, geralmente, o mesmo do ponto de vista lexical. (MILNER, 1982: 94-95)

De acordo com Ilari (2005), são extremamente prejudiciais para os estudos anafóricos determinadas definições simplistas que limitam as anáforas a “relações co-referenciais entre dois elementos de um texto”. Uma melhor definição de anáfora, mesmo que ainda bastante genérica, é entendê-la como expressões que identificam o mesmo *referente do discurso*, presente em lugares diversos do texto. Assim, várias são as possibilidades de ligações que tal referente pode exercer em relação a outros objetos-de-discurso do texto.

Porém, mas do que definir propriamente o que é anáfora, Ilari considera mais proveitoso investigar como ela se dá e quais são os processos lingüísticos envolvidos, considerando o funcionamento da memória e outros procedimentos cognitivos. Para o autor:

A anáfora não é apenas um mecanismo de preservação de referentes, nem mesmo um mecanismo de preservação de conteúdos. Tem pouco a ver com formas, e tem pouco a ver com o mundo; ao contrário, tem muito a ver com o modo como armazenamos o mundo em um “buffer cognitivo”. (ILARI 2005:123)

A anáfora, portanto, é uma estratégia textual referencial que pode ser estudada tanto por uma visão tradicional, na qual ocorre a retomada explícita de um antecedente textual demarcado no cotexto, como numa perspectiva mais ampla, onde não há, necessariamente, a retomada direta de uma expressão referencial presente na superfície textual.

Na visão de Marcuschi (2005:54-55), o termo anáfora designa expressões co-textuais que *reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não), contribuindo assim para a continuidade tópica e referencial.*

Ainda na esfera mais geral a respeito das anáforas, é necessário estabelecer também a recorrente idéia de “antecedente”. Apóthelóz (1995:54-61) aconselha muito cuidado ao se tratar desse conceito, uma vez que muitos autores tendem a simplificar a idéia, definindo antecedente como a expressão primeira à qual a forma anafórica retoma.

Para fugir desse equívoco, o autor destaca que as anáforas são, antes de tudo, expressões referenciais e que, como tais, sua interpretação não deve ser fixada permanentemente no texto, mas deve abranger os processos cognitivos que a possibilitam.

2.2 – Tipos de anáforas

Neste estudo, elegemos a anáfora indireta como objeto de investigação. Entretanto, para melhor situar a discussão sobre esse fenômeno, necessário se faz tratar do conceito de anáfora direta, fundado anteriormente. Assim sendo, neste capítulo, trataremos inicialmente da anáfora direta, salientando, contudo, como o faz Marcuschi (2005), a inadequação de se pensar nesses dois fenômenos como sendo tipos dicotomicamente opostos de anáforas, uma vez que ambas fazem parte, na verdade, de um “*continuum* anafórico” em que, de um lado, há os tipos de anáfora mais morfossintaticamente calcados e com antecedentes mais ou menos facilmente

identificados no texto; e, do outro lado, há o acréscimo gradual de processos cognitivos que envolvem conhecimentos enciclopédicos e de mundo.

2.2.1 - Anáforas Diretas

Retomando a idéia de “antecedente” apresentada por Apothéloz (2003), Marcuschi (2005) afirma que as anáforas diretas podem ser *fiéis* ou *infiéis*. Para o autor, há anáfora *fiel*, quando um referente anteriormente introduzido é retomado por um sintagma nominal (SN) *igual ou bastante semelhante*, como é o caso das expressões “uma casa / a maior casa” no exemplo produzido abaixo:

(1) Morávamos uma casa de esquina. Era a maior casa da rua.

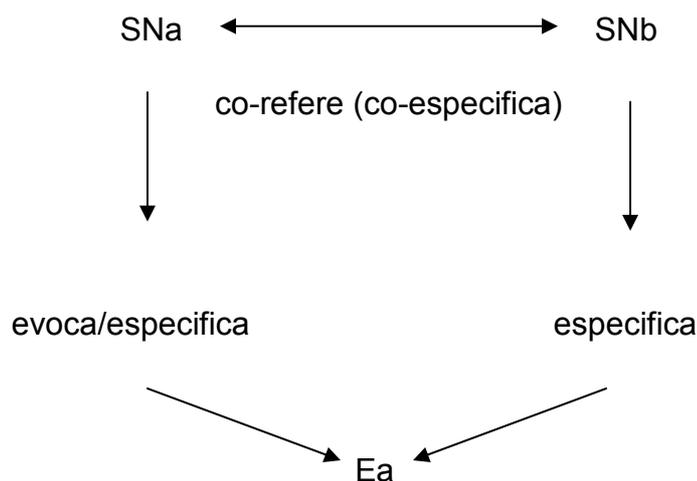
Quando o núcleo do sintagma nominal não se repete, tem-se então uma anáfora *infidel*, visto que se apresenta uma expressão que não coincide exatamente com o referente anteriormente introduzido, ainda que se trate de um sinônimo e/ou hiperônimo. É o caso das expressões “a casa / a habitação”, no exemplo produzido abaixo:

(2) Todos paravam para ver a casa de Maria. Era a habitação mais luxuosa da rua.

Nos exemplos acima, podemos visualizar o aspecto básico das anáforas diretas que é a correferência entre anáfora e antecedente, visto que

apontam para o mesmo referente por meio de ligações morfossintáticas de reativação que promovem a continuidade do texto.

Marcuschi (2005:57) propõe o seguinte esquema para explicar o funcionamento da correferência nas anáforas diretas:



(MARCUSCHI, 2005:57)

No esquema acima, verifica-se entre os Sintagmas Nominais (SNa e SNb) uma relação de co-referenciação e co-especificação explicitada por Ea, em que SNb retoma o referente introduzido em SNa, conforme vimos na relação explicitada nos exemplos (1) e (2).

Não se pode, contudo, confundir os conceitos de “*correferência / co-significação*”, ponto A correferência pressupõe duas expressões: a primeira que designa um mesmo referente, a propriedade básica da idéia de anáfora direta, enquanto a segunda, a co-significação, ainda que próxima da correferência, apresenta um caso de anáfora pronominal qualificativa, melhor demonstrada no exemplo abaixo (KARTTUNEN, 1969 apud APOTHELOZ, 2003):

(3) O homem que deu seu salário à sua esposa é mais sábio do que o homem que o deu à sua amante.

Nesse exemplo não há a correferência, visto que o pronome “o” não indica o *mesmo homem* e o *mesmo salário*. Há, sim, um caso de co-significação, pois há uma economia de termos a serem explicitados, mas o conteúdo proposicional veiculado pelo pronome refere-se claramente a *outro homem* e, conseqüentemente, *outro salário*.

É importante salientar ainda quanto às anáforas diretas que autores vêm com cautela termos como “referir”, “remeter” e “retomar”, por vezes usados, erroneamente, como sinônimos.

Para Koch (2002:84), os três termos relacionam-se hierarquicamente subordinados:

- * a retomada implica remissão e referenciação;
- * a remissão implica referenciação e não necessariamente retomada;
- * a referenciação não implica remissão pontualizada nem retomada.

A autora coloca a referenciação como o nível mais amplo que engloba os outros dois. Assim, se *referir* é relacionar palavras e coisas, *remeter* é recuperar, ainda que apenas implicitamente, as partes do co-texto, enquanto *retomar* (retomada) é a reativação de um referente já exposto.

A importância desta distinção encontra-se na necessidade de se entender que

O processamento textual se dá numa oscilação entre vários movimentos; um para frente (projetivo) e outro para trás (retrospectivo), representáveis parcialmente pela catáfora e pela anáfora. Além disso, há movimentos

abruptos, há fusões, alusões, etc. em sentido estrito, pode-se dizer que a progressão textual se dá com base no já dito, no que será dito e no que é sugerido, que se co-determinam progressivamente. Essa co-determinação progressiva estabelece as condições da textualização que, em conseqüência, vão se alterando progressivamente. Assim, muito do que ainda era possível em certo ponto x de um texto já não é mais possível num ponto x+1, por exemplo, inferências tidas como possíveis no ponto x já não são no ponto x+1 e assim por diante. A progressão textual renova as condições de textualização e a conseqüente produção de sentido. Portanto, o texto é um universo de relações seqüenciadas, mas não lineares. (KOCH, 2002:84-85)

Koch (2002) salienta que, em se tratando das expressões anafóricas, as escolhas feitas estão sempre subordinadas a fatores sociocognitivos, contextuais, situacionais e interacionais.

A autora apresenta o seguinte exemplo, no qual a constituição da anáfora se dá por sinônimo (informações/dados).

(4) A idéia dos pesquisadores é utilizar *essas informações* para o desenvolvimento de produtos biotecnológicos. (...) Os *dados* também servirão (...). [Koch, 2002:87]

Além disso, a autora exemplifica casos em que a relação anafórica se constitui com base em parassinônimos.

(5) A **devocão** aos santos, assim, se espalha até mesmo entre os evangélicos, que em tese não reconhecem sua existência. **A veneração** aos santos muitas vezes se baseia nas características a eles atribuídas. (Revista Época, Março, 2006 apud FREITAS, 2006)

Para os casos de anáforas diretas por pronominalização, a autora cita o exemplo a seguir, no qual o pronome pessoal do caso reto “ela”, *retoma* inteiramente o nome “Maria”:

(6) Maria não gosta muito de doces. Ela prefere salgados.

Os exemplos retomam o antecedente previamente explicitado e, por isso, esses casos são representativos do que na literatura se denomina anáfora direta.

2.2.2 - Anáforas Indiretas

Os estudos clássicos defendem a concepção de que a anáfora realiza uma espécie de remissão pontual a referentes anteriormente introduzidos no texto, ou seja, ela é concebida como um processo que acarreta uma volta ao texto, ao fazer a reativação de termos.

No entanto, nem sempre as anáforas implicam uma recuperação direta dos elementos referidos, conforme afirmam Koch (2002) e Macuschi (2005). Assim, postulam esses autores a existência de anáforas ancoradas no co-texto ou no contexto sociocognitivo, fenômeno denominado de anáforas indiretas.

Este tipo de anáfora exige, portanto, mais da memória e dos modelos mentais de organização do conhecimento de mundo, pois introduzem e remetem a conteúdos que não foram previamente explicitados.

Para Koch (2002:107), a anáfora indireta

consiste no emprego de expressões definidas anafóricas, sem referente explícito no texto, mas inferível a partir de elementos nele explícitos, isto é, trata-se de uma configuração discursiva em que se tem um anafórico sem antecedente literal explícito (portanto, não condicionado morfossintaticamente por um SN anterior), cuja ocorrência pressupõe um *denotatum* implícito, que pode ser reconstruído, por inferência, a partir do contexto precedente.

Ilari (2005) chama a atenção para a importância de não ignorarmos a existência e relevância desse tipo de anáfora na progressão textual, principalmente quando se leva em consideração o grande número de anáforas indiretas claramente visíveis e identificáveis em qualquer texto analisado.

Ao compartilhar dessa mesma posição, Marcuschi (2005) aponta que as **anáforas indiretas** são constituídas por *expressões nominais definidas, indefinidas e pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente (ou subsequente) explícito no texto*. Por isso, elas não retomam ou remetem a referentes anteriormente introduzidos, mas sim ativam novos referentes dentro da progressão textual, mantendo claras relações semânticas e cognitivas com outros referentes já explicitados.

Marcuschi (2005:53) apresenta o seguinte exemplo de anáfora indireta:

(7) Essa história começa com uma família que *vai a uma ilha* passar suas férias. /.../ Quando amanheceu eles foram ver como estava *o barco*, para ir embora e perceberam que o barco não estava lá. [itálico do autor]

interessante e relevante o estudo das anáforas indiretas e seu desenvolvimento dentro da progressão textual.

Objetivando estudar o caso de anáfora sem antecedente explícito no texto, Marcuschi (2005) toma como ponto de partida a definição dada por Schwarz (2000), segundo a qual a anáfora indireta:

*[...] trata-se de expressões definidas [e expressões indefinidas e pronominais] que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões [ou informações constantes] da estrutura textual precedente [ou subsequente] e que têm duas funções referenciais textuais: a **introdução de novos referentes** (até aí não nomeados explicitamente) e a **continuação da relação referencial global**. (MARCUSCHI, 2005: 59)*(em itálico a definição emprestada de Schwarz, entre colchetes os acréscimos do autor) [negrito meu]

Na identificação do fenômeno, Marcuschi retoma os seguintes exemplos apresentados por Schwarz (2000):

(8) Ontem fomos a *um restaurante*. O *garçom* foi muito deselegante e arrogante.

(9) Ontem fomos a *um restaurante*. *Ele* foi muito deselegante e arrogante.

Nos exemplos, está pressuposta a ligação entre restaurante e garçom, o que favorece a ativação do novo referente “garçom”. Em (9), o uso de um pronome no lugar de uma expressão pronominal torna a associação entre as duas expressões mais difícil de ser realizada que em (8).

Dada a multiplicidade e complexidade das relações que constituem as anáforas indiretas, muitas classificações e denominações têm sido

propostas por diversos autores que se dedicam ao assunto. Contudo, tendo em vista o objetivo desta pesquisa, iremos destacar estudos de Marcuschi (2005); Koch (2002; 2004) e Koch e Elias (2009) respaldados em Schwarz (2000) para quem as anáforas indiretas podem se constituir de várias formas.

Nas *anáforas indiretas baseadas em papéis temáticos dos verbos*, são os verbos que trazem consigo algumas possibilidades de “preenchimento” como no exemplo: “Eu queria *fechar a porta* quando Moretti saltou dos arbustos. Com o susto deixei cair *as chaves*” (MARCUSCHI, 2005:61), no qual o verbo “fechar” abre precedente para que a expressão “as chaves” seja facilmente introduzida.

Nas *anáforas indiretas baseadas em relações semânticas inscritas nos SNs definidos*, destacam-se relações lexicais como a meronímia (a parte pelo todo, ou vice-versa) ou como hipônimos e hiperônimos.

As anáforas indiretas do tipo semântico são baseadas no léxico. Grande parte dos casos se concentra nas relações meronímicas (parte-todo).

O exemplo a seguir evidencia a expressão-âncora “a casa” a partir da qual as outras expressões destacadas, “as portas”, “as janelas” e “as paredes” são facilmente ativadas com base na relação parte-todo.

(10) **A casa** era antiga, **as portas** sem alguns pedaços que foram corroídos pelos cupins, **as janelas** quebradas, **as paredes** pichadas dava um ar sombrio à casa. (KOCH e ELIAS, 2009:136) [grifo das autoras]

Nas *anáforas indiretas baseadas em esquemas cognitivos e modelos mentais*, entram em ação os conhecimentos de mundo chamados de *frame*,

cenário, esquema, script etc, que podem ativar diferentes possibilidades de contexto, tanto lexicais como em relação a organizações e procedimentos.

(11) **Um acidente** inesperado aconteceu. Acordei **no hospital**. (KOCH e ELIAS, 2009:137)

No exemplo, a ativação do referente “o hospital” ocorre a partir dos conhecimentos de mundo que nos informam que após “um acidente”, a seqüência mais natural dos eventos é que o acidentado seja levado a um hospital.

Por sua vez, as *anáforas indiretas baseadas em inferências ancoradas no modelo de mundo textual* são também consideradas anáforas indiretas elípticas, pois ancoram na associação entre os referentes do modelo textual precedente e os conhecimentos inferenciais mobilizados a partir dele, apoiando-se mais significativamente nos conhecimentos inferenciais que nos modelos textuais.

Conforme afirma Marcuschi (2005), essas anáforas baseadas em inferências são semelhantes às do tipo conceitual, pois ancoram no modelo textual precedente e nos conhecimentos mobilizados a partir dele.

É o caso do exemplo abaixo:

(12) Estamos *pescando* há mais de duas horas e nada, porque *eles* simplesmente não mordem a isca. (MARCUSCHI, 2005:67) [itálicos do autor]

Se no exemplo os referentes “acidente” e “hospital” podem ser facilmente relacionados por pertencerem tanto ao mesmo campo lexical subjetivamente ativado na memória, quanto ao *script*, seqüência de eventos

lógicos de uma dada situação social, o mesmo não acontece no exemplo no qual a interpretação do pronome “eles” só é possível quando inferencialmente entendida como “peixes”, por estar ancorado no verbo “pescar”.

Por último, as *anáforas indiretas esquemáticas realizadas por pronomes introdutores de referentes* — um tipo apresentado por Marcuschi (2005) em complementação ao estudo de Schwarz (2000) e exemplificado a seguir:

(13) Estamos *pescando* há mais de duas horas e nada, porque *eles* simplesmente não mordem a isca. (MARCUSCHI, 2005:67)

No exemplo, o pronome “eles” introduz o referente “peixes” ancorado no contexto dado pelo verbo “pescar”.

Ainda respaldado nos estudos de Schwarz, Marcuschi (2005) apresenta um conjunto de traços característicos das anáforas indiretas, a saber:

- Todos os tipos de AI podem ser tidos como referências textuais ligadas a domínios (interpretativos) por vezes determinados e por vezes mais amplos;
- Os referentes dos SN definidos que operam como AI são atingidos por estratégias constituidoras de referentes do tipo [preencha o papel X com o referente R] no modelo de mundo textual;
- Todas as AI são expressão explícita de relações de coerência implícita nas estruturas textuais. Ao receptor cabe ativar ou construir essas relações implícitas. Toda interpretação de uma AI exigirá o processo de estabelecimento de uma relação conceitual ou semântica ou textual-discursiva;

- As AI apresentam, do ponto de vista estrutural-informacional, tematizações remáticas que provocam continuidade e progressão informacional no texto;
- Quase todas as AI baseadas no léxico e em modelos cognitivos têm um tipo de leitura partitiva, seja em sentido estrito ou lato;
- As AI baseadas em inferências do modelo de mundo textual também têm uma leitura partitiva, uma vez que ativam referentes que são parte do modelo de mundo textual invocado para sua constituição.

(SCHWARZ, 2002:126 apud MARCUSCHI, 2005:80).

Tendo esclarecido que as anáforas indiretas são fundamentalmente ancoradas em domínios cognitivos, vale ressaltar que, por vezes, nem sempre os processos cognitivos envolvidos são os mesmos e claramente identificáveis. Devido ao fato da interpretação realizar-se “em tempo real (*on line*)”; não raro, várias possibilidades de âncoras são apresentadas e ocorre então a ambigüidade.

2.2.2.1 - Anáforas Associativas: um subtipo das anáforas indiretas

Para Marcuschi (2005), as anáforas associativas fazem parte das anáforas indiretas. Assim, podemos afirmar que a anáfora indireta é um fenômeno mais amplo que as associativas e estas fazem parte das indiretas.

Koch (2002) também compartilha dessa posição ao afirmar:

um subtipo de anáforas indiretas são as anáforas associativas: trata-se também de uma configuração em que se tem um anafórico sem antecedente literal explícito, cuja ocorrência pressupõe um *denotatum* implícito, que pode ser reconstruído, por inferência, a partir do cotexto precedente. (KOCH, 2002:109)

Kleiber (2001 apud SILVA, 1999) apresenta quatro condições que, segundo ele, se impõem à identificação das anáforas associativas:

1. A anáfora associativa consiste na introdução de um referente novo;
2. Por meio de uma expressão definida;
3. Por intermédio de uma outra entidade mencionada antes no texto;
4. A relação entre a entidade “antecedente” e a entidade nova não é uma associação unicamente discursiva ou contextual, mas levanta um saber *a priori* ou convencional associado aos lexemas em questão.

Assim sendo, a definição de anáfora associativa se aplica a qualquer tipo de referenciação indireta que introduza um novo referente por meio de uma expressão definida.

Segundo Silva (1999), as anáforas associativas baseiam-se na inexistência de relação de identidade lexical ou semântica de um termo com um antecedente já explicitado no texto. Para a autora, esse tipo de anáfora define-se, principalmente, por relações de hiponímia ou meronímia.

Com base nessa não correferencialidade existente nas anáforas associativas, podemos dizer que a relação anafórica dá-se por *inferência*, uma vez que a produção da anáfora associativa está intrinsecamente ligada ao conhecimento de mundo e partilhado, pois não necessariamente há uma expressão “definida” a ser retomada, mas sim uma série de forma de proposições, com referências genéricas.

A autora sintetiza abaixo o que considera serem as principais características das anáforas associativas:

- co-presença de duas expressões: uma fonte e outra anafórica;
- inscrição num quadro de predicção complexa, na medida em que é composta de pelo menos dois predicados, atribuindo-se um a cada um dos elementos da relação;
- manifestação de uma orientação privilegiada de um elemento mais geral relativamente a outro menos geral, que se traduz no facto de a expressão anafórica só poder introduzir em relação ao referente que a introduz, informações já disponíveis no termo antecedente;
- intransitividade da anáfora associativa decorrente da impossibilidade de cada objecto dar acesso a outros objectos com a mesma validade;
- introdução do novo referente através da expressão anafórica, realizada sob forma do conhecimento, nomeadamente pelo recurso ao determinante definido. (SILVA, 1999:254-255)

Ainda Silva destaca a importância dos elementos de natureza formal e semântica ou nocional, uma vez que, como também ressalta Kleiber (2001), a anáfora associativa funciona através de estereótipos. Por isso, o conceito mental do objeto em questão, que está na consciência do falante, é o que estabelece a associação com o referente.

É o conhecimento partilhado e também a inferência que permitem ao interlocutor fazer ligações interpretativas entre os elementos referidos na situação comunicativa. Sobre a função da inferência nas anáforas associativas, Dubois e Lavigne-Tomps (1994:278 apud SILVA, 1999) afirmam que a inferência resulta de um processo de interação no qual o tratamento lingüístico se efetua por meio de processos cognitivos lógico-formais, ou também aspectos semânticos lexicais, baseados no texto.

Assim, para os autores, a anáfora associativa pode realizar-se com base no léxico-estereotípico de uma relação convencional necessária ou

estereotípica, já pré-inscrita e pré-determinada no léxico e condicionada pelas representações semânticas ligadas aos referentes ativados por tal relação.

É claro que as possibilidades de associações variam cultural e socialmente, pois são constituídas por expressões idiomáticas, locuções e também por todo o conhecimento armazenado na mente dos interlocutores e colocado em ação durante as situações de comunicação.

Assim, segundo Silva (1999), a anáfora associativa pode ser entendida aqui como uma idéia ou conceito, geral e abstrato, que possibilita o reconhecimento e a organização dos conhecimentos armazenados, estabelecendo associações entre o referente por meio da filtragem e adaptação de tais conceitos ao contexto situacional em questão.

Silva (1999:258) apresenta o seguinte exemplo de anáfora léxico-estereotípica:

(14) Apanhei um *táxi* para o *Parlamento*. Depois das habituais incertezas climáticas, o *condutor* pergunta se sou *deputada*. [itálicos meus]

No exemplo, a relação anafórica associativa entre o SN “o condutor” e o SN que desencadeia o antecedente “um táxi”, é possível de ser entendida por meio da dependência inferencial entre os dois: um “táxi” sempre é dirigido por um “condutor”. Os conhecimentos de mundo que possibilitam a associação entre “táxi” e “condutor” também poderiam certamente estabelecer relações com “passageiro”, “viagem”, “valor da corrida”, e outros elementos lexicais pertencentes ao campo semântico em questão.

Ainda no mesmo exemplo, pode-se estabelecer relação entre “Parlamento” e “deputada”, baseada em conhecimento de mundo.

“Táxi” e “Parlamento”, então, são âncoras textuais que possibilitam a relação anafórica associativa com os referentes “condutor” e a “deputada”, fazendo respectivamente com que esses itens sejam interpretados não só como novos objetos-de-discurso, mas também como objetos interpretativamente ancorados em outros referentes já introduzidos por meio de uma relação indireta. O mesmo acontece no exemplo seguinte, que ajuda a demonstrar claramente as várias possibilidades desse tipo de anáfora associativa (SILVA, 1999:260):

(15) As *plantas* estão estreitamente ligadas ao seu biótopo, ou meio ambiente, por meio das *raízes*, utilizam os recursos do solo, e através dos *caules* e das *folhas*, os da atmosfera. [itálicos nossos]

No exemplo, temos o campo semântico de “plantas” que, numa relação meronímica (parte-todo), envolve os itens “raízes”, “caules” e “folhas”. Assim, mesmo que nenhum desses itens tenha sido explicitamente mencionado no cotexto, existe a ancoragem cognitiva no antecedente “plantas”, que possibilita aos itens seguintes serem interpretados como já conhecidos e participantes no processo de referenciação, e não como dados novos.

Quanto às anáforas associativas de cunho discursivo-cognitivo, o escopo das possíveis associações vai além do campo semântico-lexical, baseando-se no próprio discurso para construir as relações associativas. Nesse contexto, o processo inferencial fundamenta-se não só nos

conhecimentos armazenados na memória, mas também nos conhecimentos discursivos de, por exemplo, situações e procedimentos, uma vez que envolvem mais do que apenas relações entre itens lexicais pertencentes ao mesmo campo semântico.

No exemplo (13), além da relação léxico-estereotípica já apontada entre “táxi-condutor” e “Parlamento-deputada”, temos também a relação discursiva-cognitiva que toma o contexto situacional “viagem de táxi” para podermos identificar com naturalidade a expressão “*depois das habituais incertezas climáticas*”, como parte integrante do fenômeno discursivo em andamento.

Ainda sobre o aspecto discursivo-cognitivo das anáforas indiretas associativas, Silva (1999:261) apresenta o seguinte exemplo, tirado de um folheto de instruções da panela da marca Silampos:

(16) 1. Depois de limpar a *panela*, deite-lhe os alimentos e ingredientes, bem como a água necessária.

2. Coloque a *tampa*, faça girar horizontalmente o travessão de *aço inoxidável*, colocando-o por baixo dos suportes laterais existentes no corpo da panela, de forma a que as *válvulas de segurança* e de funcionamento fiquem uma de cada lado e formando com ele uma cruz. [itálicos e sublinhados meus]

No exemplo, há não só a relação léxico-estereotípica entre “panela”, “tampa”, “aço inoxidável”, “válvula de segurança”, mas também a relação discursivo-cognitiva entre “panela” e “deitar-lhe alimentos e ingredientes, bem como a água necessária”.

Se, para a associação léxico-estereotípica, o conhecimento do objeto e de suas partes e possíveis acessórios é suficiente para a interpretação da porção textual em questão, na associação discursivo-cognitiva, o conhecimento do uso da panela e de preparar alimentos/cozinhar é requisitado, bem como as ações envolvidas em tal uso, como colocar os alimentos, ingredientes e água dentro da panela.

Na busca de classificações para as anáforas associativas, Kleiber (2001 apud SILVA, 1999), diferentemente de Marcuschi (2005), distingue as anáforas indiretas em quatro classes, todas caracterizáveis por vínculos léxico-estereotípicos: *meronímicas, actanciais, funcionais e locativas*.

2.3. – Anáfora e continuidade do tópico discursivo

Marcuschi (2006) afirma que o tópico discursivo é concebido como um processo enunciativo global. Para o autor, tal processo não só considera o nível frasal, mas também o relaciona aos aspectos cotextuais e contextuais, desenvolvidos a partir da construção dos objetos de discurso, que elaboram e mantêm o tópico numa relação enunciativa dinâmica, ao serem “introduzidos, desativados, reativados ou reciclados, nos movimentos discursivos”. (MARCUSCHI, 2006:13).

Ainda afirma Marcuschi (2006:10) que a noção de tópico discursivo está relacionada “a produção enunciativa dos objetos do discurso mediante modos de enunciação sociocognitivamente situados”.

Conforme preconiza o autor, com base nas considerações de Van Dijk (1997), o tópico discursivo possui relação com as estruturas semânticas e se refere “ao que se está falando num discurso” (MARCUSCHI, 2006:09).

Dessa forma, a noção de tópico discursivo promove a relação da continuidade-descontinuidade discursiva, principalmente se pensarmos nas passagens de tópicos antigos para novos.

Convém acrescentar que o Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF), segundo Jubran (2006), define duas propriedades tópicas, a saber, *centração* e *organicidade*, a fim de particularizar a noção de tópico discursivo. A *centração*, conforme destaca o grupo (PGFL), está relacionada à temática: “o tópico é tomado no sentido geral de “acerca de” que se fala, isto é, um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem” (JUBRAN, 2006:35).

O grupo (PGFL) ainda acrescenta que a *centração* também abrange categorizadores, permitindo a análise do tópico discursivo como tópico que pertence a uma porção textual:

a) a *concernência* – relação de interdependência entre elementos textuais, firmada por mecanismos coesivos de sequenciação e referenciação, que promovem a integração desses elementos em um conjunto referencial, instaurado no texto como alvo da interação verbal;

b) a *relevância* – proeminência de elementos textuais na constituição desse conjunto referencial, que são projetados como focais, tendo em vista o processo interativo;

c) a pontualização – localização desse conjunto em determinado ponto do texto, fundamentada na integração (concernência) e na proeminência (relevância) de seus elementos, instituídas com finalidades interacionais. (JUBRAN, 2006:35).

Quanto à organicidade, podemos afirmar que ela se dá por meio da relação entre os tópicos, realizada no plano hierárquico ou da subordinação entre os tópicos.

Segundo Koch e Penna (2006), a composição de um texto resulta de segmentos tópicos, que, “direta ou indiretamente estão relacionados a um “tema geral ou tópico discursivo”.

Para as autoras a progressão tópica ocorre tanto de maneira contínua como descontínua. A primeira maneira se dá quando há certo esgotamento do segmento tópico e este é desviado, sem necessariamente romper, denominado de *topic shift*. A segunda, por sua vez, se dá quando há quebras ou rupturas se costuma denominar segmentos *ruptores* ou *digressivos*.

Pinheiro (2006) analisa o conceito de tópico discursivo em relação ao conteúdo sobre o que se fala e se escreve numa perspectiva focalizada. Além disso, o autor acrescenta que o tópico discursivo não é somente considerado uma categoria de base textual-discursiva, mas uma **categoria interacional**, pois resulta da interação e colaboração entre os interlocutores.

Embora reconheçamos que a questão do tópico discursivo não se esgota por aqui, não podemos encerrar essa discussão, sem antes mencionarmos outros conceitos freqüentemente mobilizados a ele, tais como a continuidade referencial e a continuidade temática.

Segundo Koch (2008:119), *“a acepção que se dá a esses termos varia não só de perspectiva teórica para perspectiva teórica, como mesmo de autor para autor”*.

A autora ainda destaca que se trata de noções básicas que propiciam a organização e funcionamento dos textos, pois cada um desses termos possui um papel na dinâmica textual, responsável pela mobilização (avanço e retroação) dos discursos cognitivos, como evidenciaremos a seguir.

Para Koch (2008), a continuidade referencial ocorre por meio da introdução de referentes novos ou inferíveis presentes na tessitura textual, ou pela ativação de referentes na memória de trabalho. Assim, as cadeias coesivas são construídas, o que garante a continuidade dos referentes, e, ao mesmo tempo, a progressão referencial.

A continuidade temática se refere tanto à distribuição de temas e remas como ao avanço do texto por meio das novas predicções atreladas ao tema, conforme aponta a autora (Koch, 2008:121):

É nesse sentido que, na referenciação por meio de anáforas indiretas (inclusive as anáforas associativas), bem como nos casos de encapsulamento por nominalização, ocorre o que Schwarz (2000) denomina tematização remática.

Por sua vez, a continuidade tópica, ou melhor, a progressão tópica ocorre quando há um tema geral ou tópico discursivo ligados aos segmentos tópicos de maneira direta ou indireta.

Deve-se ressaltar, segundo a autora, que a garantia da progressão textual ocorre, em parte, pela continuidade tópica, que engloba a continuidade temática, e, por sua vez, “repousa” na continuidade referencial.

Koch destaca ainda que a coerência textual se dá por meio da continuidade tópica e esta, conforme já mencionado, constitui um princípio responsável pela organização do discurso.

Como bem coloca a autora, ao sintetizar abaixo suas considerações sobre estes termos

(...) no interior de uma concepção de texto “como evento comunicativo no qual convergem ações cognitivas, discursivas e sociais” (BEAUGRANDE, 1997), progressão/continuidade referencial, progressão/continuidade temática, progressão/continuidade tópica devem ser vistas como resultado de estratégias – cognitivo-discursivas, sociointeracionais e de formulação textual –, postas em ação pelos sujeitos sociais, tendo em mira a construção dos sentidos. (KOCH, 2008:131)

CAPÍTULO 3: A escrita em contexto digital

Para Crystal (2001), o próprio inventor da Internet, Tim Berners-Lee, afirmou que *“a Web refere-se a qualquer coisa sendo potencialmente conectada com qualquer coisa⁶”*, destacando, desde o princípio, como sendo sua característica mais marcante a pluralidade de relações e ligações possíveis.

Ainda Crystal afirma que (2001:195), *“a Web na verdade funciona como um espelho em relação à dimensão gráfica de nossa natureza lingüística. Uma quantidade significativa da vida lingüística visual já está lá, bem como uma proporção da nossa vida vocal⁷”*, salientando as possibilidades da Web em abrigar todos os tipos de linguagem, desde textos escritos até imagens ou sons de maneira única e tão ampla como nenhum outro meio jamais conseguiu anteriormente. Nesse sentido, a Web tem como característica marcante a hipertextualidade.

⁶ Em tradução livre de *“the Web is about anything being potentially connected with anything”*.

⁷ Em tradução livre de *“the Web in effect holds a mirror up to the graphic dimension of our linguistic nature. A significant amount of human visual linguistic life is already there, as well as a proportion of our vocal life.”*

3.1 O hipertexto

O hipertexto surgiu a partir do sonho de Vannevar Bush, físico e matemático, que, durante a Segunda Guerra Mundial, idealizou uma ferramenta com o propósito de oferecer à população em geral todo o “*conhecimento herdado das gerações precedentes, proporcionando, assim, a interação entre pensamento humano e a soma de toda a produção científica*” (KOMESU, 2005:89).

Essa ferramenta, batizada por seu idealizador de *Memex*, não era o que conhecemos hoje como hipertexto propriamente dito, mas já trazia uma interessante mudança na proposta das relações entre os conhecimentos armazenados e apresentados, ao contrário da indexação clássica que vigorava até então. Bush propunha um sistema de *associação* que simulasse – ainda que muito rudimentarmente, como ele próprio viria a admitir – o complexo processo de seleção e associação realizado pelas mentes humanas.

A intenção de Bush era que, ao acessar uma informação ou conceito existente no banco de dados, o usuário tivesse também à disposição, instantaneamente, uma rede associativa ilimitada, como uma biblioteca ou enciclopédia interativa que pudesse ser acessada de qualquer computador com acesso ao banco de dados disponível.

Apesar da inegável importância dessa ideia para os avanços da tecnologia na área da informática e dos sistemas de informação, o dispositivo nunca chegou a ser criado por Bush, seu idealizador. Entretanto o conceito estava criado e sobreviveu à guerra, ganhando um novo nome e sendo construído efetivamente na década de 60.

O termo *hipertexto* surgiu em 1962, quando Theodor Holm Nelson nomeou o primeiro sistema de seleção e associação inteiramente hipertextual existente na *Brown University*, em Rhode Island, nos Estados Unidos. Segundo Nelson (apud Komesu, 2005: 89-90) o hipertexto era um conceito unificado de idéias e de dados interconectados, de modo que esses podiam ser editados em computador. Tratava-se de uma instância que colocava em evidência tanto um sistema de organização de dados quanto um modo de pensar.

Por tentar emular o sistema de associação do processo mental, o hipertexto tornou-se, como afirmado por vários autores, uma metáfora para o pensamento humano, uma vez que retoma os conceitos de armazenamento e reativação de dados na memória, como as apresentações esquemáticas e associações baseadas em interesses e interpretações extremamente subjetivas.

Komesu (2005) afirma ainda que, no que concerne às condições de produção, o conceito de hipertexto está intrinsecamente ligado ao “paradigma pós-estruturalista”, pois enfatiza o papel ativo do leitor em cada ato ou momento da leitura, como já sugeriam os estudiosos da crítica literária dos anos 70 e 80.

Em uma perspectiva sócio-interacionista, Xavier (2002) propõe que o hipertexto seja visto como a condição para o surgimento do chamado “modo de enunciação digital”, ou seja, um espaço virtual no qual se dá a enunciação digital e as novas construções de sentido, permitindo, sobretudo, a extrema liberdade de expressão para os autores e a liberdade de escolha para os leitores.

Sobre essa importante questão que envolve autor e leitor do hipertexto, cabe lembrar que não foi apenas o surgimento do hipertexto como uma mera ferramenta técnica que proporcionou mudanças na interação autor-leitor, mas, sim, a concepção de linguagem como forma de interação e, nesse processo, os fatores lingüísticos, cognitivos e sociais que contribuem para constituição do dizer e do seu sentido.

Komesu, baseando-se em estudos de Koch (2002) e Marcuschi (2000), discute a questão do hipertexto ser ou não um texto, dentro dos conceitos de textualidade concebidos pela Lingüística Textual. Segundo os apontamentos de Koch (2002), todo texto, visto como uma proposta de vários sentidos pluralmente construídos, é sempre um hipertexto, uma vez que traz dentro de si remissões internas e referências externas que são fundamentais para a leitura efetiva e real compreensão do texto lido.

Xavier (2004) aponta o hipertexto como *“uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície outras”*. Para o autor, o hipertexto é um espaço virtual e também um dispositivo digital que compartilha e disponibiliza textos, imagens e sons simultaneamente.

Além dessas características, o hipertexto hospeda-se em um endereço eletrônico específico e relacionado de maneira “não-sequencial, arbitrária e rizomática” com outros hipertextos dentro ou fora do mesmo endereço eletrônico.

A esse respeito, Marcuschi (1999) também evidencia que:

o hipertexto não é um gênero textual nem um simples suporte de gêneros diversos, mas um tipo de escritura. É uma forma de *organização cognitiva e*

referencial cujos princípios constituem um conjunto de *possibilidades estruturais* que caracterizam ações e decisões cognitivas baseadas em (séries de) referências não contínuas e não progressivas. Considerando que a linearidade lingüística sempre constituiu um princípio básico da teorização (formal ou funcional) da língua, o hipertexto rompe esse padrão em alguns níveis. Nele, não se observa uma ordem de construção, mas possibilidades de construção textual plurilinearizada. (MARCUSCHI, 1999:21)

O acesso ao hipertexto dá-se, invariavelmente, por meio da conexão com a Internet. Para tal, é necessário que se disponha de um computador⁸ ligado à rede por um dos muitos sistemas de conexão como, por exemplo, pelo telefone, tanto a conexão discada (dial-up) como a banda larga, ou por outros meios como via ondas de rádio, frequências de celular, cabos de fibra óptica etc.

Uma vez conectado o computador (ou outro aparelho eletrônico, quando for o caso) à Internet, é necessário um software que possibilite efetivamente navegação pela Web, ou World Wide Web⁹ e, com isso, o acesso ao hipertexto. Diferentes sistemas operacionais como o Windows, Linux ou Mac OS utilizam navegadores (web browsers) específicos para possibilitar tal navegação.

Tomando o Windows como o sistema operacional presente na grande maioria das máquinas, os navegadores mais comumente utilizados são aqueles compatíveis a este sistema como, por exemplo, o Internet Explorer,

⁸ Atualmente não apenas o computador (seja ele um desktop, um laptop ou mesmo palmtop), mas também outros aparelhos eletrônicos podem conectar-se à Internet como Agendas Eletrônicas, Celulares, MultiPlayers etc, mas, sendo o computador ainda o maior meio de acesso a Internet, nosso foco concentrar-se-á nele.

⁹ Que, apesar do senso comum considerar Internet e WWW como sinônimos, na verdade, a última é apenas uma **parte existente** na primeira.

licenciado pela Microsoft, fabricante do próprio Windows, ou então o Mozilla Firefox, ou ainda o Google Chrome, os últimos softwares livres e compatíveis tanto com o Windows quanto com o Linux, entre outros sistemas operacionais.

Ao abrir o software navegador, tem-se acesso à “página inicial”, que pode ser qualquer site disponível na rede, à inteira escolha do usuário. Em geral, trata-se do portal do provedor de acesso à Internet contratado como o Terra, UOL, AOL, mas nada impede que o usuário configure o programa para exibir prontamente uma página pessoal ou ainda outra página qualquer que a pessoa deseje ser sempre a primeira a ser visualizada.

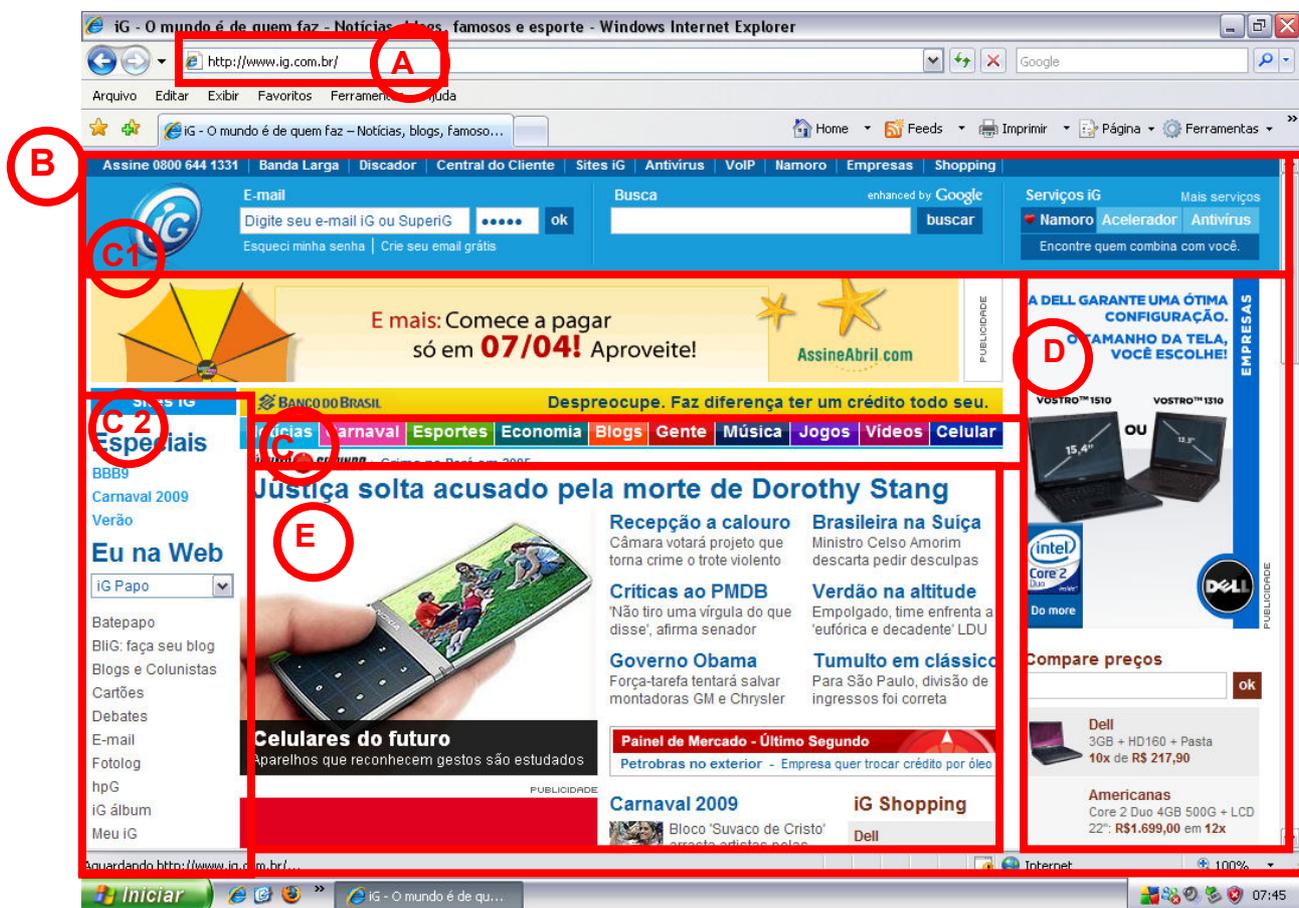
Uma vez conectado à Internet e abrindo o navegador em questão, em geral, não há qualquer tipo de restrição ao acesso às páginas disponíveis por toda a rede, com exceção, é claro, de páginas específicas que não permitem acesso ilimitado a qualquer usuário, exigindo um cadastro prévio e/ou identificação por meio de um *login* e uma senha.

Assim, para navegar entre os sites da Web, basta que o usuário digite na barra de endereço o *url*¹⁰ correto, que o software navegador irá carregar o código HTML (*HyperText Markup Language*). O hipertexto, com todas as suas características determinadas e controladas pelo código HTML, torna-se instantaneamente disponível para que o usuário visualize a página buscada na tela do computador.

Um exemplo de página inicial bastante comum é a do portal IG, um provedor gratuito de acesso à Internet.

¹⁰ Um *URL* (de *Uniform Resource Locator*), em português *Localizador de Recursos Universal*, é o endereço de um recurso (um arquivo, uma impressora, um site etc.), disponível em uma rede; seja a Internet, ou uma rede corporativa, uma intranet. (fonte: www.pt.wikipedia.org/url).

A seguir, uma amostra do portal (Figura 1)¹¹:



(Figura 1)

Na Figura 1, podemos identificar algumas características elementares de qualquer página da Internet. Primeiramente temos, no destaque (A), o *url* digitado na barra de endereços que deu acesso ao site em questão e é pela alteração desse endereço que a navegação entre os sites acontece e qualquer caractere diferente, mesmo um ponto a mais ou a menos, invariavelmente invalida o endereço, levando o usuário a uma “*página não encontrada*”.

¹¹ Print Screen da tela acessada em 17 de fevereiro de 2009, às 7h45min, usando o software Internet Explorer como navegador

Uma vez que o url tenha sido corretamente digitado na barra de endereços do navegador, a página escolhida será carregada e apresentada na tela do computador. No destaque (B), temos uma visão geral da página da Internet hospedada no endereço digitado – no caso *http://www.ig.com.br/* –, na qual podemos observar várias características do hipertexto ressaltadas por Komesu (2005).

Tais características, no conjunto destacado por (B), vemos claramente o traço da marcante intertextualidade presente no hipertexto, propiciada primeiramente pela própria relação dialógica da linguagem e do texto. Como proposto por Bakhtin (1979), um texto, e, portanto, também o hipertexto, é formado de várias “vozes” que se cruzam, diversos discursos e experiências comunicativas e situacionais.

No que concerne à intertextualidade, sabemos que é impossível escapar do princípio básico de constituição da própria linguagem segundo o qual um texto sempre dialoga com outro, um autor sempre dialoga com um leitor – ainda que seja apenas um “leitor pressuposto”, tomando por base a imagem projetada de um interlocutor –, e a heterogeneidade que corresponde à formação plural e colaborativa dos textos, já que todo texto sempre apresenta uma relação, em algum nível, com outro que veio anteriormente ou então vai influenciar um que será posterior a ele.

Contudo, é a chamada intertextualidade externa, segundo Cardoso (2006) que realmente diferencia o hipertexto dos outros textos, pois trata da ligação intertextual não apenas entre os vários textos presentes numa página em especial, mas sim na relação *virtualmente ilimitada* entre os hipertextos existentes e disponíveis da web.

Ao contrário dos textos impressos, no hipertexto, a intertextualidade externa é muito mais do que implícita e inferencial, é explícita e direta, promovida pelos muitos *links* disponíveis ao leitor, que a seu bel prazer pode seguir por qualquer um deles. Como Nelson (apud Komesu, 2005) havia idealizado, o hipertexto funciona como um gigantesco banco de dados acessado a partir de entradas associativas, que tenta imitar o processo mental de organização, armazenamento e reativação de dados na memória.

Esse funcionamento associativo dá-se através dos *links* inseridos pelo autor do hipertexto que possibilitam – mas não garantem, nem obrigam – o acesso a outras páginas relacionadas, tanto internas quanto externas. Ainda na Figura 1, tomando como base um único trecho de uma página em específico, podemos ter uma amostra da variedade de *links* disponíveis, não apenas os internos ao Portal IG destacados em (C1, C2 e C3), mas também os externos ao Portal e que, portanto, redirecionam o usuário para outros sites, como mostra os trechos destacados em (D).

Os *links* destacados em (C1) proporcionam acesso a outras páginas internamente relacionadas ao portal IG, mais especificamente aos vários serviços oferecidos como: 1) “Assinatura”, para os usuários que quiserem optar por pagar para ter acesso a um conteúdo específico e especializado oferecido aos assinantes; 2) “Banda Larga”, para a conexão de alta velocidade; 3) “Discador”, software que permite a conexão com a Internet por meio do pulso telefônico; 4) “Central do Cliente”, para informações em geral, como dúvidas ou reclamações; 5) “Sites IG”, uma lista de sites patrocinados e vinculados ao portal IG; 6) “Antivírus”, *download* e instalação de um software de proteção contra vírus de computador; 7) “VoIP”, software que possibilita fazer chamadas

de voz entre dois computadores conectados à rede; 8) “Namoro”, serviço de encontros virtuais no qual o usuário preenche um perfil e pode trocar mensagens com outros interessados; e 9) “Shopping” que leva a uma página interna de compras online; além do acesso ao serviço de e-mail, ou correio eletrônico, e da barra de pesquisa associada ao site de busca Google¹².

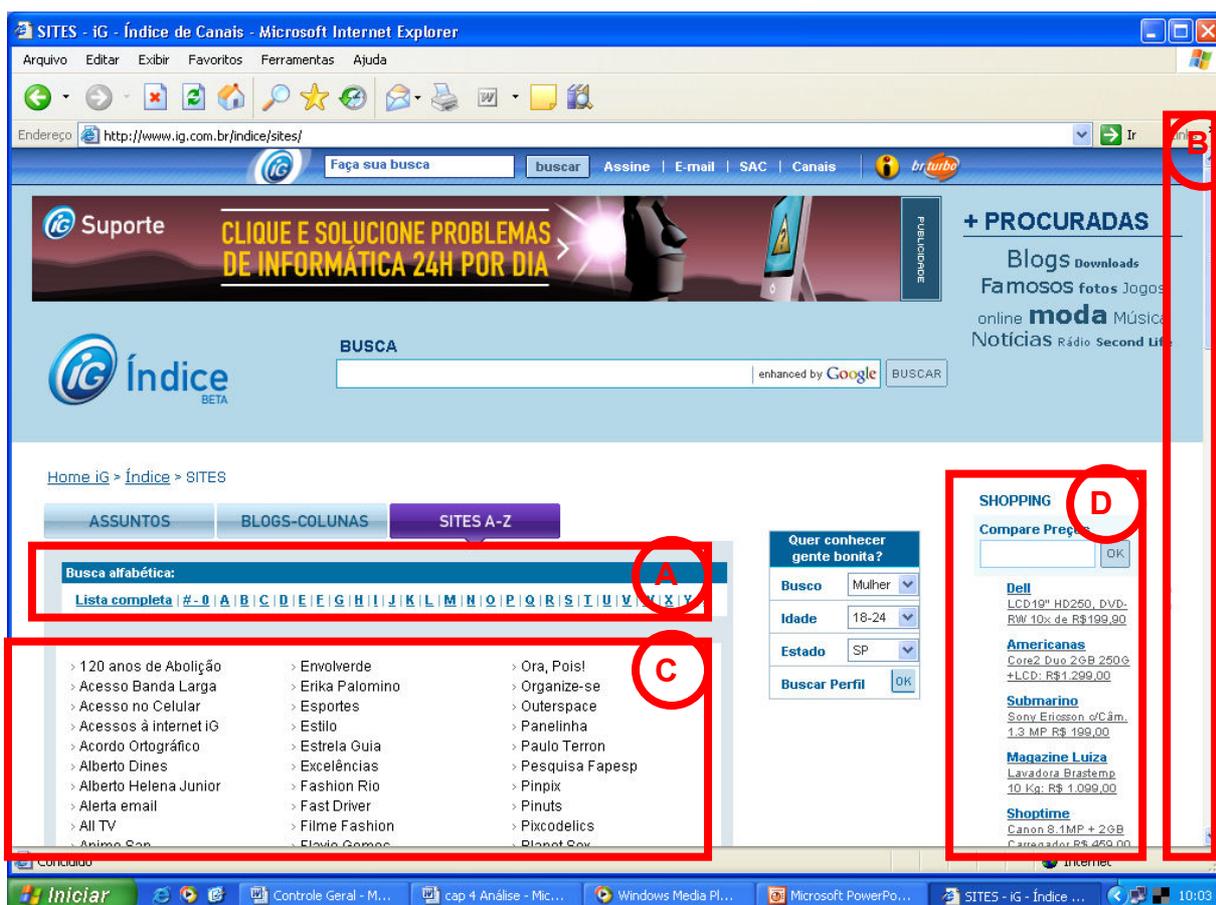
Em (C2) temos mais alguns serviços à disposição dos usuários, entre eles, os chamados “Especiais”, por não se tratarem de serviços permanentemente oferecidos, pois eles têm uma duração específica, como é o caso do acompanhamento do programa de televisão apresentado pelo canal Globo durante os meses de janeiro a abril de 2009, “BBB9” (Big Brother Brasil 9ª Edição), dos preparativos e a cobertura das festas de Carnaval, no *link* “Carnaval”, e as atrações da estação do ano em questão, em “Verão”.

Ainda em (C2), abaixo da sessão de “Especiais”, temos uma lista de outros serviços oferecidos de forma mais contínua no site, sem depender do período do ano ou de eventos relacionados, como: 1) “Batepapo”, serviço que oferece diversas possibilidades de *chats*, ou salas de batepapo virtual divididas por várias classificações como idade, cidade, interesses em comum, etc; 2) “Blig”, serviço que oferece ao usuário criar sua própria página pessoal vinculada ao portal IG, em forma de *blog*, ou diário virtual; 3) “Blogs e Colunistas”, serviço que oferece uma lista de blogs relacionados e colunas diárias publicadas por escritores, jornalistas e especialistas em diversas áreas; 4) “Cartões”, serviço que envia cartões virtuais de amor, amizade, aniversário, etc.; entre muitos outros apresentados nessa sessão, “Eu na Web”.

¹² A barra de pesquisa, apesar de figurar dentro do Menu Principal do site é, na verdade, uma exceção aos *links* ali encontrados pois não direciona para uma página interna, mas sim para uma externa: o próprio site de buscas do Google.

Todos os *links* mencionados acima fazem parte de uma estrutura aparentemente fixa no Portal IG. A maioria deles, salvo os “Especiais”, encontra-se permanentemente disponível ao acesso dos usuários, enquanto outros *links* como os destaques em (E), no caso as notícias “Justiça solta acusado pela morte de Dorothy Stang”, “Recepção a calouro”, “Brasileira na Suíça”, “Críticas ao PMDB”, “Verdão na altitude”, “Governo Obama” e “Tumulto em Clássico”, são apresentados apenas temporariamente, mudando inclusive várias vezes ao dia, de acordo com o aparecimento de novas notícias.

Voltando nossa atenção primeiramente às seções ditas fixas do portal, ao clicar, por exemplo, no *link* “Sites IG”, temos a seguinte página:



(Figura 2)¹³

¹³ Print Screen da tela acessada em 19 de fevereiro de 2009, às 10h03min, usando o software Internet Explorer como navegador.

A **Figura 2** serve de exemplificação para o que Crystal (2001) afirmou sobre “*a leitura no hipertexto não ter fim*”, uma vez que cada clique num *link* leva a uma série de outras possibilidades dentre as quais o leitor pode optar por visitar ou não, podendo ainda retornar a páginas anteriores e recomeçar o processo ou então interrompê-lo a qualquer momento.

Segundo o autor, essa possibilidade de “pular” entre um site e outro por meio dos *links* fornecidos é a propriedade estrutural mais fundamental da Web, sendo o ponto que mais diferencia o hipertexto dos outros tipos de textos e sem a qual o meio digital inteiro e o próprio hipertexto em si jamais existiram efetivamente.

Essa variada gama de possibilidades de leitura – que, como vários autores advertem, pode vir a se tornar também o maior problema do hipertexto, ao fragmentar e dispersar o foco da leitura em demasia – remete não só a intertextualidade presente no hipertexto, mas também ao traço característico chamado de *não-linearidade*, apresentado pelos autores já mencionados neste estudo.

Segundo Komesu (2005), depois da intertextualidade, uma das principais características do hipertexto é o alto grau de liberdade que o leitor tem em escolher a ordem e a seqüência em que deseja acessar as páginas para ler apenas o que for de seu interesse.

Crystal (2001) salienta ainda que ao contrário da maioria dos textos impressos que exigem uma leitura linear tradicional ocidental – ou seja, na orientação horizontal, começando da esquerda para a direita e da parte superior para a inferior –, o hipertexto, supostamente, não apresenta nenhuma

ordem pré-definida, possibilitando ao leitor escolher a ordem e seqüência que achar melhor.

A **Figura 2** exemplifica bem a questão do “right to *link*” mencionado por Crystal (2001), no qual o autor de um hipertexto pode criar *links* para, teoricamente, tudo na Web¹⁴. No destaque (A) temos um *link* para cada uma das letras do alfabeto e ao clicar em um deles, uma nova lista de *links* será apresentada de acordo com a letra escolhida, ampliando exponencialmente o número de sites possíveis de serem visitados.

Acionando a barra de rolagem da página, destaque (B), a lista de *links* externos apresentada no destaque (C) se alonga bastante, sendo necessário o *print screen* de mais três telas cheias para que se chegue ao seu final, somando mais de 240 sites apenas entre os listados nas três colunas ali apresentadas.

Além dos *links* apresentados em (A) e (C), que direcionam o leitor para páginas internamente relacionadas ao Portal IG, temos ainda os *links* do destaque (D), que se compõem basicamente de sites de compras on-line como “Dell”, “Americanas”, “Submarino”, “Shoptime” entre outros que continuam página abaixo.

É importante ressaltar, contudo, que a **Figura 2** é apenas um exemplo da organização hipertextual, no qual podemos ver que os *links* do destaque (A) servem para ordenar a página, limitando as buscas a apenas a letra em questão, enquanto os *links* do destaque (C) são os que efetivamente direcionam o usuário para as outras páginas da Web.

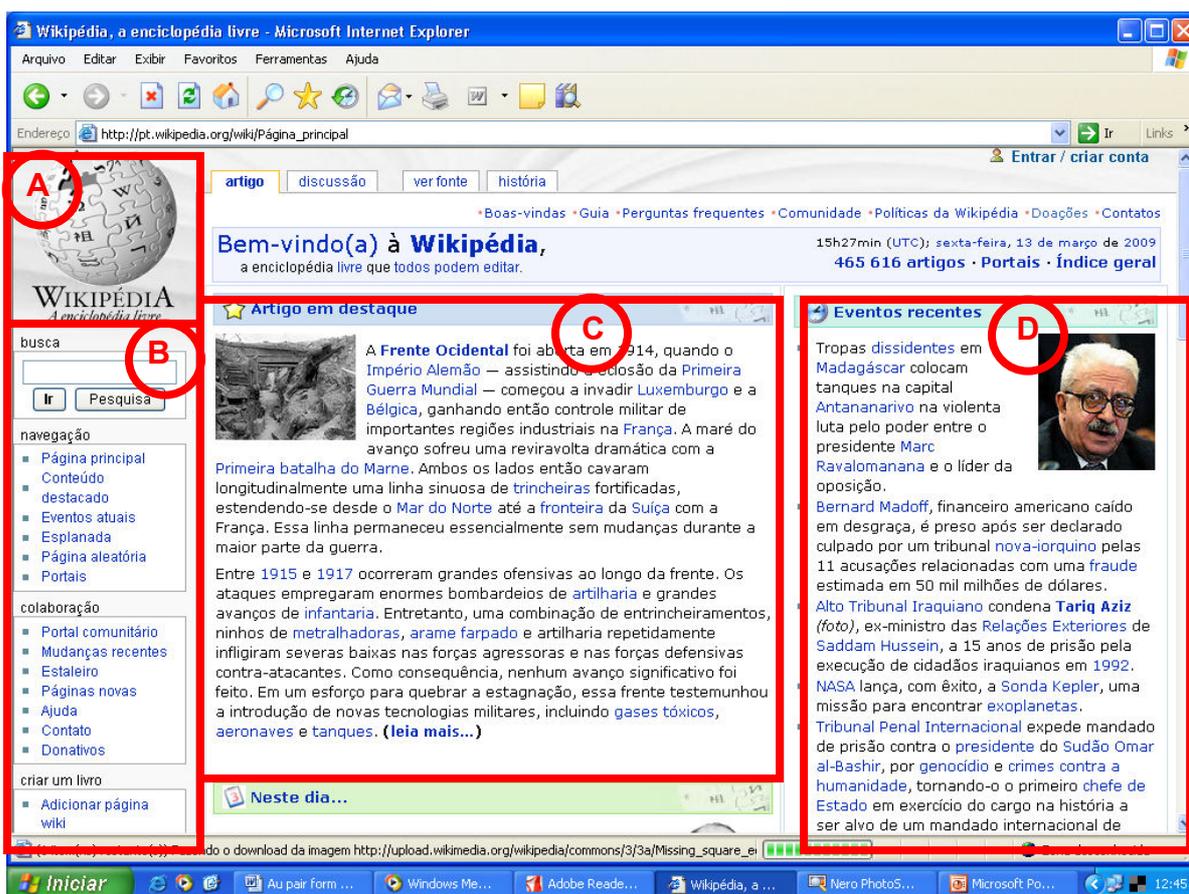
¹⁴ É claro que mesmo que a possibilidade de se criar *links* para **todo** o conteúdo hipertextual seja hipoteticamente possível, é também obviamente inviável, uma vez que a cada segundo, milhares de novas páginas são criadas e atualizadas, tornando tal tarefa impraticável, senão impossível.

Cada Web Designer – termo pelo qual atendem os profissionais especializados na criação de páginas da Web e, portanto, os verdadeiros autores do hipertexto –, é livre também para escolher a estrutura que melhor atender a seus propósitos e gostos – ou então à vontade do cliente que lhe encomendou a criação do *site*.

Ao criar uma página de Web, o autor é livre para montá-la da maneira que quiser, podendo escolher desde a cor de fundo, o estilo, tamanho e cor das letras, como também a maneira de organizar o(s) texto(s) e demais elementos como figuras, vídeos e toda a variedade de meios que o hipertexto suporta. Dada tal liberdade de criação, não é sem motivos então que o hipertexto apresenta-se de formas tão variadas.

Assim, ainda que a maioria dos sites tenha uma seção específica para listar *links* diversos – tanto internos, quanto externos –, essa forma não é a responsável pela grande parte dos *links* disponibilizados nas páginas da Internet. Podemos encontrar sites que incluem os *links* nos mais variados locais, como dentro do próprio texto, ou então nas imagens, figuras, fotos e ícones espalhados pelo hipertexto.

Um exemplo bastante comum de página que apresenta os *links* por meio do próprio texto é o site da enciclopédia digital livre, a Wikipédia, disponível em várias línguas e encontrada em português no endereço digital <www.pt.wikipedia.org> cuja página principal podemos ver abaixo:

(Figura 3)¹⁵

Na Figura 3, além do logotipo do site destacado em (A) – que, ao ser clicado leva ao menu geral dos idiomas em que a Wikipedia está disponível –, e do menu principal do site, destacado em (B), que traz as opções de voltar a “Página Principal”, acessar ao “Conteúdo Destacado”, “visualizar os “Eventos atuais”, saciar a curiosidade e testar a sorte numa “Página Aleatória”, etc, a Wikipédia apresenta sempre um “Artigo em destaque”, escolhido aleatoriamente do banco de dados e substituído cada vez que se carrega ou atualiza a página.

¹⁵ Print Screen da tela acessada em 13 de março de 2009, às 12h45min, usando o software Internet Explorer como navegador.

Em (C), temos uma amostra dos artigos existentes na enciclopédia e, a parte que mais nos interessa aqui, os muitos *links* distribuídos ao longo do texto. Como podemos ver, o assunto principal tratado no artigo é “Frente Ocidental” e, a partir desse assunto, muitos outros podem ser acessados como “Império Alemão”, “Primeira Guerra Mundial”, “Luxemburgo”, “Bélgica”, “França”, “Primeira Batalha do Marne”, “trincheiras”, “Mar do Norte”, “fronteira”, “Suíça”, “1915”, “1917”, etc.

Cada palavra ou expressão destacada em azul no texto é, na verdade, um *link* para um novo artigo da Wikipédia que tem como título a expressão em destaque. Ou seja, ao clicar sobre as palavras “Império Alemão”, uma nova página contendo um artigo enciclopédico a respeito do Império Alemão será apresentada e o mesmo acontece com todos os outros *links* destacados pelo meio do texto.

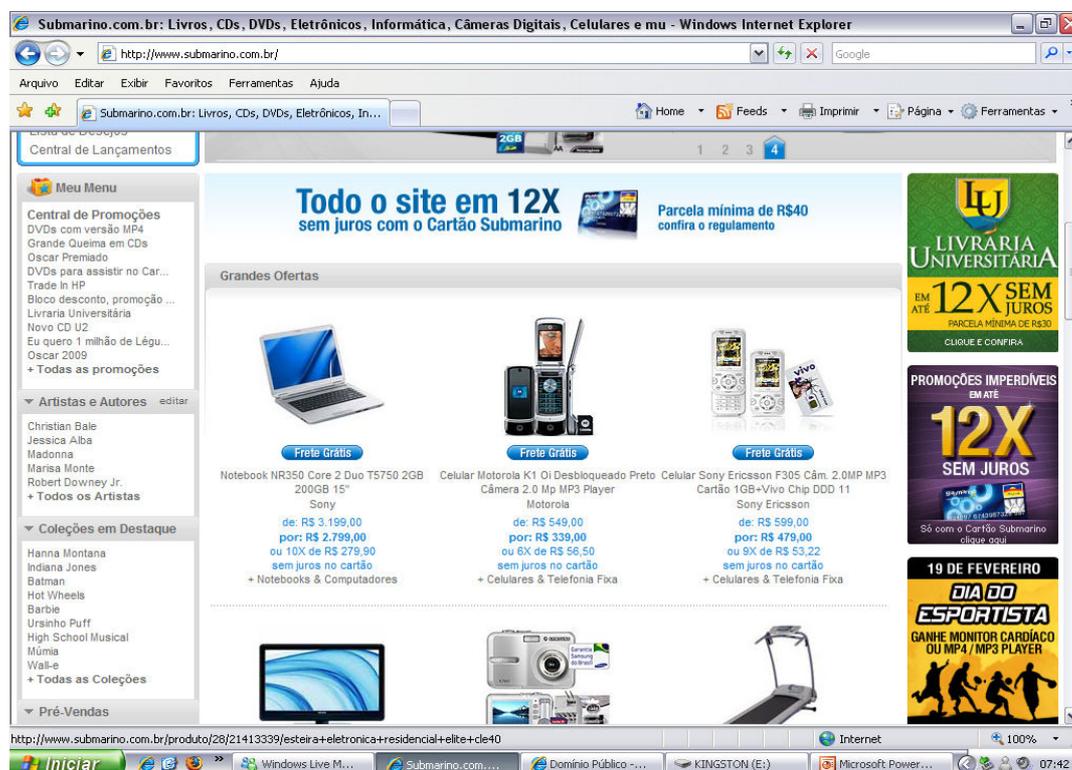
Por isso, a leitura de um texto na Wikipédia pode ser considerada não-linear, uma vez que ao chegar ao segundo parágrafo, por exemplo, o leitor pode clicar sobre a palavra “metralhadora” ou então na expressão “arame farpado” e dirigir-se a um artigo completamente diferente do inicial, “Frente Ocidental”.

É importante ressaltar que o traço de não-linearidade recai sobre o formato *hipertextual* da Wikipédia e não sobre o *texto* efetivamente escrito. Obviamente, a leitura do texto em si deve obedecer à ordem linear tradicional – da esquerda para a direita, de cima para baixo –, a diferença é que, no hipertexto, o leitor tem a opção de interromper essa leitura a qualquer momento, clicando em um dos *links* e começando a ler um novo artigo, sem necessária ou obrigatoriamente precisar ter terminado o anterior.

O destaque (D) “Eventos Recentes” comporta pequenas notas que resumem notícias da atualidade e que são atualizadas diariamente. Também no corpo destes pequenos textos existem *links* para artigos internos da Wikipédia, fazendo das notícias uma espécie de vitrine para apresentar a relação entre os fatos atuais e os artigos disponíveis na enciclopédia.

Assim como a Wikipédia usa os textos - que é o conteúdo principal do site – para propagar seus *links*, outros sites podem optar por diferentes estratégias com o mesmo objetivo: chamar a atenção do leitor e levá-lo a clicar nos *links* disponíveis.

Outra interessante possibilidade de apresentação dos *links* pode ser encontrada numa página de compras on-line, na qual as imagens dos produtos à venda na página principal são os *links* para as páginas individuais dos produtos com as descrições e opções de compra e pagamento.



(Figura 4)¹⁶

¹⁶ Print Screen da tela acessada em 14 de março de 2009, às 7h42min, usando o software Internet Explorer como navegador.

Na **figura 4**, podemos observar a disposição dos *links* é o exemplo mais não-linear apresentado até o momento, uma vez que a seqüência de páginas de produtos a serem visitadas depende exclusivamente do interesse do leitor/consumidor, que pode, a qualquer momento, mudar de categoria – saindo de “Eletrônicos” e indo para “Livros”, ou então “CDs e DVDs”, por exemplo – com um único clique na categoria desejada.

Essa ampla liberdade de navegação entre os *links* apresentados é o que Komesu (2005) chama de *fragmentaridade*, uma vez que não há um ponto fixo ao redor do qual o hipertexto se organize, sendo, portanto, um conjunto de “fragmentos” apresentados ao leitor que pode ordená-los de acordo com seus interesses e objetivos no processo da leitura.

Assim, não-linearidade e a fragmentaridade levam então ao conceito apresentado por Marcuschi (1999) de *espacialidade topográfica*, segundo qual o hipertexto extrapola *frames* que normalmente impõem os limites textuais, uma vez que ao clicar em um *link* de uma página para outra, um novo espaço, com novas possibilidades e mais *links* é apresentada.

Dessa forma, sem os limites espaciais que existem no texto impresso – margem da folha, final do livro, etc –, Marcuschi (1999) afirma que, em teoria, o *hipertexto não tem fim*, a menos que o usuário decida interromper a leitura e/ou desconectar-se da Internet.

Apesar da importância dos conceitos de não-linearidade, fragmentaridade e espacialidade topográfica, é a *multissemiótica* o principal diferencial do hipertexto. Segundo, Komesu (2005), e também Marcuschi e Xavier (2004), é a possibilidade do ambiente hipertextual de abrigar tanto

textos verbais quanto não verbais, na maioria das vezes simultaneamente, que diferencia ainda mais o hipertexto do texto impresso.

Enquanto em livros, panfletos, cartazes, etc podemos misturar diferentes tipos de linguagem como letras, imagens e símbolos, no hipertexto, além de todos esses tipos, podemos encontrar também tipos de linguagens que não são compatíveis com o texto impresso como sons, vídeos e animações.

Devido a essa possibilidade da Web em disponibilizar essa variada gama de recursos, o hipertexto difere do texto impresso não só pelo seu aspecto final, mas também pelo próprio processo enunciativo (MARCUSCHI, 2004), pois não só do leitor, mas também do autor é exigida uma nova maneira de se relacionar com o texto que está sendo produzido.

Na página do portal *Terra* abaixo (Figura 5), podemos ver um exemplo da combinação de textos, as chamadas das notícias destacadas em (A); de imagens, como a foto destacada em (B); mas também de vídeos, como os destaques (C1) e (C2) – com especial atenção para a chamada “ASSISTA AGORA”:

(Figura 5)¹⁷

Assim, tendo em vista todas essas características possíveis ao ambiente hipertextual, podemos agora partir para uma abordagem mais específica sobre gêneros que o hipertexto abriga e, em especial, o gênero que nosso foco de interesse, o fórum digital.

3.1.2 – O Fórum digital

Da mesma forma que, a partir da invenção da imprensa, surgiram novos gêneros textuais que anteriormente não eram possíveis aos textos manuscritos, e que alguns gêneros já existentes foram remodelados para se

¹⁷ Print Screen da tela acessada em 06 de junho de 2009, às 11h49min, usando o software Internet Explorer como navegador

adaptar ao novo suporte, também o contexto digital deu origem a novos gêneros e promoveu mudanças em gêneros já existentes.

Entre os novos gêneros podemos, por exemplo, citar os portais virtuais como *Terra*, *UOL* e *IG*, já apresentados nas figuras antecedentes, que agregam tanto características de gêneros jornalísticos como as notícias e textos opinativos, como também muitos outros serviços de informação, entretenimento, compras e etc.

Há ainda gêneros mais específicos dentre os quais podemos destacar os mais famosos como sendo o *e-mail*, o *chat* e o *blog*. Marcuschi (2004) apresenta esses três novos gêneros digitais como sendo relacionados, em maior ou menor grau, a três gêneros não-digitais anteriores: a *carta*, a *conversa informal* e o *diário pessoal*, respectivamente.

Assim também são os fóruns digitais (chamados também de *Newsgroup* ou *UseNet group*), que partem do pressuposto de que “fórum” é um local em que opiniões são apresentadas, defendidas e confrontadas.

Neles, pessoas com interesses em comum – uma obra literária, o gosto por computadores, o interesse por motos, etc – se encontram virtualmente para debater tanto os assuntos pertencentes ao fórum em questão, como também atualidades, polêmicas, curiosidades, etc.

Há na **Figura 6**, evidenciada a seguir, a página principal de um fórum “**Consciência**” cuja maioria dos tópicos gira em torno de questões de Filosofia e Humanidades. No destaque (A), nota-se o cabeçalho do site que será mantido em todas as páginas do fórum, constituído de uma seqüência de *links* que podem levar o leitor tanto de volta para a página inicial – ao clicar na palavra “Consciência” –, ou mesmo para outras páginas externas ao site –

como a seqüência de fotos de filósofos famosos que redireciona o leitor para uma página de compras on-line de livros dos referidos autores.

Já no destaque (B), verifica-se o espaço reservado para a autenticação dos usuários, onde as pessoas que já possuem o registro no site fazem o *login* que as permitirá não só ler as mensagens – o que o “visitante” também é autorizado a fazer –, mas postar mensagens – o que só os usuários cadastrados podem fazer.

Em (C) contata-se mais *links* que, caso sejam acionados, redirecionarão o leitor para páginas externas, pois são, na verdade, apenas anúncios de patrocinadores¹⁸ e não fazem parte do site.

Finalmente em (D), evidencia-se o conteúdo do site propriamente dito, a seção destacada, “*Filosofia*”, conta ainda com várias outras Sub-Seções como “Questões de sobre filosofia em geral”; “Fóruns sobre filósofos”; e “Pedidos de ajuda”, cada uma delas contendo vários Sub-fóruns.

¹⁸ Os *links* patrocinados, em especial os do “Anúncios Google”, são bastante recorrentes nos sites, uma vez que geram renda e ajudam aos donos das páginas de acesso gratuito a manterem o site no ar.

The screenshot shows the 'Fórum de Discussões' page of 'Consciência.org'. The browser window title is 'Fórum Consciência - Índice - Microsoft Internet Explorer'. The address bar shows 'http://www.consciencia.org/forum/'.

Key elements highlighted with red circles:

- A:** The 'Consciência.org' logo.
- B:** The user login and registration area, including a 'Login' button and a 'Pesquisa' (Search) field.
- C:** The left sidebar containing various advertisements and links, such as 'Promoção Combo ITIL Cobit' and 'Curso Avatar no Brasil'.
- D:** The main forum content area, specifically the 'Filosofia' section, which lists several topics with their respective message and topic counts.

Topic	Mensagens	Tópicos	Última Mensagem
Questões sobre Filosofia em geral Correntes e questões clássicas da filosofia, problemáticas perenes tratadas por diversos autores em diversas épocas.	6813	344	por Henrique-S em Conheça-te a ti mesmo... Junho 01, 2009, 11:27:38
Fórum sobre Filósofos Leu um livro de um autor e quer comentar? Está envolvido num trabalho de pesquisa? Espaço para questões específicas sobre um autor específico, comentários, impressões, opiniões.	1491	152	por Miguel Dudlós em Re: Eutanásia e Aristó... Ontem às 04:48:17
Pedidos de ajuda Precisa de ajuda para seu trabalho ou prova? Pedidos de resenha, questões, indicações bibliográficas e orientação em geral.	1391	330	por Miguel Dudlós em Re: O que é o homem na... Ontem às 04:50:01

(Figura 6)¹⁹

Os desdobramentos e a organização de um fórum digital podem ser melhor visualizados na **Figura 7**. Ao clicarmos, por exemplo, na seção “Questões sobre filosofia geral”, é apresentada a seguinte página:

¹⁹ Print Screen da tela acessada em 06 de junho de 2009, às 16h28min, usando o software Internet Explorer como navegador.

The screenshot shows a web browser window with the address bar displaying 'http://www.consciencia.org/forum/index.php?board=1.0'. The page content includes a navigation menu with 'HOME', 'AJUDA', 'PESQUISA', 'MEMBROS', 'LOGIN', and 'REGISTRE-SE'. Below this is a 'Sub-Fórum' section with a table of forum topics. The first row is highlighted with a red box and a red circle containing the letter 'A'. The table columns are: Sub-Fórum, Mensagens, Tópicos, and Última Mensagem.

Sub-Fórum	Mensagens	Tópicos	Última Mensagem
Você acha que existe um Deus?	3489	161	Última Mensagem: por Henrique-S em Conheça-te a ti mesmo.... Junho 01, 2009, 11:27:38
A filosofia é útil para a sociedade?	411	30	Última Mensagem: por Breno Bastos em Re: Filosofia Clínica Maio 22, 2009, 09:32:35
Estética e Filosofia da Arte	89	5	Última Mensagem: por aleciojunior2008 em Re: Estética Novembro 26, 2008, 06:22:50
Qual é o sentido da vida?	994	28	Última Mensagem: por Breno Bastos em O Erro do Aprendizado En... Maio 20, 2009, 08:14:20
Você acredita na justiça?	110	9	Última Mensagem: por Brasil em Re: Abandono de Criança... Setembro 08, 2008, 08:25:20
A ciência	315	15	Última Mensagem: por Adriano S. Costa em Re: A relação Mente, ... Setembro 11, 2008, 02:27:38

(Figura 7)²⁰

Excluindo a parte do cabeçalho que, como já foi dito, está presente em todas as páginas, podemos ver acima alguns dos Sub-fóruns da referida seção, em especial, o exemplo destacado em (A), “*Você acha que existe um Deus?*”, que contém **3489 mensagens** postadas dentro de **161 tópicos** (*thead*).

Ao clicarmos também no subfórum destacado, encontraremos uma nova lista de *links* que direcionariam o leitor para dentro dos 161 tópicos existentes, entre eles os denominados “*Deus existe? Então prove!*”, “*Em que você acredita? Em Deus ou nada?*”, “*Ceticismo ou Racionalismo?*”, “*Descartes defendia Deus...*”, entre muitos outros.

²⁰ Print Screen da tela acessada em 06 de junho de 2009, às 17h38min, usando o software Internet Explorer como navegador.

Assim, contrariando a idéia de que o hipertexto é um “caos não-linear”, fica claro que, dentro dos fóruns de discussão, para se chegar a um tópico (*thread*) específico, é necessário que uma certa linearidade seja seguida, uma vez que os *links* não estão “soltos” pela Web, mas sim organizados linear e hierarquicamente dentro das páginas da Internet.

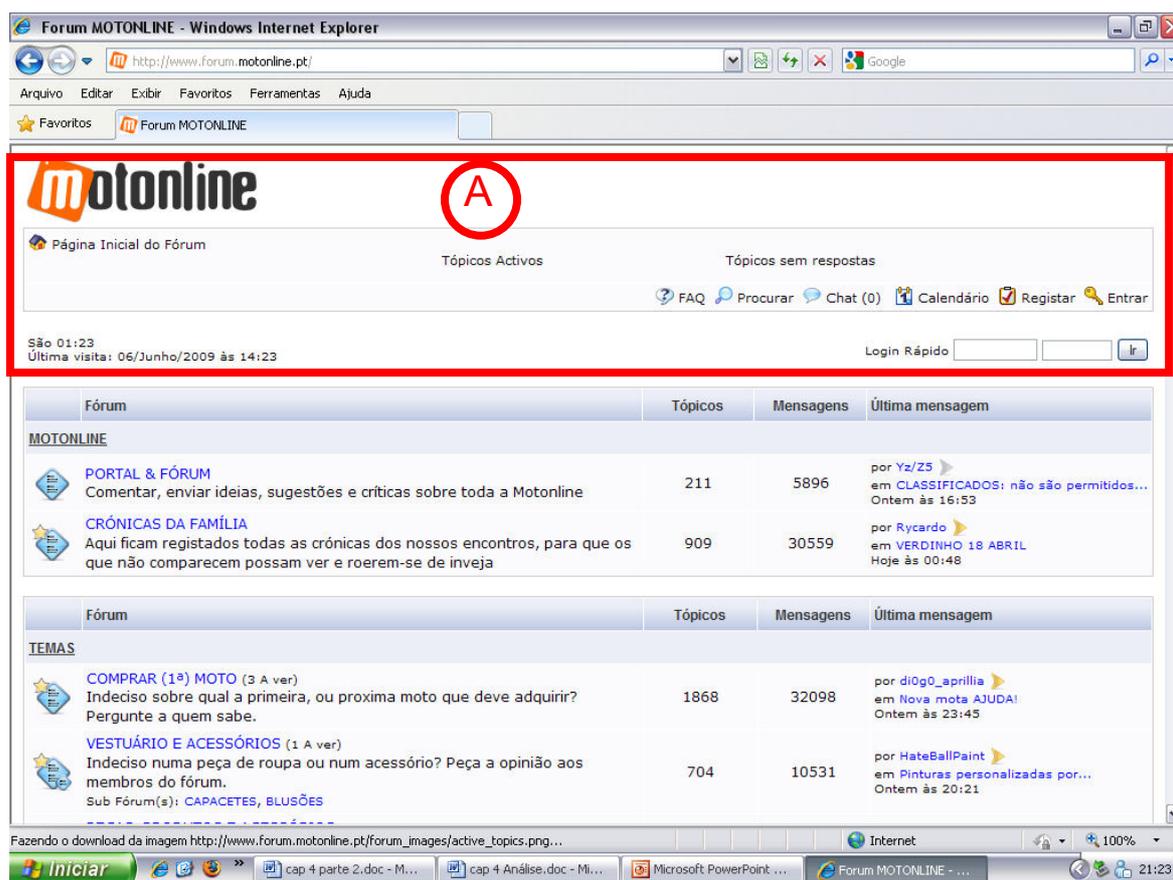
A interação dentro do próprio tópico (*thread*), embora ofereça a oportunidade de ser mais ou menos linear, tende também a ser regrada mais pela linearidade do que pela não-linearidade. Ao propor um assunto a ser discutido o usuário dá início a uma seqüência de mensagens relacionadas ou à primeira mensagem, que, em geral, é uma explicação do título do tópico (*thread*), ou então relacionadas a outras mensagens anteriores.

Nele, todas as pessoas podem **ler** as mensagens publicadas em qualquer um dos tópicos, mas apenas os usuários cadastrados e autenticados podem efetivamente **criar tópicos e responder a eles**, sendo, por isso, considerado um fórum de “acesso parcialmente irrestrito”, em oposição dos de “acesso restrito”, nos quais até mesmo para apenas ler as mensagens, os usuários têm que ser cadastrados e efetuar o *login* em cada visita ao site.

O cabeçalho do fórum, destacado na figura seguinte em (A), apresenta alguns *links* que auxiliam a navegação pelo fórum como “FAQ²¹”, que encaminha o usuário para um guia de ajuda; “Procurar”, que aciona uma ferramenta de busca interna do fórum; “Chat”, no qual os usuários podem interagir em tempo real; “Calendário”, que serve como uma agenda virtual, marcando os eventos do site; “Registrar”, que possibilita um visitante a preencher o formulário – que inclui dados como nome real, idade, localização, nome ou apelido no fórum, *e-mail*, senha, etc

²¹ Sigla do inglês “Frequently Asked Questions”, em português, “Perguntas Frequentes”.

– que dá ao internauta o status de usuário do site; e “Entrar”, no qual o usuário já previamente cadastrado pode fazer sua autenticação – fornecendo o par compatível de *e-mail* e senha, além do *link* no logo do site que retoma a página inicial do “*Motonline*”:



(Figura 8)²²

Na **Figura 8**, podemos perceber como o fórum em questão é dividido em diversas seções – separadas graficamente, mas intituladas apenas como “Fórum” – no geral dedicadas a assuntos relacionados a motocicletas, como “MOTONLINE”, “TEMAS”, “SEGURANÇA & FORMAÇÃO”, DIREITOS & DEVERES”, “ESTILO”, “GARAGEM”, “MARCAS”, “COMPETIÇÃO” e,

²² Print Screen da tela acessada em 06 de junho de 2009, às 21h23min, usando o software Internet Explorer como navegador.

finalmente, a seção “OFF-TOPIC²³”, na qual uma variedade muito maior de assuntos é permitida.

A própria seção OFF-TOPIC também é dividida em sub-seções, que agrupam os tópicos (*thread*) de acordo com a proximidade dos assuntos neles tratados. A **Figura 9** abaixo mostra as quatro subseções existentes – bem como os pequenos textos descritivos logo abaixo –, “COMPUTADORES & INTERNET”, “O OUTRO LADO DA VIDA”, “LITERATURA, POESIA, LIÇÕES DE VIDA E PARTILHA DE VALORES”, e EMPREGO:

Fórum	Tópicos	Mensagens	Última mensagem
OFF TOPIC			
COMPUTADORES & INTERNET (2 A ver) Acha que o Windows é uma janela?E a internet uma rede de pesca?É melhor entrar aqui e aprender um pouco mais	388	5882	por P.Rosa em Precisam de conselhos sobre... Ontem às 20:06
O OUTRO LADO DA VIDA Para aqueles temas que nada têm a ver com as motos, mas que também fazem parte da nossa vida, aqui debate-se com seriedade e reflexao assuntos que nos dizem respeito a todos	475	13514	por fabian em O dever de votar Ontem às 19:28
LITERATURA, POESIA, LIÇÕES DE VIDA E PARTILHA DE VALORES Se pensava que os motociclistas eram todos um bando de basicos iletrados e insensíveis, desengane-se a si proprio entrando neste forum	367	5610	por MuDDveIN em A música que estamos a ouvir... 06/Junho/2009 às 14:11
EMPREGO	2	16	por Rui Varzuelas em [OFERECE-SE] - Técnico de... 28/Maio/2009 às 12:16

Informações Gerais

Estatísticas do fórum

Foram criadas 569,785 Mensagens em 28,489 Tópicos em 127 Fórum(s)
 Última mensagem; Hoje às 01:53 por [PJ-MOTO-RS](#)
 Estão registados 27,988 Membros do Fórum
 Membro mais recente: [Evoluxa](#)

membros activos

Estão 85 membros activos ligados, 75 Visitante(s), 10 Membro(s), 0 Membro(s) anónimo(s)
 Membro(s) ligados: [Tiagoko1](#), [Gonzalez](#), [ncandido](#), [Evoluxa](#), [york_87](#), [MPC](#), [dfelix](#), [_Cesar_](#), [ric47](#), [Hugo_MSF](#)
 Estiveram 377 membros hoje no fórum

Membros actualmente nas salas de Chat

(Figura 9)²⁴

²³ A maioria dos fóruns dedicados a um assunto específico mantém também as sessões chamadas “OFF-TOPIC”, único local do fórum em que são permitidos assuntos paralelos ao tema do fórum.

²⁴ Print Screen da tela acessada em 06 de junho de 2009, às 22h08min, usando o software Internet Explorer como navegador.

O tópic (*thread*) no qual as anáforas indiretas serão analisadas encontra-se dentro da subseção “LITERATURA, POESIA, LIÇÕES DE VIDA E PARTILHA DE VALORES” e foi aberto no dia 04 de agosto de 2004, pelo usuário **CarapauDcurrida** sob o título “*Controlamos ou somos controlados?*”. Na Figura 10 abaixo a proposição inicial do tópic (*thread*):



(Figura 10)²⁵

No destaque (A), temos o cabeçalho do fórum, no qual se pode encontrar, além dos *links* já citados anteriormente, a possibilidade de

²⁵ Print Screen da tela acessada em 07 de junho de 2009, às 09h49min, usando o software Internet Explorer como navegador.

“Responder”, ou seja, de publicar uma nova mensagem em resposta a proposição anterior. No canto inferior direito do destaque (A), encontramos a numeração das páginas do tópico, que possibilita ao usuário – depois da visita *obrigatória*²⁶ a primeira página –, seguir diretamente para a página de sua escolha²⁷, permitindo uma maior flexibilidade da leitura não-linear do tópico.

A possibilidade de não-linearidade no acesso e leitura das páginas do tópico é bastante utilizada quando a discussão ali proposta se desenrola por várias páginas, facilitando ao usuário que possa, por exemplo, acessar diretamente a última página para responder a mensagem mais recente.

Contudo, num primeiro acesso ao tópico (*thread*), parece mais plausível que a leitura siga a linearidade das mensagens para que, partindo da proposição inicial, os usuários possam dar continuidade à discussão. Depois disso, tendo sido lidas todas as mensagens ou não, o usuário tem a possibilidade ‘pular’ diretamente para a página que lhe interessa sem precisar passar por todas as páginas existentes no tópico para ler a postagem mais recente, por exemplo.

Como veremos no desenvolver da análise das anáforas indiretas mais adiante, em geral, os usuários dos fóruns de discussão não se limitam simplesmente a responder a pergunta-título do tópico (*thread*), mas sim retomam, a todo o momento, referentes já introduzidos, ou sugeridos no texto fazendo com que uma mensagem não seja um texto isolado, mas contribua

²⁶ Ao abrir a página do tópico, sempre será apresentada, primeiro, a página inicial com a primeira mensagem e só a partir dela é que o usuário tem livre permissão para visitar outras páginas do mesmo tópico (*thread*) linearmente ou não, a depender de sua escolha.

²⁷ Embora este tópico (*thread*) em específico tenha apenas duas páginas de mensagens disponíveis, em outros tópicos contendo mais páginas, o acesso a elas é totalmente não linear, dependendo apenas do interesse do leitor.

com a progressão tópica (tópico discursivo) com as demais mensagens do tópico (*thread*).

No destaque (B), há mais informações sobre o tópico como o *título* “Controlamos ou somos controlados?” e sua *data* de abertura às 05h12min do dia 04 de agosto de 2004, além de outras *opções de mensagem*, como Responder, fazer uma Citação ou ainda Reportar mensagem – recurso que funciona como uma “denúncia” contra o autor da mensagem para a administração do fórum.

Já em (C), temos mais informações sobre o usuário que deu início ao tópico (*thread*), seu *nickname*²⁸ é **CarapauDcurrida** e seu *avatar*²⁹ é a figura de uma cabeça com um grande símbolo de interrogação na face, seu *status/rank* é baixo (demonstrado pelo número de estrelas abaixo do *nick*, possui apenas uma estrela em cinco) devido ao número de mensagens postadas, um total de 388, desde sua adesão ao fórum em 19 de setembro do 2003.

E, finalmente, o destaque (D) é o espaço reservado para a publicação da mensagem em si. Dentro dele o autor da mensagem pode escrever um texto relativamente longo (em geral com um máximo 6.000 caracteres) e formatá-lo não só com letras coloridas e de diferentes tamanhos, mas também usando o **negrito**, *itálico*, sublinhado, além dos *emoticons*³⁰ e a inserção de figuras em geral.

²⁸ Nome ou apelido pelo qual os internautas se fazem conhecer dentro do ambiente hipertextual.

²⁹ Avatar figura ou imagem que o usuário escolhe para representá-lo enquanto usuário do fórum. É a imagem que aparece logo abaixo do *nickname* em todas as mensagens publicadas.

³⁰ Pequenos desenhos que representam expressões faciais como sorriso, tristeza, choro, surpresa, etc.

É, portanto, dentro do espaço destacado em (D) que serão analisadas as anáforas indiretas e a progressão tópica (tópico discursivo). Assim, limitando-nos a breves comentários sobre outros aspectos estruturais do fórum em si quando estes forem pertinentes para o assunto tratado.

CAPÍTULO 4: Anáforas indiretas em fórum digital: uma análise

4 - *Corpus* da pesquisa e procedimentos de análise

Nesta pesquisa analisaremos o fenômeno da anáfora indireta em fóruns de discussão *on-line*. A escolha de um gênero hipertextual deu-se a partir da percepção de que, embora o hipertexto esteja cada vez mais presente no cotidiano das pessoas, ainda faltam pesquisas a respeito das especificidades da linguagem nesse novo ambiente de interação social.

Assim, analisaremos anáforas indiretas em um conjunto de mensagens extraídas do site³¹ de domínio português relacionado a motocicletas.

Dentre os muitos tipos de fóruns pesquisados, foi selecionado o site português “*Motonline*”³², em cujo momento da pesquisa apresentava o maior e mais variado número de mensagens disponível no endereço eletrônico, contendo um espaço específico para o fórum sob o título de “Controlamos ou somos controlados?”

³¹ Disponível no endereço eletrônico http://forum.motonline.pt/forum_posts.asp?TID=5411

³² Site de domínio português disponível em <http://forum.motonline.pt/>

Das 32 mensagens existentes no tópico (*thread*) “Controlamos ou somos controlados”, obviamente, não será possível analisar as 7 mensagens apagadas, nem as mensagens de outros usuários que respondem às mensagens excluídas, fato esse que limitou o número de mensagens ‘analísáveis’ de 32 para apenas 10. Dessas 10 mensagens, selecionamos 5, tendo em vista o recorte empreendido nesta pesquisa de apenas serem consideradas, no curso das trocas de mensagens, anáforas indiretas relacionadas a um tópico presente na mensagem primeira (M1), conforme explicaremos adiante.

Optamos pela análise de fóruns de discussão de conteúdo moderadamente livre³³ e de acesso parcialmente irrestrito³⁴, uma vez que existem aqueles que tratam somente de assuntos muito específicos e/ou que exigem o registro e a autenticação dos usuários não só para postar mensagens, mas também para lê-las.

Para a análise propriamente dita, apresentaremos, primeiramente, a mensagem principal (M1) e faremos nessa mensagem a identificação do tópico discursivo, elemento que servirá de “âncora” para a introdução de referentes nas mensagens posteriores (M2, M3, M4, M5), bem como das anáforas indiretas contidas na M1 e, por conseguinte, construídas pelo autor da mensagem no desenvolvimento de seu discurso.

Em seguida, apresentaremos as mensagens constituídas em resposta à mensagem principal, a fim de identificar nessas mensagens (M2, M3, M4, M5)

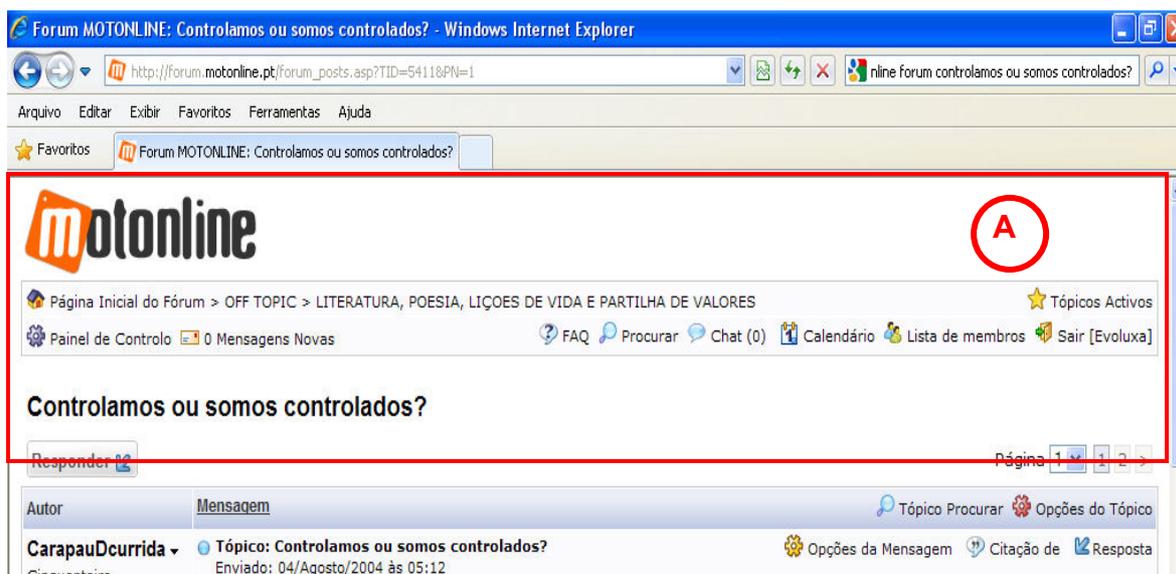
³³ Considerando-se a existência de *sites* tanto com “conteúdo totalmente livre”, nos quais são permitidas mensagens sobre qualquer assunto, quanto com “conteúdo moderado”, nos quais não são permitidas fugas do assunto do *site*.

³⁴ Considerando-se a existência de *sites* tanto de “acesso totalmente restrito”, nos quais são necessários registros e autenticações dos usuários para ler e postar mensagens, quanto “acesso irrestrito”, nos quais qualquer usuário pode ler e postar mensagens.

a constituição de anáforas indiretas, desta feita, por diferentes participantes do fórum no desenvolvimento do discurso iniciado pelo sujeito produtor de M1, esclarecendo, contudo, que não é nosso propósito empreender uma análise exaustiva do *corpus*.

Ressaltamos, ainda, que todas as pessoas têm acesso à leitura das mensagens publicadas em qualquer um dos tópicos (*thread*), mas apenas os usuários cadastrados e autenticados podem efetivamente criar tópicos e responder a eles, sendo, por isso, considerado um fórum de “acesso parcialmente irrestrito”, em oposição aos de “acesso restrito”, nos quais até mesmo para apenas ler as mensagens os usuários têm que ser cadastrados e efetuar o *login* em cada visita ao *site*.

O cabeçalho do fórum, destacado na **Figura 11** a seguir, apresenta alguns *links* que auxiliam a navegação pelo fórum: “FAQ”, que encaminha o usuário para um guia de ajuda; “Procurar”, que aciona uma ferramenta de busca interna do fórum; “Chat”, no qual os usuários podem interagir em tempo real; “Calendário”, que serve como uma agenda virtual, marcando os eventos do site; “Registrar”, que possibilita um visitante preencher um formulário composto por dados como nome real, idade, localização, nome ou apelido no fórum; *e-mail*, senha, etc – que dá ao internauta o status de usuário do site; e “Entrar”, no qual o usuário já previamente cadastrado pode fazer sua autenticação, ao fornecer o par compatível de *e-mail* e senha, além do *link* no logo do site que retoma a página inicial do “*Motonline*”:



4.1 – Análise

O usuário **CarapauDcurrida**, autor da mensagem inicial (**M1**), propõe uma discussão com pergunta-título “**Controlamos ou somos controlados?**”.

Na mensagem, o usuário determina um assunto a ser discutido, tópico discursivo que se desdobrará em outros subtópicos durante a discussão.

Segue abaixo o trecho³⁶ da mensagem inicial (M1), no qual o autor inicia sua proposta preparando o leitor para o fato de que apresentará um tema dividido em **dois subtemas**, como verificaremos no primeiro parágrafo:

³⁵ Print Screen da tela acessada em 07 de junho de 2009, às 09h49min, usando o software Internet Explorer como navegador.

³⁶ Lembrando que os trechos serão transcritos – exatamente como foram publicados por seus autores – para facilitar a leitura. Dessa forma, a presença ou não de algumas inconsistências gramaticais e ortográficas é de inteira responsabilidade do autor.

(...) um tema, não muito diferente do usual mas que me remete para duas situações, ligadas com o título deste tópico, e as quais irei discutir separadamente, (...)

Após uma ressalva a cerca da provável falta de brevidade/concisão de seu texto – considerado por ele mesmo como possivelmente “grande e enfadonho” –, o usuário apresenta os dois subtemas a serem discutidos: “dinheiro” e “sentimentos e atitudes”.

Na **Figura 12**, podemos notar que a “**Mensagem Inicial**” (M1) abre o tópico (*thread*) na qual o autor **CarapauDcurrida** propõe o assunto a ser discutido.

Forum MOTONLINE: Controlamos ou somos controlados? - Windows Internet Explorer

http://forum.motonline.pt/forum_posts.asp?TID=5411&PN=1

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Favorites Forum MOTONLINE: Controlamos ou somos controlados?

motonline

Página Inicial do Fórum > OFF TOPIC > LITERATURA, POESIA, LIÇÕES DE VIDA E PARTILHA DE VALORES

Tópicos Activos

Painel de Controlo 0 Mensagens Novas

FAQ Procurar Chat (0) Calendário Lista de membros Sair [Evoluxa]

Controlamos ou somos controlados?

Responder

Página 1 2 >

Autor Mensagem

Tópico Procurar Opções do Tópico

CarapauDcurrida Cinquenteiro

Opções da Mensagem Citação de Resposta

Enviado: 04/Agosto/2004 às 05:12

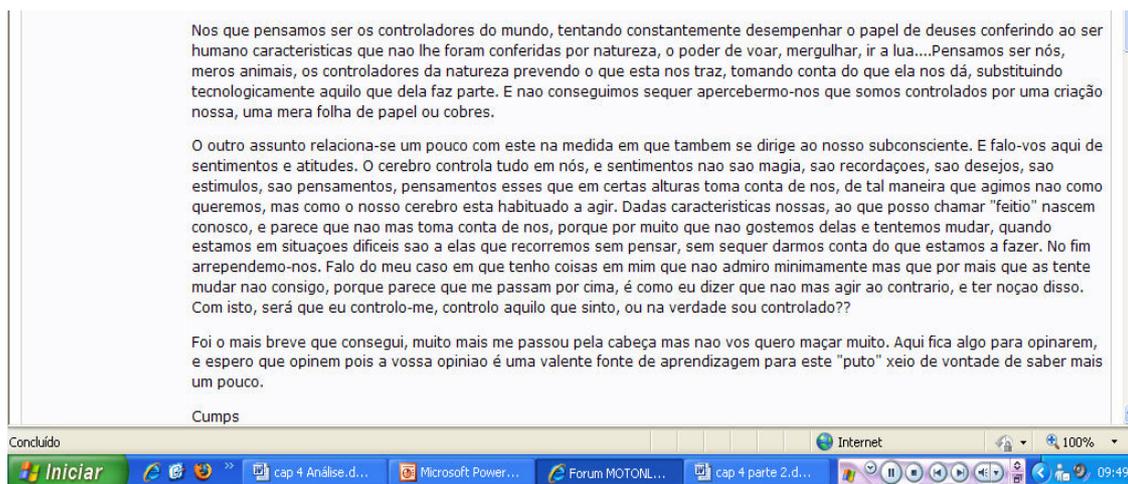


Data de adesão: 19/Setembro/2003
Estado: Offline
Mensagens: 388

Bem pessoal, hoje, depois de uma breve ausencia por estes lados, trago-vos um tema, nao muito diferente do usual mas que me remete para duas situações, ligadas com o titulo deste topico, e as quais irei discutir separadamente, o que pode vir a ser talvez grande e enfadonho, mas como ja disse anteriormente e volto a repetir, estou aqui pra desabafar e espor as minhas ideias, le quem tiver o dom da paciencia. 😊

O primeiro tema esta relacionado com o dinheiro, e penso que nao é muito dificil pensar-mos em como pode isso ser. Nunca vos passou pela cabeça que podemos estar a ser controlados em vez de controlarmos. Somos diariamente controlados por um nosso subconsciente que toma o nome de ganancia e ambição e que muitas vezes é representado com este simbolo €.

Tentamos evoluir de tal forma, tentamos progredir de tal forma e tantas vezes nao para o bem da humanidade, mas para obter lucro que chegamos a corromper o ser humano, aquilo que ele tem de melhor, transformando inteligencia em audacia, empenho em lucro, amor em dinheiro. Ha quem mate por dinheiro, ha quem morra por dinheiro. nao precisamos de ir muito longe, todos devem ter tido conhecimento do que se passou no paraguai.

(Figura 12)³⁷

Em **M1** “o dinheiro” é uma âncora para a introdução e a compreensão de novos referentes construídos no curso da interação entre os usuários no espaço virtual do fórum on-line. (cf. Xavier, 2002)

A expressão “o dinheiro” é um tópico posto em evidência em M1 e é em torno dele que se dá o desenvolvimento da discussão materializada inicialmente na mensagem mesma do sujeito que a produziu e nas mensagens seguintes dos outros sujeitos participantes do fórum. Além disso, “o dinheiro” possibilita a introdução de novos referentes no discurso cuja identificação está associada a esse termo. Esses referentes, como apenas estão associados ao termo, constituem anáforas indiretas ancoradas na expressão “o dinheiro”, conforme destacado em M1 a seguir:

³⁷ Print Screen da tela acessada em 07 de junho de 2009, às 09h49min, usando o software Internet Explorer como navegador.

O primeiro tema está relacionado com **o dinheiro**, e penso que não é muito difícil pensar-mos em como pode isso ser. Nunca vos passou pela cabeça que podemos estar a ser controlados em vez de controlarmos. Somos diariamente controlados por um nosso subconsciente que toma o nome de **ganância** e **ambição** e que muitas vezes é representado com este símbolo **€**. Tentamos evoluir de tal forma, tentamos progredir de tal forma e tantas vezes não para o bem da humanidade, mas para obter **lucro** que chegamos a corromper o ser humano, aquilo que ele tem de melhor, transformando inteligência em audácia, empenho em lucro, amor em dinheiro.

No trecho acima, identificamos quatro novos referentes relacionados ao termo âncora “o dinheiro”. São eles: “ganância”, “ambição”, “€” e “lucro”.

Esses objetos-de-discurso identificados em M1 são anáforas indiretas inferenciais, pois foram construídos de modo associado à expressão “o dinheiro”, exigindo do leitor/ participante do fórum a mobilização de conhecimentos de mundo entre os termos envolvidos para o estabelecimento da coerência do discurso.

Particularmente, em relação ao referente “€”, podemos dizer que na mensagem em questão o termo que serve de âncora “o dinheiro” é uma forma mais ampla e genérica, sendo, portanto, um hiperônimo, em relação ao nome da moeda Euro, representado apenas pelo símbolo “€”, uma forma mais específica e definida daquele, um hipônimo.

Ainda destacamos que, no trecho *mas para obter lucro que chegamos a corromper o ser humano, ajude o seu leitor/ focalize a informação*, o autor da mensagem continua sua argumentação, ativando o referente “lucro”, vinculado não só ao termo âncora, como também aos outros referentes introduzidos indiretamente “ganância”, “ambição”, “€”, em um movimento revelador da multilinearidade do texto.

Com base no termo âncora “o dinheiro” – bem como das anáforas indiretas introduzidas pelo próprio autor de M1 –, as mensagens seguintes (M2, M3, M4 e M5) também apresentam anáforas indiretas relacionadas ao termo âncora em destaque em M1.

A segunda mensagem (M2) apresentada a seguir foi postada pelo usuário *ramospe*.

Forum MOTONLINE: Controlamos ou somos controlados? - Windows Internet Explorer

http://forum.motonline.pt/forum_posts.asp?TID=5411

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Favoritos Forum MOTONLINE: Controlamos ou somos controlados?

ramospe ▾ Enviado: 04/Agosto/2004 às 15:05 Citação de Resposta

Aspirante a Motard



Data de adesão: 18/Setembro/2003
Estado: Offline
Mensagens: 2181

Amigo João

Infelizmente.....o homem como "único ser pensante e o único que tem o dom da fala" (pelo menos enquanto não se descobrir outras formas de vida exteriores) é o maior "predador de si mesmo e de tudo o que existe ao seu redor"desde que obtenha lucros.....

Dizes e bem que o homem atingiu uma proporção de tal modo "gigantesca".....que se considera como "Deus".....

Todas as pessoas têm a profunda consciência disso.....interesses atrai interesses....dinheiro atrai dinheiro, gera riqueza para alguns.....pobreza para outros.....e assim por diante.....

A partir daqui iria descambar na política, nas superpotências, no poder ditatorial instituído, das leis feitas á medida conforme as classes sociais.....etc....

Mas páro por aqui.....

O que vou falar mais é sobre a tua 2ª parte: Sentimentos e atitudes

O cérebro reage a estímulos neuro-sensoriais psico-motores activados pela nossa mente, pelo nosso intelecto.....

Nós por preguiça mental, por conveniência assumida somos "pessimistas por natureza".....

É mais fácil dizer mal.....do que sugerir o que se podia fazer melhor.....mas isso iria colocar a nossa mente a "pensar".....e seria "desgastante".....

João: o "feito" não nasce connosco.....é desenvolvido a partir de experiências vividas umas más ou melhores....e o nosso intelecto "molda-se em torno das respostas às vivências".....

Agora para tudo isso existe o "treino psicológico"....e não é nada de transcendente:

Normalmente em qualquer situação.....deverias pensar primeiro...e depois reagir.....

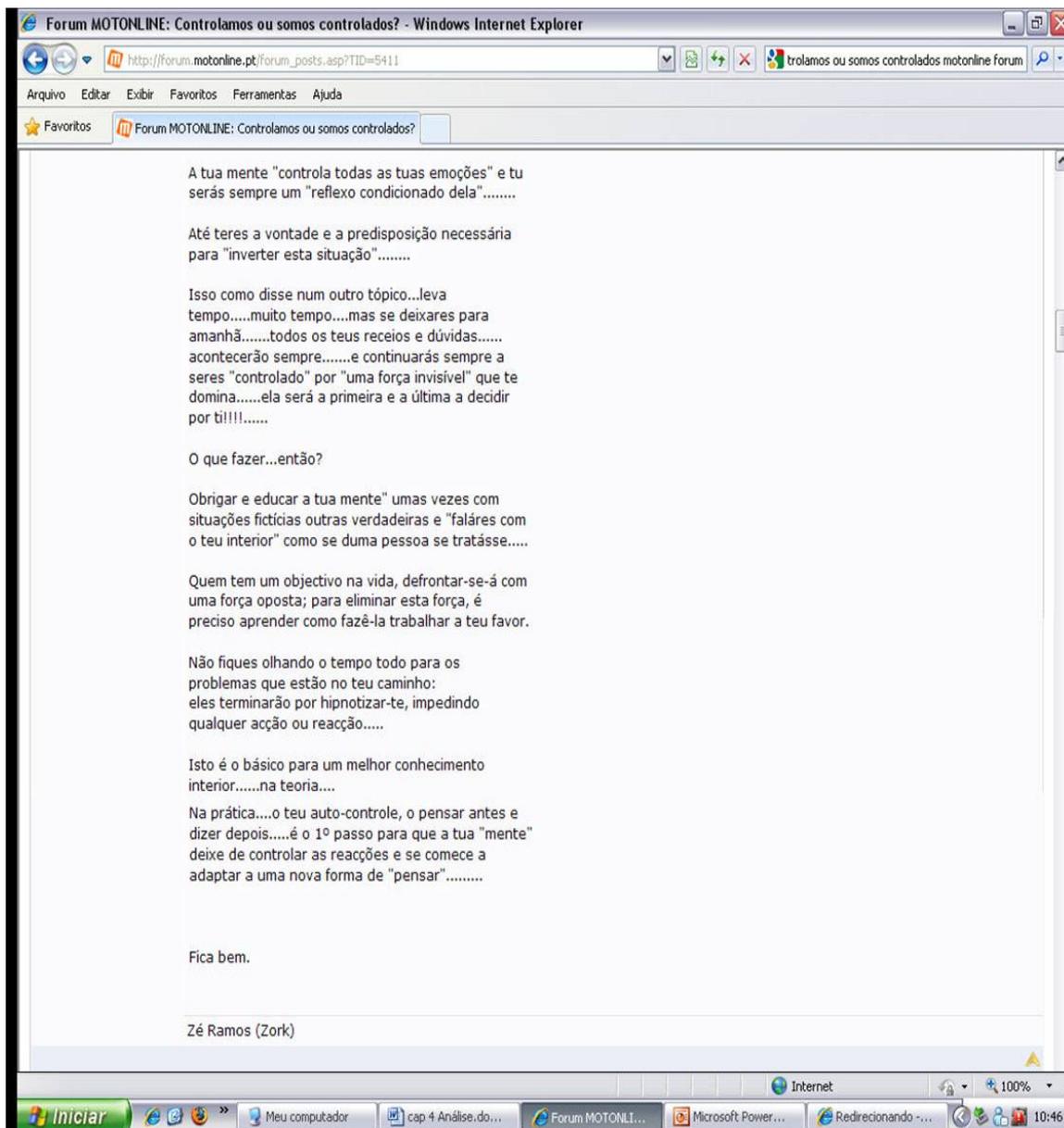
Mas por comodidade do próprio ser....é mais fácil "reagir" do que pensar.....

E na maior parte das vezes.....deparamo-nos com situações..tipo:

Ah.....se tivesse pensado melhor...nada disto tinha acontecido!!!!!!.....

Para responder directamente à tua questão diria assim:

A tua mente "controla todas as tuas emoções" e tu serás sempre um "reflexo condicionado dela".....

(Figura 13)³⁸

Em **M2** identificamos as seguintes anáforas indiretas destacadas no trecho a seguir:

Todas as pessoas têm a profunda consciência disso.....**interesses** atrai interesses....dinheiro atrai dinheiro, gera **riqueza** para alguns.....**pobreza** para outros....e assim por diante.....

³⁸ Print Screen da tela acessada em 07 de junho de 2009, às 10h46min, usando o software Internet Explorer como navegador.

A partir daqui iria descambar na política, nas superpotências, no poder ditatorial instituído, das leis feitas á medida conforme as classes sociais....etc.... Mas páro por aqui.....

As anáforas indiretas “interesses”, “riqueza” e “pobreza”, construídas pelo usuário **Ramospe** em M2, também encontram-se ancoradas na expressão “o dinheiro” introduzida em M1.

Acrescentamos que, na interação com o usuário **CarapauDcurrida**, produtor de M1, **ramospe**, produtor de M2, sugere ao leitor uma avaliação negativa em relação a “o dinheiro”, quando, baseado nessa âncora, especificamente introduz o objeto-de-discurso “interesses”.

Sobre essa questão podemos retomar as considerações de Marcuschi (2007:68) ao afirmar que *a linguagem é uma atividade constitutiva e não uma forma de representar a realidade; mais que um retrato, a língua é um trato da realidade. Mais que um portador de sentido, a língua seria um guia de sentidos, como lembra Salomão (1999), e por isso mesmo ela é insuficiente. É na interação social que emergem as significações.*

No curso da atividade interacional, ao introduzir os referentes “interesses”, “riqueza” e “pobreza”, o usuário **ramospe** também mantém em foco o termo – âncora “o dinheiro” proposto por **CarapauDcurrida** em **M1**, dando continuidade, assim, à centração do tópico discursivo proposto por ele. (cf. Jubran, 2006)

Isso nos permite afirmar, com base em Koch (2002), que as anáforas indiretas são muito ligadas às inferências e conhecimentos conceituais e de mundo que cada indivíduo traz armazenado na memória.

Também é preciso comentar que, além dos casos de anáforas indiretas postos em evidência em M2, identificamos outras anáforas indiretas tais como “política”, “superpotências”, “poder ditatorial instituído” e “classes sociais”, relacionadas à “riqueza” e à “pobreza”. Porém, considerando o critério da centração tópica (cf. Koch & Penna, 2006), não os consideramos em nossa análise.

Aliás, o nosso procedimento encontra-se respaldado nas palavras mesmas do autor de M2, quando este, ciente de que a inserção dos novos referentes no discurso poderia “desviar” o foco do tópico proposto, favorecendo, desse modo, a entrada para outros assuntos, se policia e resolve “parar por aqui”, evitando, assim, um possível deslocamento em relação ao tópico discursivo em destaque.

Na terceira mensagem (**M3**) a seguir, um novo usuário, **B12**, publica uma mensagem em resposta à **M1** e **M2**.

Forum MOTONLINE: Controlamos ou somos controlados? - Windows Internet Explorer

http://forum.motonline.pt/forum_posts.asp?TID=5411&PN=1

Favorites Forum MOTONLINE: Controlamos ou somos controlados?

B12 - Enviado: 05/Agosto/2004 às 17:59 Citação de Resposta

Conductor de Fim-de-Semana

★★★★★



Racer da Serafina

Data de adesão: 18/Setembro/2003

País: Portugal

Estado: Offline

Mensagens: 739

WWWWAAAAZZUUUUPPPPPPPPP

Ola a todos, acabei de ler os longos textos e concordei com muita coisa e discordei com outro tanto, mas para não baralhar e apenas focalizar o cerne da questão passo a opinar:

A primeira reflexão do CarapauDcorrida é referente ao dinheiro e a sua importancia na sociedade.A meu ver á um mal necessário, o dinheiro á uma forma de troca, antigamente trocavam 20 ovos por 1 galinha e 3 galinhas por um presunto,mas o dinheiro foi inventado e agora é o meio de troca, e é um método de quantificação de trabalho.O problema é o seguinte, o animal humano por ser um ser pensante não deixa de ser animal, e tem tendencias normais que lhe são inerentes que no caso aplicado é a COMPETIÇÃO.Todos os animais competem por qualquer coisa seja comida, parceira/o ou mesmo por um lugar á sombra.Isto levanta um problema, é que na sociedade onde estamos somos avaliados pelo que temos e pelo dinheiro que temos.Logo, toda a gente quer ter mais dinheiro e compete por ter mais dinheiro para ESTAR MELHOR.E é aqui que pecam, no "estar melhor", porque a ideia que com dinheiro estamos melhor é estremamente enganosa, um rico pode ser triste a vida inteira.O tal rico que é patrão do Mourinho, pode ter imenso dinheiro mas nunca vai conseguir comprar os sentimentos das outras pessoas, ele tem que lutar como eu e como tu para conseguir a mulher que ama, nunca a vai conseguir comprar.

Resumidamente, todos precisamos de dinheiro, mas a competição faz-nos querer mais e mais, mas no fundo não nos leva a lado nenhum.No entanto nações invadem e fazem guerras de forma a serem mais ricas...

PS:Para o post não ser muito grande decidi postar noutro post acerca da segunda parte do primeiro post do CarapauDcorrida hehehe post post post 😊

GAME OVER... insert coin

(Figura 14)³⁹

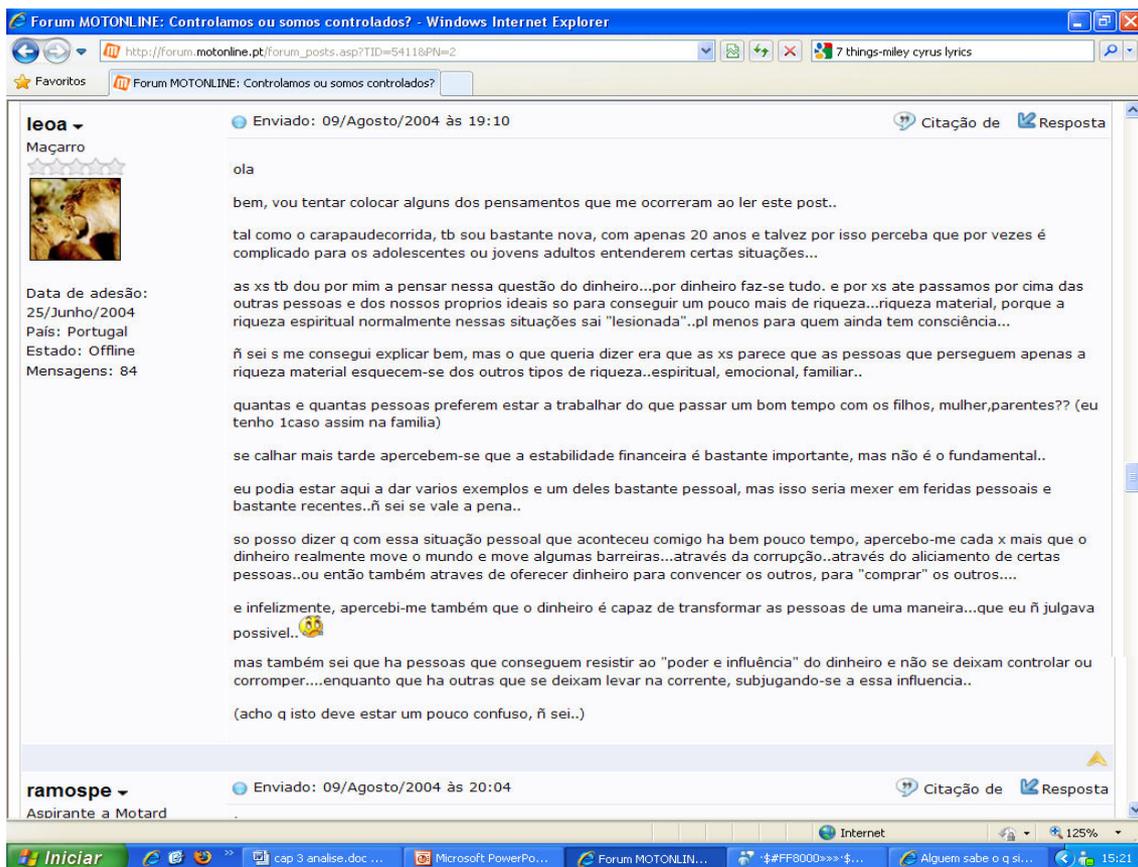
Em **M3**, o usuário **B12** introduz novos referentes no discurso ancorados no termo “o dinheiro”, conforme destacado:

A primeira reflexão do CarapauDcorrida é referente a **o dinheiro** e a sua importância na sociedade. A meu ver há um mal necessário, o dinheiro é uma forma de troca, antigamente trocavam 20 ovos por 1 galinha e 3 galinhas por um presunto, mas o dinheiro foi inventado e agora é o meio de troca, e é um método de quantificação de trabalho. (...) E é aqui que pecam, no "estar melhor", porque a ideia que com dinheiro estamos melhor é extremamente enganosa, **um rico** ode ser triste a vida inteira.

A anáfora indireta “um rico” está cognitivamente ancorada tanto em “o dinheiro”, termo âncora apresentado em **M1**, como no referente “riqueza” introduzido pelo usuário **ramospe** em **M2**. Nas palavras de Marcuschi (2005:58), as anáforas indiretas *ativam novos referentes dentro da progressão textual, mantendo claras relações semânticas e cognitivas com outros referentes já explicitados*.

A quarta mensagem (**M4**), a seguir, foi publicada pela usuária **leoa**, em resposta tanto a pergunta-título do tópico (*thread*) quanto às mensagens anteriores (**M1**, **M2** e **M3**).

³⁹ Print Screen da tela acessada em 07 de junho de 2009, às 09h49min, usando o software Internet Explorer como navegador.

(Figura 15)⁴⁰

Em **M4**, identificamos as anáforas indiretas em destaque a seguir cuja constituição está ancorada na expressão “o dinheiro”:

as xs tb dou por mim a pensar nessa questão do dinheiro... por dinheiro faz-se tudo. e por xs ate passamos por cima das outras pessoas e dos nossos proprios ideais so para conseguir um pouco mais de riqueza...riqueza material, porque a riqueza espiritual normalmente nessas situações sai "lesionada"..pl menos para quem ainda tem consciência... (...) se calhar mais tarde apercebem-se que a estabilidade financeira bastante importante, mas não é o fundamental... (...) so posso dizer q com essa situação pessoal que aconteceu comigo ha bem pouco tempo, apercebo-me cada x mais que o dinheiro realmente move o mundo e move algumas barreiras...através da corrupção..através do aliciamento de certas pessoas..ou então também

⁴⁰ Print Screen da tela acessada em 07 de junho de 2009, às 15h21min, usando o software Internet Explorer como navegador.

atraves de oferecer dinheiro para convencer os outros, para "comprar" os outros.... (...) mas também sei que ha pessoas que conseguem resistir ao "poder e influencia" do dinheiro não se deixam controlar ou corromper... enquanto que ha outras que se deixam levar na corrente, subjugando-se a essa influencia.

As expressões nominais “riqueza material”, “estabilidade financeira” e “corrupção” são casos de anáfora indireta, pois a sua identificação depende de inferências produzidas pelo autor/leitor, tendo como base a expressão textual “o dinheiro” apresentada em M1. Essas anáforas indiretas demandam dos leitores-participantes do fórum a ativação de conhecimentos para o estabelecimento da relação de causa-conseqüência entre as anáforas em questão e o termo âncora.

A quinta mensagem (**M5**) a seguir foi também postada pelo usuário **ramospe** em resposta à usuária **leoa**, autora de **M4**.

(Figura 16)⁴¹

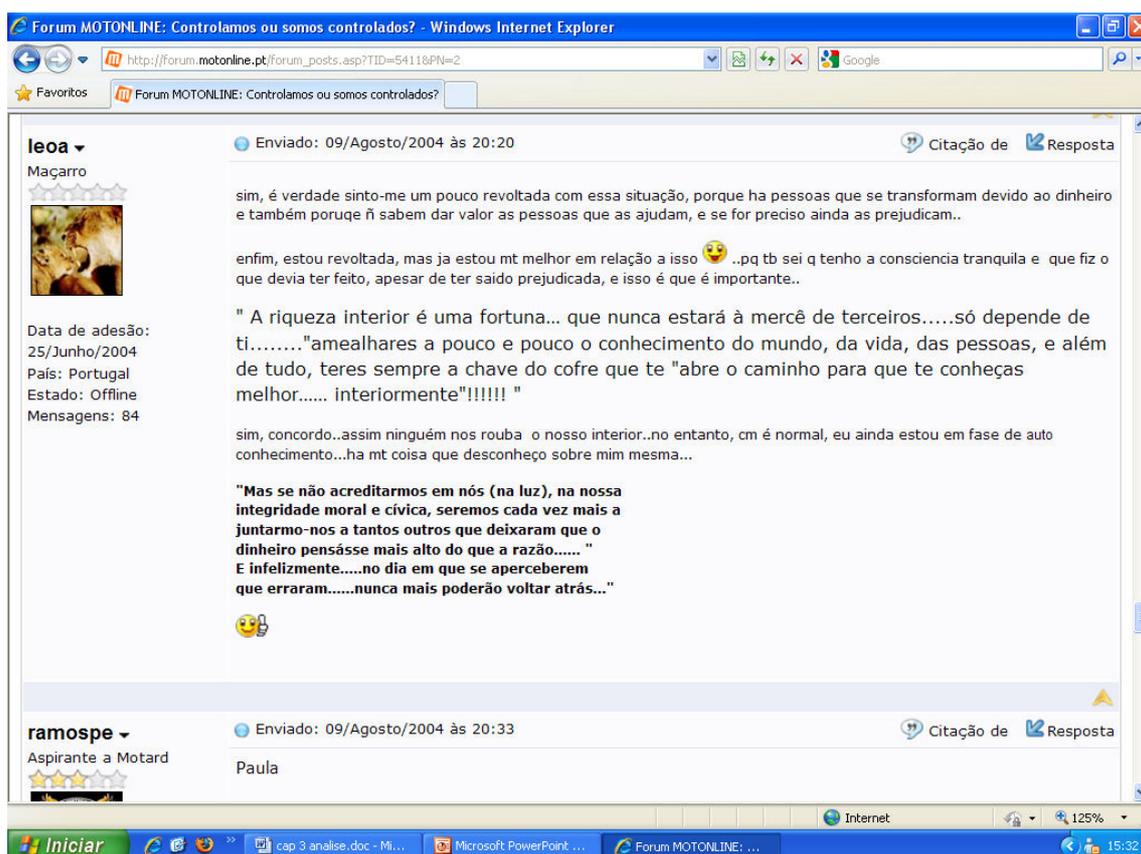
Em **M5**, identificamos os casos de anáforas indiretas ancorados em “o dinheiro” (**M1**) e que estão destacados a seguir:

Se em vez de enchermos **os bolsos**, enchermos a cabeça, nunca seremos roubados..... A riqueza interior é uma fortuna... que nunca estará à mercê de terceiros.....só depende de ti..... "amealhares a pouco e pouco o conhecimento do mundo, da vida, das pessoas, e além de tudo, teres sempre **a chave do cofre** que te "abre o caminho para que te conheças

⁴¹ Print Screen da tela acessada em 08 de junho de 2009, às 14h54min, usando o software Internet Explorer como navegador.

melhor...interiormente"!!!!!!

A anáfora indireta “os bolsos” solicita a ativação na memória do leitor do conhecimento de mundo de que o dinheiro ser pode guardado nos bolsos. Solicitação semelhante acontece também em relação à anáfora indireta “a chave do cofre”, pois o leitor precisa ativar em seu conhecimento de mundo a utilidade primária de um cofre, que é guardar com segurança o dinheiro propriamente dito ou então elementos de valor que, portanto, valem muito dinheiro.



(Figura 17)⁴²

⁴² Print Screen da tela acessada em 08 de junho de 2009, às 15h32min, usando o software Internet Explorer como navegador.

De modo geral, na identificação e análise de anáforas indiretas nas cinco mensagens selecionadas do fórum digital, percebemos que a compreensão dessas anáforas e, conseqüentemente, do discurso em sua globalidade está na “dependência interpretativa” em relação ao **termo âncora** “o dinheiro”, pois é o termo âncora que possibilita, de acordo com Marcuschi (2005), *a introdução de novos referentes e a continuação da relação referencial global*.

Ainda a análise possibilita afirmar que as anáforas indiretas são responsáveis pela progressão textual e, nesse sentido, convém ressaltar, como o faz Koch (2002: 84) que *o processamento textual se dá numa oscilação entre vários movimentos: um para frente (projetivo) e outro para trás (retrospectivo), representáveis parcialmente pela catáfora e pela anáfora. Além disso, há movimentos abruptos, há fusões, alusões, etc. em sentido estrito, pode-se dizer que a progressão textual se dá com base no já dito, no que será dito e no que é sugerido, que se co-determinam progressivamente*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho, fundamentado em uma visão sóciocognitiva-interacional da linguagem, teve como objetivo uma análise do fenômeno da referenciação, especificamente, da anáfora indireta, na escrita hipertextual de fórum digital.

A fim de atender ao nosso objetivo, selecionamos um fórum digital constituído na rede mundial de computadores e, desse fórum, extraímos mensagens produzidas por participantes no curso da discussão de um determinado tópico discursivo. Em nossa análise, verificamos que, ao interagirem em fórum digital, os interactantes construíram anáfora cujo referente não pode ser localizado pontualmente no texto, visto que está apenas sugerido na memória discursiva ou no cotexto por meio de palavras ou expressões que servem de “âncoras”. Tais anáforas, longe de comprometer a interação, assinalaram a multilinearidade constitutiva do texto e contribuíram para a progressão textual e o plano da coerência global.

A opção pelas anáforas indiretas justificou-se pelo fato de que, como afirma Marcuschi (2005:54), elas representam cerca de 60% das anáforas encontradas nos textos, além de representar um desafio teórico que obriga a abandonar a maioria das noções estreitas de anáfora, ameaçando, inclusive, noções de texto e coerência em voga atualmente.

Os resultados da análise indicaram que novos referentes são continuamente introduzidos nas mensagens publicadas pelos participantes do

fórum e têm a sua introdução ancorada em uma relação de dependência interpretativa com uma expressão presente no texto que lhe serve de “âncora”.

É com base na associação que se pode estabelecer entre o referente e o termo âncora que os interactantes garantem a progressão do tópico em andamento e a coerência textual. Na análise do *corpus*, verificamos que o tópico discursivo “o dinheiro” é um termo que também serve de âncora para a introdução de novos referentes a ele associados, como, por exemplo, *ganancia, ambição, euro e lucro* em **M1**; *interesses, riqueza, pobreza* em **M2**; *um rico* em **M3**; *riqueza material, a estabilidade financeira, a corrupção* em **M4**; *os bolsos, a chave do cofre* em **M5**.

Ainda com base nos resultados obtidos, podemos dizer que “o dinheiro”, ao mesmo tempo em que serviu de âncora para a constituição de anáforas indiretas, também serviu de tópico discursivo. Desse modo, a pesquisa que realizamos abre possibilidades para novas investigações que se voltem para a compreensão da relação entre tópico discursivo e anáforas indiretas.

De modo geral, os resultados da análise permitem afirmar que as anáforas indiretas são um importante mecanismo de progressão e de coerência do texto, pois possibilitam a introdução de referentes novos, sem, no entanto, alterar a centração do tópico discursivo (cf. Jubran, 2006; Marcuschi & Penna, 2006; e Pinheiro, 2006).

Para finalizar, cabe salientar que alguns estudos sobre anáfora indireta já existem e em número expressivo. Entretanto, estudar esse fenômeno na escrita hipertextual e, em particular, em fóruns digitais, é um recorte ainda muito pouco explorado na literatura sobre o tema.

O presente estudo que por ora finalizamos tem a sua importância justamente no fato de colocar em evidência a anáfora indireta em um discurso elaborado por muitas mãos e com todos os demais traços que são peculiares à escrita hipertextual. Como atualmente a prática da participação em fóruns na internet é incorporada à nossa vida, necessário se faz que essa escrita seja objeto de estudo em sala de aula, quer do ponto da sua produção no ambiente digital, quer do ponto da leitura e compreensão. É nesse sentido que acreditamos que esta pesquisa se apresenta como uma contribuição para o ensino da língua portuguesa no tocante especialmente à escrita e à produção de sentido de textos em ambientes virtuais de interação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOTHÉLOZ, D. **Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual**. In: CAVALCANTE; RODRIGUES; CIULLA. *Referenciação*. São Paulo: Contexto. (2003)

_____ ; CHANET, C. **Definido e demonstrativo nas nomeações**. In: CAVALCANTE; RODRIGUES; CIULLA. *Referenciação*. São Paulo: Contexto. (2003)

BAKHTIN, M. **Gêneros do discurso**. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BENVENISTE, E. **Problemas da lingüística geral I**. Campinas, Pontes, 1988

_____. **Problemas da lingüística geral II**. Campinas, Pontes, 1989

CARDOSO, S.H.B. **A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão de discursos**. Campinas: Editora Autores Associados, 2003.

CAVALCANTE, M.M. **Anáforas indiretas e relações lexicais.** Grupo PROTEXTO (Grupo de Pesquisa em Lingüística – UFC). Fortaleza: 2005a. CD-ROM.

CAVALCANTE, M.M. **Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram.**
KOCH, I.V.; MORATO, E.M. & BENTES, A.C. *Referenciação e discurso.* São Paulo, Editora Contexto, 2005b p. 125-150

CONTE, M.E. **Encapsulamento Anafórico.** In: CAVALCANTE; RODRIGUES-BIASI, CIULLA. **Referenciação.** São Paulo: Contexto, 2003

CRESCITELLI; GERALDINI; QUEVEDO; **Gênero fórum educacional digital**
In: BASTOS. *Língua Portuguesa: lusofonia – memória e diversidade cultural.*
São Paulo, EDUC, 2008.

CRYSTAL, D. **Language of the Web.** In: CRYSTAL, D. *Language and the Internet.* Cambridge Univrsity Press, 2001.

ELIAS, V.M.S **Do hipertexto ao texto: uma metodologia para o ensino de Língua Portuguesa a distância.** São Paulo, 2000 (Tese de Doutorado em Língua Portuguesa) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ESPERET, E. **Notes on Hypertext, Cognition, and Language.** In: ROUET, J.F. *Hypertext and cognition.* Lawrence Erlbaum Associates, 1996

FRANCIS, G. **Rotulação do discurso: Um aspecto da coesão lexical de grupos nominais.** In: CAVALCANTE; RODRIGUES-BIASI, CIULLA. **Referenciação.** São Paulo: Contexto, 2003.

FREGE, G. **Lógica e filosofia da linguagem.** São Paulo: Cultrix, 1978

HALLIDAY, M.A.K. **Estrutura e função da linguagem.** In: LYONS, J. (org.) *Novos Horizontes da Lingüística.* São Paulo: Cultrix, 1976 p. 134-160

_____. **As bases funcionais da linguagem.** In: DASCAL, M. (org) *Fundamentos teóricos da Lingüística.* São Paulo: Global vol. I, 1978.

ILARI, R. **Alguns problemas no estudo da anáfora textual.** In: KOCH, I.V.; MORATO, E.M. & BENTES, A.C. *Referenciação e discurso.* São Paulo, Editora Contexto, 2005 p. 103-124

JAKOBSON, R. **Linguistique et poétique.** *Essais de linguistique générale.* Paris, Ed. Minuit, 1963 p.209-48.

JUBRAN, C.C.A. **Revisitando a noção de tópico discursivo.** In: Cadernos de Estudos Lingüísticos. *O tópico discursivo*, 48: 7-22. Campinas, 2006

KOCH, I.G.V. **Introdução à Lingüística Textual: trajetória e grandes temas.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Referenciação e orientação argumentativa.** In: KOCH, I.G.V.; MORATO, E.M. & BENTES, A.C. *Referenciação e discurso.* São Paulo, Editora Contexto, 2005 p. 33-52

_____. **Tramas do texto.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2008

_____; CAVALCANTE, M.M. **Acessibilidade de referentes no discurso.** In: Cavalcante, Mônica Magalhães et al.. (Org.). *Texto e discurso sob múltiplos olhares: referenciação e outros domínios discursivos.* 1 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, v. 2, p. 9-39

_____; CUNHA-LIMA **Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo.** In: BENTES & MUSSALIN. *Introdução a lingüística* São Paulo: Cortez, 2004.

_____; ELIAS, V.M. **Ler e Compreender: os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2006.

_____; ELIAS, V.M. **Ler e Escrever: Estratégias de produção de texto.** São Paulo: Contexto, 2009.

_____; MARCUSCHI, L.A. **Processos de Referenciação na produção discursiva.** In: DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. V.14 n. especial São Paulo: 1998. <disponível no site da Internet http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300012 acessado em 20/08/2008>

_____ ; PENNA, M.A.O. **Construção/reconstrução de objetos-de-discurso: manutenção tópico e progressão textual.** In: Cadernos de Estudos Lingüísticos. *O tópico discursivo*, 48: 7-22. Campinas, 2006

KOMESU, F. **Pensar em Hipertexto.** In: ARAUJO, J.C. & BIASI-RODRIGUES, B. (orgs). *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

KRIPKE, S.A. **Naming and necessity.** In: *Semantics of natural language.* New York: Department of Philosophy, The Rockefeller University, 1972. p. 253-355.

LIMA, M.L. **Referenciação e investigação do processo cognitivo: o exemplo do indefinido anafórico.** In: KOCH, I.V.; MORATO, E.M. & BENTES, A.C. *Referenciação e discurso.* São Paulo, Editora Contexto, 2005 p. 197-218

MARCUSCHI, L. A. **Atos de referenciação na interação face a face.** In: KOCH, I. e MORATO, E. (Orgs.). *Cadernos de Estudos Lingüísticos.* Campinas, Nº.41.jul/dez 2001.

_____. **Gêneros digitais emergentes no contexto da tecnologia digital.** In MARCUSCHI & XAVIER. *Hipertexto e gêneros digitais.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. **Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras.** In: KOCH, I.V.; MORATO, E.M. & BENTES, A.C. *Referenciação e discurso*. São Paulo, Editora Contexto, 2005 p. 53-101

_____. **Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais.** In: Cadernos de Estudos Lingüísticos. *O tópico discursivo*, 48: 7-22. Campinas, 2006

_____. **“Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa”** In: *Cognição, Linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007

MENEZES, M.S. **Continuidades referenciais sem retomada: um trabalho com anáforas indiretas, associativas e esquemáticas.** Teresina, 2006. (Dissertação de Mestrado Acadêmico em Letras) Universidade Federal do Piauí.

MILNER, J.C. **Ordres et Raisons de Langue.** Paris: Seuil, 1982

MONDADA, L. & DUBOIS, D. **Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação.** In: CAVALCANTE; RODRIGUES; CIULLA. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

PAIVA, V. L. M. O. **Comunidades Virtuais de aprendizagem e colaboração.** In: II ENALHC, 2005, Cáceres. Caderno de Resumos, 2005. p. 20-20. <disponível no site da Internet <http://cursoyai.googlepages.com/comunidadesVirtuais.pdf> acessado em 18/10/2008>

_____ ; RODRIGUES-JÚNIOR, A. S. **O Footing do moderador em fóruns educacionais.** In: ARAÚJO, J. C. **Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007 <disponível no site da Internet <http://www.veramenezes.com/moderador.pdf> acessado em 18/10/2008>

PENNA, M.A.O. **Construção de sentidos por formas nominais referenciais: anáforas associativas; rotulações e (re)categorizações.** In: Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, IEL/UNICAMP, n. 35. (2006)

PINHEIRO, C.L. **O tópico discursivo como categoria analítica textual-interativa.** In: Cadernos de Estudos Lingüísticos. *O tópico discursivo*, 48: 7-22. Campinas, 2006

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral.** São Paulo: Cultrix, 1971.

SILVA, F. **A dimensão cognitiva na anáfora associativa: um exemplo.** In: Actas do I Encontro Internacional de Linguística Cognitiva, Porto: FLUP, 1999,

pp. 253-268. <disponível no site da Internet
<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4516.pdf> acessado em 18/10/2008>

VOLOSHINOV (BAKHTIN) **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

WEEDWOOD, B. **História Concisa da Lingüística**. São Paulo: Parábola, 1995.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus lógico-philosophicus**. São Paulo: EDUSP, 1922.

_____. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Abril Cultural (Série Os Pensadores), 1984.

XAVIER, A.C. **Leitura, texto e hipertexto**. In: MARCUSCHI & XAVIER. *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004

_____; SANTOS, C. F. **E-fórum na internet: um gênero digital**. In: BIASI-RODRIGUES; ARAÚJO. (Org.). *Interação na Internet: Novas formas de usar a linguagem*. 1 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)